

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

MARCOS DE ALMEIDA

**A crise do meio ambiente e a teologia de
Leonardo Boff: uma resposta na perspectiva da
teologia evangelical**

São Paulo

2007

MARCOS DE ALMEIDA

**A crise do meio ambiente e a teologia de
Leonardo Boff: uma resposta na perspectiva da
teologia evangelical**

Dissertação apresentada para o curso de
Mestrado em Ciências da Religião da
Universidade Presbiteriana Mackenzie, como
requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Ciências da Religião.

Orientador Prof. Dr. Carlos Ribeiro Caldas Filho

São Paulo

2007

Almeida, Marcos de

Análise do pensamento de Leonardo Boff na discussão da ecoteologia /
Marcos de Almeida. – 2007. 147 f. 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - da Universidade
Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007.

Bibliografia: f. 139-147

1. Ecologia- ecoteologia. 2. Teologia. 3. Meio ambiente.

MARCOS DE ALMEIDA

**A crise ecológica e a teologia de Leonardo Boff: uma resposta na
perspectiva da teologia evangelical**

Dissertação apresentada para o curso de Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Religião.

Aprovada em dezembro de 2007

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Ribeiro Caldas Filho
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Edson Pereira Lopes
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Geoval Jacinto da Silva
Universidade Metodista de São Paulo

À minha amada e querida esposa
Ivelise, preciosa, sempre presente em
incentivo e apoio, e nas incontáveis
horas de trabalho, sempre paciente e
carinhosa.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus Todo poderoso, criador de todas as coisas, pela capacitação, força e pela sabedoria que nos concedeu, sempre presente no percurso desta caminhada.

Ao Dr. Carlos Ribeiro Caldas Filho, minha gratidão por ter sido orientador persistente e também amigo, o qual, com sabedoria e atenção contribuiu para a realização desta modesta pesquisa, e na sua sempre paciência nos conduziu refletindo sua competência e amabilidade.

Aos meus pais, que por muito tempo cuidaram de nós e sempre nos incentivaram nesta caminhada acadêmica.

Aos pastores Benedito Sergio Lourenço e Paulo Marcio Cirelli, da IBEC, discipuladores, que investiram em minha vida nestes anos de ministério, e demonstraram compreensão nos diversos momentos de ausência para a pesquisa.

Aos diversos irmãos da IBEC pelo incentivo constante, em particular cito Douglas Vaz Benitez pelas incontáveis palavras de incentivo, pelo sempre ombro amigo.

Ao Prof. Dr. Lourenço Stélio Rega que me introduziu no ambiente acadêmico e me despertou para o tema da pesquisa.

Aos professores e funcionários da graduação e pós-graduação Mackenzie pelo incentivo à realização desta pesquisa.

Ao Fundo Mackenzie de Pesquisa pelo apoio dispensado, sempre incentivando a prática da investigação, financiando pesquisas desenvolvidas nesta instituição.

Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos. Um dia discursa a outro dia, e uma noite revela conhecimento a outra noite. Não há linguagem, nem há palavras, e deles não se ouve nenhum som; no entanto, por toda a terra se faz ouvir a sua voz, e as suas palavras, até aos confins do mundo. Aí, pôs uma tenda para o sol (Salmo 19.1-4).

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre a situação crítica de nosso planeta, sob a perspectiva do pensamento teológico de Leonardo Boff e da teologia evangelical. Temos plena consciência da crise ecológica será ampliada nos próximos anos e todos testemunharão a fúria dos ecossistemas maltratados. A degradação do ecossistema é gerada pelas pessoas. Neste sentido, há uma urgente necessidade de instrumentos eficazes que possam operar mais profundamente no interior das pessoas para levá-las a uma real conscientização de ação efetiva para a conservação do meio ambiente. A humanidade enveredou pelo caminho da competição, resultando assim, numa desconexão com a vida. O ser está alienado racionalmente da condição natural do seu próprio lar. A conclusão é que a educação falhou no sentido da ineficiência de uma pedagogia eficaz no campo da preservação e manutenção. Neste sentido, a religião tem que ser parte da solução frente a crescente crise ambiental. Surge ao desafio, o de construir uma sociedade justa e ambientalmente saudável. Para isto deve-se restabelecer a espiritualidade como parceira em um diálogo com a ciência. Particularmente, entendemos que o cristianismo tem a capacidade de formar uma cosmovisão, a competência para estabelecer uma autoridade moral, a facilidade em estabelecer uma base ampla de membros, e a capacidade de desenvolvimento comunitário. Diante de diversas abordagens teológicas, o escrito de Leonardo Boff sobre ecologia apresenta uma proposta contextualizada e que merece análise. Em contra posição, a teologia evangelical propõe uma resposta ao problema, de modo a manter uma pedagogia com bases na doutrina cristã evangelical. Entendemos que o cristianismo tem como engajar os fiéis em relacionamentos bilaterais, inspirá-los a viver uma vida moral e uma tremenda capacidade de dar significado a vida. Porém, destaca-se outra crise, a saber, a demora na percepção do atual problema: o planeta está morrendo. Conseqüentemente, uma absurda demora em se envolver nas questões ecológicas e efetivamente se engajar na promoção de um mundo sustentável.

ABSTRACT

This research aims to reflect on the critical situation of our planet, from the Leonardo Boff's theological thought and the evangelical theology perspectives. We are fully aware that the ecological crisis will be expanded in the coming years and the whole world will be a witness of the wrath of a wounded ecosystem. The ecosystem degradation is generated by people themselves. Therefore, there is an urgent need for effective tools that can operate more deeply inside people in order to carry them into a real understanding of effective actions on environmental care. The humankind has chosen the path of competition, that leads to disconnection with the life. People are rationally alienated of its home natural condition. The conclusion is that the educational system has failed on the efficiency of an effective teaching on the preservation and maintenance fields. In this direction, the Religion has to be part of the solution, facing the growing environmental crisis. Here is the challenge, to build a fair and environmentally healthy society. For this, we should reestablish the spirituality as a partner, in a dialogue with the Science. Particularly, we believe the Christianity has the capacity to build a cosmovision, the competence to establish a moral authority, the facility to establish an ample base of members, and the ability to develop communities. Ahead of many theological approaches, the writing of Leonardo Boff on ecology submits a contextualized proposition that deserves attention. In a different way, the evangelical theology proposes an answer to the problem, in order to maintain a pedagogical teaching that holds its bases on the evangelical Christian doctrine. We understand that the Christianity has strength to engage believers in bilateral relationships, and inspire them to live a moral life, and has a tremendous ability to give meaning to life. However, another crisis outbursts, the delay in perceiving the current problem: the planet is dying. Consequently, a huge delay in getting involved on environmental matters, and effectively engaging in the promotion of a sustainable world.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 A CRISE ECOLÓGICA E UM PANORAMA DAS VÁRIAS ABORDAGENS TEOLÓGICAS	18
1.1 Ecologia: uma crise sem precedentes	18
1.2 A influência da modernidade no abuso da natureza	20
1.3 A contribuição do materialismo para a crise ecológica	22
1.4 O planeta em risco de morte	24
1.5 Como está o planeta Terra	26
1.6 Teologia: as diversas abordagens	31
1.6.1 Teologia bíblica	31
1.6.2 Teologia evangelical	35
1.6.3 Teologia histórica	37
1.6.4 Teologia da libertação	42
1.6.5 Teologia neo-Ortodoxa	44
1.6.6 Teologia do Processo	47
1.6.7 Teologia da Esperança	50
1.6.8 Teologia ecumênica	52
2 A VIDA E OBRA LITERÁRIA DE LEONARDO BOFF	55
2.1 Dados bibliográficos	55
2.1.1 Certificados e diplomas	58
2.1.2 Produção acadêmica	59
2.1.3 Exercício do magistério	59
2.1.4 Assessorias	61
2.1.5 Função de redação	62
2.1.6 Conselho de redação	62
2.1.7 Co-fundação e coordenação	63
2.1.8 Títulos acadêmicos e prêmios	64

2.2 Teologia de Leonardo Boff	65
2.2.1 Método teológico de Leonardo Boff	66
2.2.2 Ecoteologia	67
2.2.3 Proposta	69
3 O PENSAMENTO DE BOFF NA DISCUSSÃO SOBRE ECOLOGIA	71
3.1 Parte 1: Científica	73
3.1.1 O novo paradigma: a consciência universal	75
3.1.2 A nova percepção: O caráter científico	76
3.1.3 A nova lógica: o diálogo da inclusão	80
3.1.4 A nova cosmologia: o princípio unificador	83
3.1.5 A nova centralidade: a ecologia	86
3.1.6 A nova ligação: a cura para a crise ecológica	90
3.1.7 A nova aliança: a celebração e libertação	93
3.2 Parte 2: teológica	95
3.2.1 Um novo modo de Deus	95
3.2.2 A existência: do nada o Ser cria o ser	96
3.2.3 Os livros sagrados: escritos ecumênicos	97
3.2.4 Panenteísmo: Deus em tudo e tudo em Deus	98
3.2.5 Jesus e Maria: a nova humanidade	101
3.3 Parte 3: ecoespiritualidade	104
4 A CRISE DO MEIO AMBIENTE E A TEOLOGIA DE LEONARDO BOFF: UMA RESPOSTA NA PERSPECTIVA DA TEOLOGIA EVANGELICAL	109
4.1. Uma perspectiva evangelical quanto ao problema do meio ambiente	111
4.1.1 O propósito último	112
4.1.2 A criação de Deus	114
4.1.3 As dores da criação	117
4.1.4 As implicações práticas para com o meio ambiente	120
4.1.5 O dualismo gnóstico	123
4.1.6 Do caos para a ordem	124
4.1.7 Sinergismo na obra da manutenção	128
4.1.8 O papel da igreja cristã no meio ambiente	130
4.1.9 Uma nova perspectiva quanto ao problema do meio ambiente	131
4.1.10 O alvo escatológico	135
4.1.11 Continuidade ou descontinuidade?	138
4.1.11.1 Uma nova criação	139
4.1.11.2 A renovação da criação	139
4.1.11.3 Recriação ou renovação?	140
4.1.12 Escatologia em andamento	140

4.2 A integralidade da missão cristã frente a universalidade de Boff	142
4.3 Considerações finais	150
<i>REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA</i>	152
<i>ANEXOS</i>	162

INTRODUÇÃO

A reflexão sobre “ecoteologia” surgiu a partir do momento em que fomos despertados para a urgente necessidade a respeito do cuidado do cristão para com a criação dada por Deus a todos os homens. Diante das várias abordagens com suas soluções diversificadas, entendemos ser importante refletir sob a perspectiva teológica.

A dificuldade em se trabalhar com uma teologia da criação diante da massificação da atual crise ecológica é que a teologia dos últimos séculos esteve um tanto paralisada diante do acelerado desenvolvimento global das diversas ciências. A impressão que se pode ter é que a teologia, e com certeza o gueto eclesiástico, abriu mão da natureza e se fechou numa doutrina reducionista.

A crise ecológica se dá por conta da exploração do homem, da tecnologia e do mercado, que passam a guiar e por fim sugar os recursos planetários e o cristianismo deve se posicionar diante de tal situação.

A pesquisa propõe analisar a obra de Leonardo Boff quanto a este sério problema que afeta toda a humanidade, a saber, o planeta Terra está em crise por conta da degradação do meio ambiente produzida pelo ser humano. Boff apresenta sua proposta distinta no campo da ciência, teologia, e ecoespiritualidade, tendo como base a teologia da libertação. Este pesquisa é importante para se despertar uma breve reflexão sobre questões relacionadas ao meio ambiente, vista pela ótica cristã, porém destacando esta diversidade de reflexão no campo da teologia.

O objetivo deste é despertar para esta nova realidade que afeta todo o planeta, uma crise que se amplifica a cada dia em toda a criação. Vemos claramente

que não somente a casa está ruindo, o meio ambiente, mas também o morador desta casa. O termo meio ambiente que usamos deve ser compreendido como criação do Deus trino, finita e, conseqüentemente, não divina.

Neste sentido, a pesquisa segue rumo a análise da visão teológica de Leonardo Boff, o qual compreende tal criação de modo distinto da teologia evangelical, mas reconhecemos que apresenta com propriedade uma nova reflexão sobre o problema da atual crise ecológica, bem como propostas para a solução da mesma.

Além da análise em si, a pesquisa caminha no sentido de realizar uma reflexão sobre o homem como ser integrado com o meio ambiente, formando uma unidade relacional e inter-dependente, sem reducionismo de um ou de outro. Entendemos ser necessário expandir a compreensão a respeito do atual papel do cristão frente a crise planetária, levando-o a movimentar-se do subjetivismo para um engajamento social e efetivo, despertando-o para que saia do seu gueto eclesiástico e contemple a integralidade do evangelho que vê o homem completo atuante no meio onde vive.

Num primeiro momento, discorreremos sobre propostas teológicas que se apresentam atualmente frente ao tema, crise ecológica, e qual a contribuição para uma conscientização da responsabilidade cristã frente ao problema ecológico, de modo a nos levar a uma prática efetiva e mobilizadora.

Num segundo momento realizamos a análise da obra de Boff sobre o grito da ecologia, sob as bases da teologia da libertação. Antes de entrar na análise, apresentamos uma breve bibliografia do autor, bem como parte de suas atividades acadêmicas.

Por fim, seguimos a pesquisa propondo uma resposta com bases na teologia evangelical, uma vez que compreendemos que a conscientização ecológica é parte integrante do conteúdo da mensagem do cristianismo. Daí a chamada para um efetivo envolvimento cristão com questões relacionadas à ecologia, a qual deve acontecer a partir de uma perspectiva do amor à criação de Deus.

Temos plena consciência que as diversas abordagens teológicas sobre o problema da degradação do planeta podem levar a uma solução confusa e dispersa, uma vez que compreendemos a necessidade de uma pedagogia clara e efetiva para a formação de uma consciência global na atual crise planetária. O alvo em propor as diversas abordagens é registrar os diversos pontos de vista sobre a questão e também deixar registrado, pelo menos no campo da reflexão, que a teologia está reagindo, ainda que modestamente, aos temas contemporâneos.

No campo da análise da obra: Podem-se, talvez, encontrar nos escritos de Leonardo Boff propostas efetivas que apontem para uma reação objetiva e verdadeiramente mobilizadora? É fato que Boff demonstra real preocupação com o tema, e toca em diversos pontos importantes, principalmente no campo da ação prática. Ele tem o discurso, mas foca energia na reação efetiva, pragmática frente ao problema. Neste ponto, deve-se aprender muito com a teologia da libertação.

No campo da teologia evangelical: muitos cristãos não têm consciência de sua responsabilidade diante da clara situação pelo qual passa nosso planeta. Isto fica evidente no campo da prática. Provavelmente isto se dá pela ausência de ensinamentos diretos a respeito do tema ecologia no contexto bíblico-teológico. Percebe-se que aquilo que é chamado de “ecoteologia” tem sido apresentado em diversas abordagens teológicas, como veremos no decorrer da pesquisa, e que estas

diversas linhas teológicas estão contemplando o tema em suas reflexões. Porém, mais que isto, faz-se necessário aprender sobre “como” reagir de modo positivo, de modo que não fique apenas registrada uma solução, mas que possa exercer alguma influência na comunidade cristã.

Na atual crise ecológica, é possível encontrar propostas na teologia evangelical, apesar das inúmeras denúncias da culpa do cristianismo. Entendemos que há respostas efetivas para a conscientização da responsabilidade ética e ecológica frente a tal crise planetária. O alvo deve ser um ensino que leve a uma reação efetiva, no sentido do envolvimento nas questões relacionadas à ecologia. Provavelmente, muitos ainda estão debaixo de uma visão reducionista do evangelho, que visa apenas a alma do homem, desprezando assim todo o contexto onde se vive. Outros podem estar debaixo de uma visão panteísta, contemplando a natureza como ser divino.

Há uma necessidade urgente de refletir sobre os problemas ecológicos, no ambiente chamado de cristianismo. A igreja cristã não deve se fechar no seu gueto eclesiástico e ignorar as questões relacionadas ao meio ambiente, ou seja, a degradação do planeta e a responsabilidade do cristão neste cenário caótico. Antes, deve se despertar o zelo nos seus membros e conscientizá-los de que isto também faz parte de sua missão.

É o nosso desejo que esta pesquisa possa contribuir, ainda que modestamente, na vanguarda de estudos da religião hoje no Brasil. Uma vez que a teologia cristã pareça não propor, de modo contundente e efetivo, uma reflexão de impacto para a atual crise ecológica, faz-se necessário um posicionamento equilibrado.

Temos plena consciência de que nunca o planeta correu tantos riscos como atualmente. Daí, que toda reflexão analítica a respeito deste tema tem relevância social. É fato a percepção da atual crise ecológica pela sociedade como um todo, e, conseqüentemente, se justifica a necessidade de solução na busca de uma ética que leve a uma ação efetiva para a manutenção do planeta.

CAPÍTULO 1

A CRISE ECOLÓGICA E UM PANORAMA DE VÁRIAS ABORDAGENS TEOLÓGICAS

1.1 Ecologia: uma crise sem precedentes

A atual crise ecológica aponta para uma profunda crise de valores e de relações humanas, pois o mundo está presenciando desastres ambientais, bem como destruição de recursos naturais sem precedentes, por exemplo, a questão da poluição das águas. Estamos assistindo a tal destruição por conta da ação egoísta dos seres humanos. Em tal declaração não há exagero.

Essa crise, em decorrência do caráter generalizado dos desequilíbrios ambientais, é de tal ordem que não poucos sugerem que a biosfera como um todo esteja ameaçada. Contrariamente ao passado, quando as crises ambientais eram geralmente sucedidas pela revitalização do ambiente natural, a atual não sugere nenhuma recuperação posterior ao esgotamento dos ciclos biológicos dos ecossistemas (CASTRO, 2003, p. 13).

Esta crise ecológica se apresenta nos variados níveis: na explosão demográfica, no efeito estufa e aquecimento da atmosfera, no aumento da emissão de gases poluentes que rarefazem a camada de ozônio, na presença crescente de elementos químicos venenosos nos rios e mananciais, no comprometimento dos lençóis freáticos, no desmatamento e na erosão do solo, na extinção de uma multiplicidade de espécies e no desequilíbrio do ecossistema. Estes fatos implicam numa urgência de uma reflexão de modo a ressaltar a responsabilidade do ser humano e o respeito à vida que este deve manifestar.

A própria reflexão difundida nos diversos meios de comunicação sobre as questões ecológicas já é um indicador de uma nova realidade. A sociedade está sendo levada a repensar seu modo de viver. Propõe-se a formação de sistemas que contemplem o caráter moral de justiça e uma ética ecológica equilibrada. Pensa-se no novo aprender diante de tais situações e suas implicações, para não apenas assistir passivos a exaustão, mas buscar preservar relações de interdependência e diversidade. A tônica tem sido o despertar da consciência do ser humano para uma conduta individual que busque efetivamente o bem coletivo.

A reflexão e a práxis devem contemplar uma ação global e não cair no erro de apenas pensar em mudanças isoladas. A dimensão da atual crise, bem como suas implicações, tem sido o tema de muitas reportagens, protestos, conferências. Mesmo assim se deve reconhecer que apesar desta ampla divulgação há elementos que dificultam tal ação mobilizadora, os quais são barreiras e, portanto, podem ser contados como fatores prejudiciais à solução do problema. Exemplos disto são as barreiras culturais, lingüísticas e religiosas.

Neste sentido a ecoteologia deverá contemplar como o cristianismo se posiciona de modo a contribuir para o desenvolvimento de uma ética que diminua a ação egoísta e predadora do ser humano no meio ambiente. Porém, mesmo dentro da teologia pode-se ver uma diversidade de reflexões que podem ser complicadoras para uma solução mobilizadora.

1.2 A influência da modernidade no abuso da natureza

A crise ecológica tem seu predador instruído pela modernidade. Tal modernidade, desde o início, propõe um mundo melhor ao ser humano via tecnologia. Thomas Oden afirma que tal era moderna durou 200 anos, indo da queda da Bastilha em 1789 até a queda do muro de Berlin em 1989. Com a Revolução Francesa inicia-se a Modernidade na exaltação dos direitos dos homens, elevando a razão como princípio absoluto.

No período moderno, a razão humana tomaria o lugar de Deus, resolvendo todos os problemas humanos e refazendo a sociedade por linhas da verdade científica e racional (ODEN, apud VEITH, 1999, p. 21).

O resultado destes anos todos de modernidade foi a retirada da boa energia da natureza, o conseqüente empobrecimento da biodiversidade ecológica e a extinção de muitas espécies de vida.

A natureza vem sendo vista como objeto pelo homem moderno, que ao mesmo tempo é manipulado e manipulador do sistema vigente.

A leitura da crise nos leva a um quadro complexo. Relevante se torna perceber a progressão no campo da influência de outras forças sobre o ser e seu contexto. O que temos na atualidade é a mudança do poder via interesses particulares. No decorrer da história pode-se perceber a mudança de autonomia em relação ao meio ambiente, que passa do Estado e seu conseqüente poder para as empresas internacionais, que ganharam cada vez mais terreno no espaço livre do mercado. É impressionante o poder que tais empresas têm, vistos claramente na influência das políticas locais e no impedimento frente aos governos dos países, com relação à proteção do meio ambiente.

A destruição é fato consumado, o que tem levado a uma reflexão generalizada a respeito do caminho a se tomar para desacelerar a morte de determinados sistemas naturais.

Mauricio Waldman reflete que o mundo ocidental criou uma falsa dicotomia entre economia e ecologia, colocando-os em termos antagônicos. Ele propõe um resgate do sentido original das duas palavras para não se correr o risco de discutir a questão ecológica dissociada da economia, pois uma economia que pretenda de fato “organizar a casa” (sentido literal na língua grega) tem que ser uma economia ecológica (tratado sobre a casa), e segue dizendo que ao se deixar de lado a influência da economia e das questões social e política, corre-se o risco de não encontrarmos nenhuma solução autêntica para a crise do meio ambiente (WALDMAN apud CASTRO, 2003, p. 17).

O método do capitalismo na relação de trabalho e de produção para se chegar a um ideal social impôs o produto sobre a natureza como busca prioritária e irrefletida. Assim como White¹, Susin também levanta a advertência de um seqüestro de interpretação bíblica, onde o cristianismo exerceu uma contribuição prejudicial, doutrinando o homem a se tornar o centro e ápice da criação como dominador e escravizador da natureza, e o resultado é a exploração predatória. O dualismo supera a comunhão e o homem abandona a possibilidade de um relacionamento saudável com o meio ambiente e passa cada vez mais alimentar a cultura do progresso e da capitalização. Homem e natureza estão doentes (SUSIN, 2003, p. 13).

¹ Em seu artigo, “The historical of Our Ecological Crisis”, publicado na revista science, Linn White Jr. (foi professor de História na Universidade da Califórnia, Los Angeles), afirma que o cristianismo apresenta uma visão prejudicial da natureza, pois ensina o homem a ter domínio e por isso trata a natureza de modo prejudicial.

1.3 A contribuição do materialismo para a crise ecológica

O materialismo neste ponto é definido como vida voltada unicamente para a obtenção de bens materiais para satisfação e gozo de vida. É a busca pelo conforto material acima de qualquer coisa. Penna faz uma breve análise neste contexto a respeito da explosão do consumo experimentada pela população mundial entre o final da Segunda Guerra Mundial e os últimos anos da década de 1980, a qual aumentou na casa dos 400%. Este fato se deu principalmente pela industrialização.

O aumento da produção e da oferta de bens materiais, consequência natural da civilização industrial, favoreceu o surgimento de uma sociedade que faz apologia do consumo (PENNA, 1999, p. 29).

O marketing é um dos elementos deste materialismo, onde o consumo é incentivado pela propaganda que propõe felicidade como fruto de satisfação realizada. A realidade é que o desejo humano é insaciável e requer mais e mais novidades e o marketing potencializa este fato e gera no sistema vigente a exaustão da natureza.

A questão crítica do incentivo do materialismo incontrolável é que vivemos no finito, e nunca devemos perder isto de vista. É certo que o crescimento populacional e suas implicações ocorrem dentro de uma geografia finita. O capitalismo se aproveita disto e, na busca pelo lucro a qualquer preço, alimenta o pragmatismo, onde o fim justifica os meios, gerando esta gigantesca crise de recursos e de energias. Já se reflete que a curva do crescimento contínuo produzirá um colapso de proporções catastróficas.

É importante salientar que o homem tem liberdade em seu habitat para, com o suor do seu rosto, tirar seu sustento. A reflexão neste ponto é se, nesta liberdade, houve transposição abusiva que acabou por desencadear um grave problema. É fato que o homem é a única espécie que mata além da necessidade de comer e, por isso, tira mais do que precisa do depósito a ele confiado como administrador.

A luta é desigual no sentido de ação imediata. É de percepção fácil que o meio acaba sofrendo pelo excesso de atividade, bem como seu descontrole, sem condições de reação imediata. O resultado de tal investida se torna fatal em muitos casos, de modo que muitas espécies já são extintas, outras, perto da extinção.

É fato que existem contínuos confrontos no ambiente do ser humano. Ou seja, de um lado temos os dominadores que minimizam a situação e, de outro, os que protestam. Neste confronto factual entre ambos, está o meio ambiente como dilema, necessário e ao mesmo tempo problemático.

No campo do poder, o sistema globalizado poderia contribuir para um ajuste e solução. A ausência de acordos e a busca por interesses isolados refletem a impotência de algumas instituições mundiais que buscam a paz e a manutenção do planeta². O poder é muito maior no lado das grandes instituições econômicas com

² AME – Fundação Mundial de Ecologia, fundada em 26/08/1976, situada na cidade de COTIA/SP.

GREENPEACE, uma entidade sem fins lucrativos que se baseia em alguns princípios básicos. Na Prática do testemunho ocular; adepto da não-violência, não recuando ao defender suas causas; caracteriza-se pela atuação de ativistas, que colocam-se pessoalmente como barreira ao dano ambiental; É independente financeiramente de empresas, governos e partidos políticos; Atua internacionalmente, já que as ameaças ao meio ambiente não têm fronteiras; Não estabelece alianças com partidos e não toma posições políticas exceto no que diz respeito à proteção do meio ambiente e da paz.

GRUDE – O Grupo de Defesa Ecológica é uma associação civil, de caráter sócio-ambientalista, sem fins lucrativos, fundada em 05/06/1986, na cidade do Rio de Janeiro. Tem como missão melhorar a qualidade de vida da população através da defesa e proteção do meio ambiente, da biodiversidade, dos recursos naturais, de áreas ecologicamente importantes, estimulando a implementação efetiva de unidades de conservação. O GRUDE faz parte da Rede Planet Society da UNESCO, está

suas fortes alianças que não somente influenciam, mas dobram os governos poderosos e se mantêm surdos diante do clamor da criação (Tratado de Kyoto).

Daí o antropocentrismo: O ser capaz e materialista se coloca no centro do controle e subjuga o meio para dele extrair, não somente o sustento, mas, em escala assustadora, o lucro e o supérfluo.

1.4 O planeta em risco de morte

A crise ecológica é uma realidade. Michael Lacroix³ aponta para o fato de que temos testemunhado um quadro significativo, onde o movimento da curva do extermínio está passando da morte individual para a eliminação de povos inteiros, apontando para a probabilidade da extinção da espécie. O planeta está ameaçado. A tragédia tem amplitudes globais e o risco aumenta por que a curva de crescimento aumenta(LACROIX, 1996, p. 11).

A crise encontra espaço em todas as áreas da atuação humana. Em cada uma delas, como já citado acima, faz-se necessário uma reflexão que contemple a integralidade global, diante da perspectiva da exaustão e má qualidade que o meio ambiente afeta a tudo e também a todos. Normalmente, se destaca que um ensino global e profundo é uma necessidade e não uma opção. Se há risco, deve haver

credenciado junto ao CONAMA-CNEA, é membro do Fórum Brasileiro de ONG's e Movimentos Sociais para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, da Rede Estadual de Educação Ambiental, da APEDEMA-RJ, E do Centro de Referências do Movimento de Cidadania Pelas Águas, Rede de ONG's de Mata Atlântica e do Fórum 21 para implementação da Agenda 21 na Cidade do Rio de Janeiro.

³ Michel Lacroix, ex-aluno da Escola Normal, professor de Filosofia e doutor em Letras, colabora com *Commentarie, Esprit et Raison* presente. Publicou recentemente *De La politesse* (prêmio Moron da Academia Francesa).

empenho, a saber, uma pedagogia ética para todo o planeta. E, se há a necessidade de ensino é porque há uma necessidade de correção de rumo. O risco se mostra ainda mais efetivo quando percebemos que há impedimentos para uma tomada de consciência diante da crise. Um destes impedimentos é a descrença, um desejo inadmitido de não ver a realidade como se apresenta. É tarefa árdua e lenta o despertar de uma consciência ecológica, de modo a levar o planeta a ver os fatos com clareza.

O risco de morte envolve também o empobrecimento da fé pela ausência do conhecimento. No cotidiano é rara a concepção da idéia do fim certo. Dificilmente alguém poderá refletir sobre o real fato da humanidade ser privada para sempre da possibilidade de participar do grande ciclo da vida. Tal reflexão é uma ação impensável que causa uma profunda resignação em quem quer que reflita sobre o tema da crise do meio ambiente generalizada. Por isso o desafio: alertar a opinião pública.

Genebaldo Freire Dias destaca que:

Todas as tentativas foram feitas: encontros internacionais sucessivos, desenvolvimento de legislações rigorosas, avanços tecnológicos em gestão ambiental e uma crescente mobilização internacional. Entretanto, a despeito de inegáveis avanços em prol da preservação e conservação do ambiente, nada disto está conseguindo deter a destruição generalizada dos sistemas que asseguram a vida na terra (DIAS, 2004, p. 99).

Se recebermos as palavras de Freire com indiferença, então devemos nos excluir da família humana, pois o problema é de todos. Se a reflexão não descer ao nível da simplicidade, caímos num egoísmo exacerbado em dois sentidos: de um lado o que se acham isolados na busca de respostas, e de outro o que se acha isolado no desinteresse pelas respostas. A crise ecológica é fruto da ação

depredadora do ser humano, e, neste sentido, todos devem se envolver numa relação de interdependência. A implicação é que temos a necessidade de instrumentos eficazes que possam agir na profundidade do ser, no coração das pessoas, de modo que a conscientização brote do interior e realize a ação efetiva para o cuidado do ambiente que mantém a própria vida.

O início da ação esta ligada a uma conscientização que deve ser realizada com clareza e fruto de estudo preciso e com rigor científico para que se encontrem as reais causas da morte de nosso planeta.

1.5 Como está o planeta Terra

O planeta Terra está atravessando um momento, como vimos acima, o qual se pode chamar de estado de enfermidade. A ameaça é elemento presente. O meio ambiente em risco aponta para sua fragilidade. O planeta está em crise, o que significa a quebra de uma concepção de mundo. Esta concepção dizia que tudo deve gerar ao redor da idéia de progresso, que se move entre dois infinitos: dos recursos da terra e do futuro. Pensava-se que ambos eram inesgotáveis. Porém, o que se vê diariamente é que tal crise reconhece que há limites. É um estado impensável há alguns séculos, pois nestes períodos o homem se perdia na dimensão do planeta.

Fernando Dias de Ávila-Pires⁴ diz que o conceito mais fundamental da ecologia é o da sua unidade funcional, o ecossistema. Ecologia é o estudo do inter-

⁴ Fernando Dias de Ávila graduou-se Licenciado em História Natural em 1958 pela Universidade do Estado da Guanabara (hoje UERJ), obteve doutorado em Zoologia na Universidade Estadual Paulista de Rio Claro em 1971. No momento em que escreve a obra é professor titular do Departamento de

relacionamento de todos os sistemas vivos e não vivos entre si e com o seu meio ambiente (ÁVILA-PIRES,1999 ,p. 11).

É importante recuperar uma visão global da natureza e, em seu contexto, as espécies e seus representantes individuais. Uma indagação a se fazer frente a situação crítica: Como sobreviver juntos, seres humanos e o meio ambiente, uma vez que temos uma mesma origem e um mesmo destino comum? Há a urgente necessidade de se responder tal indagação e também é importante a observação de que tal questão é pauta das agendas mundiais como reflexo direto de uma crise sem precedentes.

A atitude do ser humano de se colocar sobre todas as coisas aponta para o ponto central da atual crise da civilização. A utopia de melhorar a condição humana piorou a qualidade de vida. A volúpia de utilização dos recursos da terra levou à exaustão dos sistemas vitais. Por isso, há a necessidade de se entrar num processo de mudança de paradigmas, como maneira organizada, sistemática e corrente de nos relacionarmos com nós mesmos e com tudo o resto à nossa volta.

Pelo simples fato da apontarmos para a necessidade de uma nova visão, de uma nova forma de comunicação com a totalidade dos setores e de suas relações, com bases numa nova sensibilização, revelamos nossa situação. A humanidade precisa ser despertada para uma nova compaixão e daí o surgimento de várias abordagens no campo da religião. Neste contexto, é comum a abordagem de que a terra possui uma identidade e autonomia tal qual um organismo dinâmico e complexo. É comum ler em obras e artigos a idéia de que a terra ganha identidade

como a figura de uma grande mãe que nos sustenta e mantém. É a imagem da mãe que surge como transformadora do meio, supridora de nutriente e criadora da vida. Quando se afirma isto, corre-se o risco de cair num erro ontológico e perder de vista a realidade ontológica. O meio ambiente e o ser humano estão interligados como criaturas viventes que terão o mesmo destino. Temos uma identificação com a natureza no sentido de compartilharmos a essência de seres criados, mas não podemos perder a realidade que nós somos distintos de nosso criador e também distintos da criação. Com base nesta reflexão, é urgente a tarefa de realizar com cuidado tudo o que fazemos e pensamos, pois a terra e a humanidade estão unidas nesta relação de vida e morte. A natureza deve ser vista como ela é para que tal cuidado seja realizado de modo efetivo.

Michael Lacroix (1996, p.33) defende uma ética global, clara e objetiva. Nesta reflexão moral deve-se ressaltar o estado do meio ambiente com visão terapêutica. Para que se perceba tal estado, Lacroix destaca que um dos aspectos deste estado da Terra é o processo de entropia, a saber, o equilíbrio na troca de energia e a sintropia, a saber, a economia de energia. A terra é um sistema complexo que abrange a biosfera, atmosfera, oceanos e solo. Temos visto a reação do meio ambiente frente as alterações destas energias, o qual reage com violência à violência do homem, como por exemplo a tragédia do furacão Caterina que dizimou Nova Orleans. Assim, presenciamos o irromper de fome crônica, secas prolongadas, doenças causadas pela poluição, derretimento das calotas polares etc.

O fato é que tudo está interligado numa solidariedade de origem e de destino como todos os demais seres do universo. Há uma mutualidade de pertencimento. Uma vez que se compreende isto, a reflexão toma o rumo no sentido do

aprendizado para a busca de suplantar em muito o egoísmo, seu conseqüente isolamento e desatenção às questões da coletividade.

Outro aspecto a se destacar é a necessidade de se compreender que a tecnologia que tem sido usada ainda é rudimentar, agressiva e poluidora. Além disto, o modelo de desenvolvimento do ponto de vista ecológico nos remete ao crescimento ilimitado, que implica na invenção de forças destrutivas e produção da doença e da morte da Terra, de suas espécies e de tudo o que a compõe. O resultado é este tipo de sociedade sob o qual todos nós estamos padecendo. As sociedades estão continuamente consumindo de forma sistemática e crescente a energia da natureza, que não descansa e nem tem tempo para repor tal ausência.

O ser humano, em seu egoísmo, tem-se colocado sobre todas as coisas e não junto com todas coisas. O ser humano se coloca num ponto isolado e único, fora da natureza e acima dela. Isto nos remete para a questão da consciência do respeito. O depredar e abusar dos recursos limitados aponta para uma ausência de iniciativa de refletir sobre o esgotamento dos recursos naturais.

Lacroix (1996, p.35) aponta para alguns cenários de mortes graduais do planeta:

Um destes cenários é de ordem matemática. Há dois elementos: a Terra é limitada em suas dimensões e as curvas exponenciais de crescimento representam o ritmo das atividades humanas. Neste sentido nenhuma grandeza exponencial pode ser contida num espaço limitado, ou seja, o infinito não cabe no finito. Os exponenciais são vetores de morte. A variação de uma variável qualquer neste vetor levaria à destruição do planeta.

O planeta é um sistema frágil frente à sua complexidade. O mundo em sua majestosa unidade possui equilíbrios de extrema precariedade. O poder técnico do homem trouxe à luz a vulnerabilidade da natureza. Os desastres ecológicos assumem uma amplidão global e a conseqüente globalização dos problemas. As poluições desprezam fronteiras e têm um caráter transnacional. Diante dos mecanismos de propagação da poluição, ponto algum do planeta é poupado. O maior perigo que nos ameaça é o efeito estufa, que por definição envolve toda a Terra.

A Terra se constitui num organismo vivo. Se a humanidade pode morrer, o mesmo ocorre com o próprio planeta. Tal qual um paciente, a Terra exige cuidados e, portanto, é nosso dever cuidar dela. Esta é a concepção orgânica da Terra.

Podemos realizar duas leituras possíveis neste sentido: primeiro, a Terra sendo um organismo tem a capacidade de regenerar-se, resistir às agressões ecológicas e por isso, podemos confiar nos acertos naturais; segundo, a Terra pode sofrer um prejuízo irreparável pela ação humana.

O planeta é um sistema fechado. A segunda lei da termodinâmica enuncia que toda energia acaba em forma de calor, o calor sendo uma energia de menor eficácia. A entropia é a medida desta degradação. Uma entropia alta significa que uma parte da energia livre de um sistema transformou-se em energia não utilizável. A termodinâmica mostra que todo sistema fechado tende, de maneira irreversível, para um crescente estado de caos (STEIGER, 1997). O resultado termodinâmico do sistema Terra só pode ser uma entropia crescente.

Sabemos que a habitação da civilização só foi possível ao preço de uma degradação do meio natural, ou seja, para montar sociedades complexas, foi

necessário muito do estoque de energia livre do meio, que foi devolvida em energia ligada. Diante da luz da termodinâmica, as belas realizações humanas não passam de parcelas artificiais num contexto geral de decadência certa. Somos incapazes de impedir o curso natural e evitar esse fatal desfecho, mas poderíamos adiá-lo, inventando uma economia menos destrutiva, reduzindo nossas retiradas do ecossistema.

1.6 Teologia: as diversas abordagens

A crise ecológica desperta nas sociedades o interesse pelo resgate do meio ambiente, bem como o resgate dos seres vivos. Tal tarefa que exige um conjunto de valores que desperte a mente e os corações da humanidade.

A questão está no desenvolvimento de uma ética que funcione e ao mesmo tempo tenha penetração em todas as culturas e suas mais diversas crenças.

A proposta aqui é apresentar algumas das abordagens teológicas e seus respectivos pontos de vista sobre o tema crise ecológica.

1.6.1 Teologia bíblica

A expressão teologia bíblica é usada para designar uma atividade que tem como finalidade esclarecer os temas e idéias da Bíblia, de modo a tentar determinar o que realmente é ensinado pela Palavra de Deus. Esta tarefa deve ser realizada mesmo que os resultados sejam embaraçosos. Também deve ser compreendida

como a tentativa de construção de um completo sistema teológico tendo como instrumento a Bíblia como única fonte informativa.

O pressuposto é que todos os autores da Bíblia concordam em seus pontos de vista fundamentais, e juntamente com exposições de idéias pretendem descobrir exatamente quais eram os pontos de vista daqueles autores sagrados (CHAMPLIN, 1995, v. 6, p. 470).

Dentro desta perspectiva, temos a abordagem ecológica do ponto de vista da Teologia Bíblica.

DeWitt⁵ diz que a Bíblia, sem a qual a civilização ocidental se torna inexplicável, tem os ensinamentos ecológicos poderosos que suportam uma visão ecológica. Ele defende a idéia de que enquanto estes ensinamentos não forem praticados amplamente em nosso tempo, a degradação continuará em nosso sistema ecológico. Da humanidade se requer um reexame por parte de ecólogos e da igreja (DeWITT, 1994).

Tal reexame pode ajudar desenvolver uma compreensão mútua e necessária para se fazer julgamentos eticamente ecológicos e colocar estes ensinamentos em prática de uma maneira apropriada.

O autor passa então a apresentar uma série de princípios que devem ser observados à luz da Bíblia. Neste sentido, ele prossegue dizendo que entre estes ensinamentos está a expectativa de que as pessoas venham a servir e cuidar da criação (princípio do cuidado da terra), e que as criaturas e ecossistema não devem ser

⁵ Calvin B. DeWitt é professor no Institute for Environmental Studies, University of Wisconsin-Madison, é membro da Graduate Faculties of Land Resources, Conservation Biology and Sustainable Development, Water Resources Management, e Oceanography and Limnology. É também diretor do Au Sable Institute, que serve a 56 faculdades e universidades na América do Norte, Índia, e África com programas na Administração Ambiental Cristã. Nascido em Grand Rapids, Michigan, recebeu seu Ph.D. em zoologia pela universidade de Michigan. Suas atividades incluem Friends of the United Nations FUNEP-500, cujo trabalho é desenvolver a instrução ambiental integrativa. Foi co-fundador do Institute Evangelical Environmental Network em 1993, que reivindica ser uma coalizão de líderes das principais correntes evangélicas a respeito do meio ambiente. A missão do Au Sable Institute for Environmental Studies é trazer recuperação e totalidade à biosfera e o todo da criação.

cruelmente esgotados (princípio do *sabbath*), que as provisões devem ser feitas para florescer a biosfera (princípio da frutificação), que a terra deve ser preenchida com a diversidade abundante da vida biológica (princípio do preenchimento), que se deve evitar pressionar a absoluta e limitada biosfera (princípio do amortecedor), que as pessoas devem parar de procurar satisfação e a busca egoísta de ganho a qualquer custo (princípio da contentação), que os povos devem priorizar a melhor integridade da biosfera acima do próprio interesse (princípio da prioridade) e que os povos não devem falhar nas atitudes que sabem são corretas (o princípio da praxis).

DeWitt conclui que os ecólogos necessitam reconhecer e respeitar estes e outros ensinamentos bíblicos ecológicos e estarem prontos para ajudar as igrejas em seu cuidado em manter a criação. E as igrejas devem juntar ecólogos no trabalho de assegurar a integridade continuada da biosfera.

Outra obra que apresenta uma visão bíblica do assunto cujo tema é “Ecologia, Justiça e Fé” que, segundo os próprios autores, reflete uma visão crítica da perspectiva cristã no relacionamento entre a justiça social e a integridade ecológica. Esta obra coloca seu foco em trabalhos que incluem temas ecológicos, valores sociais e éticos e seus respectivos problemas. É explicitamente uma reflexão bíblica teológica da ética ecológica e social e suas inter-relações.

Este corpo da reflexão moral no relacionamento entre a ética ecológica e a justiça social e econômica (chamados às vezes “eco-justiça”) é o interesse daqueles envolvidos na instrução religiosa, na pesquisa, na renovação litúrgica, nas recomendações da política pública, na ação de comunidade, na testemunha da configuração, e na transformação pessoal do estilo de vida americano.

O livro propõe uma reflexão num momento determinado, a saber, neste segundo século, sobre o problema global da degradação do meio ambiente, e da injustiça social. O problema central é destacado no contexto das situações que tem levado as pessoas a reconsiderar algumas das mais fundamentais questões da humanidade, daí a questão principal: como compreender a nossa obrigação moral com o mundo natural? E ainda: como estas obrigações se relacionam com as obrigações das pessoas na comunidade da qual fazemos parte?

A perspectiva do texto aponta para o fato de que as culturas e suas histórias formam o contexto para a edição eco-justiça e são a origem tanto do problema como da solução. O organizador da obra destaca que o trabalho é primeiramente a realização de uma análise descritiva da atitude ambiental e suas origens, os quais têm influenciado ou são influenciados pela crença religiosa e toca na preocupação da justiça social. É relevante que tal obra também ressalta Lynn White em seu clássico ensaio já citado acima, destacando que esta e a variada resposta são centrais no campo da teologia bíblica, bem como a descrição da figura histórica, estudos dos acontecimentos históricos, e a crença e prática da cultura não Ocidental.

Esta obra é uma variedade das disciplinas e das perspectivas: dos estudos bíblicos ao teológico filosófico e ao criticismo cultural; e da teologia evangelical ao processo, à feminista, e a teologia centrada na criação (BAKKEN; ENGEL; ENGEL, 1995).

1.6.2 Teologia evangelical

A teologia evangelical é fruto de um movimento moderno que transcende os limites denominacionais ou confessionais da igreja. A ênfase está na conformidade com as doutrinas básicas da fé e a proposta de alcance missionário de compaixão e urgência. Tal movimento crê no evangelho de Jesus Cristo e o proclama, e a palavra “evangelical” é derivada do substantivo grego *euangelion*, que significa boas novas, notícias de alegria e seu verbo correspondente, *euangelizomai*, significa anunciar as boas notícias (JOHNSTON apud ELWELL, 1990, v.2, p. 119).

O termo “evangélico” data do século XVI, usado para aqueles que desejavam um retorno às crenças e às práticas mais bíblicas em relação às práticas associadas no período medieval. Hoje tal termo é geralmente utilizado em relação a uma tendência, como já citado acima, supradenominacional, que é voltada para a teologia e para a espiritualidade, cuja ênfase está em se atribuir um lugar de destaque para a Bíblia na vida do cristão. McGrath entende que o evangelicalismo atual se concentra em torno de um conjunto de quatro pressupostos: 1) A autoridade suficiente das Escrituras; 2) A singularidade da redenção, por intermédio da morte de Cristo na cruz; 3) A necessidade de conversão pessoal; e 4) A necessidade de adequação e a urgência do evangelicalismo (McGRATH, 2005, p. 160).

A proposta de Richard Land⁶ ao tratar do tema meio ambiente é fazê-lo dentro da reflexão desta teologia evangelical. Ele reconhece que combinar a introdução

⁶ Richard D. Land é o presidente da The Ethics & Religious Liberty Commission (ERLC), uma entidade de política pública da convenção Batista do sul. Ele Serve nesta posição desde sua eleição em outubro 1988. Antes disto foi vice-presidente da The Criswell College de 1980 a 1988. Ele ensinou como o professor de teologia e história da igreja nessa instituição desde 1975. O Dr. Land graduou-se com o grau das artes (magna cum o laude) da universidade de Princeton e também com grau de doutor de filosofia pela Universidade de Oxford, Inglaterra. Recebeu também o grau de mestre em

tradicional conservadora da religião com a introdução tradicional liberal de proteger o ambiente é uma tarefa difícil. O autor faz uma reflexão nesta obra e fornece uma boa introdução para aquelas que estão interessados no tema sobre a proteção do meio ambiente de um ponto de vista cristão. O destaque do autor é que este livro não é direcionado para aqueles que não estão interessados no envolvimento com a atual crise ecológica (LAND, 1992).

Peter H. Raven⁷ propõe uma obra onde focaliza o problema ecológico na seguinte indagação: “como devem ser as prescrições éticas para a mudança da gerência de recurso natural quando as teologias e as éticas reconhecerem que a natureza está sempre e sempre estará mudando, mesmo aparte das mudanças globais antropocêntricas rápidas discutidas acima?”

É uma obra que nasce de uma conferência e produzida pelos editores, David M. Lodge e Christopher Hamlin, que trata da religião frente a Nova Ecologia, destacando a responsabilidade ambiental num mundo em constante mudança. Ressalta que a ecologia experimentou uma mudança de paradigma nesta última metade do século vinte. O autor diz que este novo deslocamento requer um repensar, principalmente na relação da teologia e a ética ambiental para com a ecologia, levando-se em conta que a compreensão científica do lado da natureza desse relacionamento mudou. É fato que tudo na terra está tornando-se

teologia pelo Seminário Teológico Batista de New Orleans. É também o anfitrião da For Faith & Family e For Faith & Family's Insight, dois programas de rádio.

⁷ Peter Hamilton Raven é botânico e ambientalista, notável pelo longo tempo como diretor do Missouri Botanical Garden. Tornou-se membro da California Academy of Science, enquanto ainda era jovem, se graduou pela University of California, Berkeley e Ph. D. em botânica pela University of California, Los Angeles. Após lecionar na Stanford University, foi Diretor do Missouri Botanical Garden em 1971. Raven é também membro da faculdade de Washington University in St. Louis onde é professor de botânica.

desequilibrado frente ao aumento populacional e de consumo, ao aquecimento global, à extinção e aos problemas com os ecossistemas, revelando que a natureza está mudando, evoluindo, porém frequentemente perturbado e ainda mais caótico. Esta é a perspectiva do autor, que faz a pergunta: como nós podemos conservar, preservar e sustentar este planeta nesta situação? Aqui a ciência e a religião se juntam em diálogo urgente, numa busca para respostas enquanto nós enfrentamos um futuro aberto, com promessa e com risco. Por muitos anos, os ecologistas e ambientalistas que olharam para a ecologia com autoridade retrataram uma dicotomia entre uma clara natureza estável e uma destruidora atividade humana.

Os colaboradores deste volume dirigem-se com este adequado novo paradigma na ampla história da ciência ecológica e na história cultural do Ocidente e, em particular, como ética ambiental e eco-teologia, as quais devem propor respostas para isto. Suas discussões pedem que nós reconsideremos as bases intelectuais nas quais as teorias da responsabilidade humana com relação à natureza são construídas. A resposta provisória que se desenvolve em todo o livro é a compreensão científica da reintegração da natureza e aos valores humanos, dois setores do pensamento separados por forças intelectuais e culturais, durante os últimos dois séculos (RAVEN, 2006).

1.6.3 Teologia histórica

A teologia histórica tem como base a proposta de interpretar a Bíblia de acordo com os acontecimentos históricos do momento em que vive o teólogo, desenvolvendo as linhas de tal teologia, que, contrariamente à ideologia dos

historiadores e filósofos pagãos, insere os acontecimentos históricos do momento no contexto mais amplo da história universal, oferecendo ocasião para uma profunda e renovadora reflexão histórica e teológica (GIBELLINI, 1998, p. 255).

No contexto da teologia histórica, uma obra de destaque é a do autor Sorrell, que propõe um trabalho a respeito de uma das figuras interessantes de todos os tempos no tema ecologia, Francisco de Assis, freqüentemente descrito, nos dias atuais, como um tipo do “proto-hippie” ou então do ecólogo *avant la lettre*. Este livro é um estudo bem detalhado da visão de Francisco de Assis a respeito da natureza no contexto da tradição medieval. Ele expõe as modernas interpretações anacrônicas, discutindo convincentemente as idéias de Francisco de Assis, compreendidas no contexto do século 13º.

Analisando os escritos de Francisco de Assis, particularmente o Cântico do sol, Sorrell mostra que grande parte da opinião de Francisco, a respeito da relação apropriada da humanidade com o mundo natural, tem seus antecedentes na Escritura Sagrada e nas ordens Monásticas Medievais, enquanto outras idéias e práticas, seu misticismo da natureza, seu conceito de relacionamentos familiar com as coisas criadas, e sua extensão de sua concepção medieval para as interações com as criaturas, são inteiramente suas próprias. Sorrell insiste, entretanto, que somente vendo Francisco de Assis nos termos das tradições ocidentais de que se levantou, podemos nós apreciar a originalidade verdadeira desta figura extraordinária e da relevância de seu pensamento aos interesses religiosos e ambientais modernos (SORRELL, 1988).

Outra abordagem neste tema ressalta o fato de a atual crise ecológica ter criado um novo interesse num criticismo bíblico de atitudes bíblicas para com a

natureza e para com o meio ambiente. No livro de Theodore Hiebert⁸, podemos refletir sobre um exame detalhado da ideologia de um único suposto autor bíblico, o Javista (J), escritor das seções das narrativas, as mais velhas do Genesis, Êxodo, e Números. Hiebert discute a importância de ler J em seu velho contexto do Oriente Próximo. Sua análise incorpora a evidência a respeito da ecologia, da economia, e da religião do antigo levante, extraído do trabalho recente na arqueologia, na história, na antropologia social, e nas religiões comparativas. Hiebert ressalta que, apesar das limitações da visão de mundo do J (e do mundo no qual tomou forma), a ideologia do J é relevante aos esforços contemporâneos para moldar uma teologia da ecologia. Particularmente, o valor está na visão de J da realidade como unificada e não dualística, a humanidade como limitada e dependente, natureza e humanidade inter-relacionadas e que prendem o significado sagrado, e agricultura como um contexto para uma teologia ecológica (HIEBERT, 1996).

Em sua obra sobre meio ambiente e ética cristã, o Dr. Northcott⁹ aponta o problema da crise ecológica destacando a problemática do aumento de temperatura

⁸ Theodore Hiebert é professor de Antigo Testamento no seminário do McCormick Theological em Chicago. Ele ensina na faculdade de Gustavus Adolphus, na universidade de estado de Louisiana, e na Harvard Divinity School. Hiebert tem sido um pesquisador no W. F. Albright Institute of Archaeological Research em Jerusalem. Hiebert é mestre de divindade pelo Seminário Teológico de Princeton e Ph.D em língua clássica hebraica e Hebraico Clássico pelo Department of Near Eastern Languages and Civilizations em Harvard. O foco principal da recente pesquisa de Hiebert foi o papel da natureza no pensamento bíblico. Ele é o diretor do Chicago Theological Initiative in Eco-justice Ministry, um empreendimento cooperativo de Chicago Theological School que acompanha o desenvolvimento do currículo, as oportunidades do ministério, e novos programas na área de teologia e meio ambiente.

⁹ Michael Northcott foi educado em Durham e Sunderland Universities. Ensinou teologia prática no Seminary Theology Malaysia em Kuala Lumpur antes de vir à universidade de Edimburgo em 1989. Foi ordenado sacerdote Anglicano, diretor em St James e teólogo do Cânon da Liverpool Cathedral. Northcott foi o formador da cadeira acadêmica do centro para a ecologia humana. Ele tem sido professor visitante na Dartmouth College, na Claremont School of Theology, e Duke University. É também ativo na rede ambiental das igrejas européias. Seu trabalho está focado na relação entre éticas teológica e as ciências humanas. É o bem conhecido pelo seu trabalho no campo da teologia ambiental e éticas. Escreveu mais de sessenta artigos nas áreas: da bioética, das éticas do alimento,

na terra. Esta obra pode ser caracterizada neste tópico, bem como no tópico da Teologia evangelical, uma vez que o autor busca suas referências, no campo da religião, na tradição hebraica e um pouco nos pais da igreja, abordando o assunto na perspectiva judaica-cristã.

Sua afirmação sobre crise ecológica tem como proposta o foco nas mudanças climáticas locais, que são em si um grande aviso dos efeitos dramáticos e do potencial catastróficos da atividade humana no ecossistema e nos sistemas locais do clima. Destacando o que tem sido afirmado amplamente, ele reforça que o aquecimento global está relacionado diretamente ao consumo industrial da energia e à produção de gases que provocam o efeito estufa proveniente das flúentes economias industrializadas. O ponto significativo aqui é a informação de que alguns cientistas, uma minoria deles, continuam a contestar tal teoria do aquecimento global, pois acreditam que isto é um sinal da arrogância de seres humanos contemporâneos, a saber, imaginar que a atividade humana está afetando significativamente o sistema do clima do planeta. A identificação precisa das causas da crise ambiental, segundo o autor, não é nem um nem outro motivo. Um número de tratados ambientais e éticos tende a confiar em uma única variável explanatória, ocorre que a variável difere de autor a autor. Então propõe que alguns ecologistas pensam que o problema é a população excedente, como a causa fundamental. Outros, ecólogos economistas, pensam que a causa é a economia do crescimento como o problema central da exploração excedente ambiental.

Northcott (2004) segue dizendo sobre as causas na várias áreas: éticas, ciências e religiões. El diz que há os que propõem que tal crise ambiental é

da agricultura e modificação genética, da globalização, da sociologia da religião e éticas hurbanas. Atualmente está trabalhando na área ética da mudança do clima, e também ética tecnológica.

basicamente um problema de mudança de atitudes culturais no mundo chamado não-humano, ou então da construção social da natureza. Numa visão panorâmica, ele discorre sobre a extensão, as origens e as causas da crise ambiental. Assim, discute que o cristianismo perdeu a consciência bíblica da interconexão de toda a vida. Além disto, mostra como os teólogos e os cristãos em geral podem recuperar um estilo de vida mais ecológico e mais amigável com o meio ambiente.

O autor discute que a fundamental referência das tradições Hebraicas para a bondade e sabedoria da ordem criada é cognata com a crença dos filósofos ambientais contemporâneos, a saber, que a ordem natural e a comunidade ecológica são essencialmente caracterizadas pela identidade do relacionamento do homem consigo mesmo, e que nós negligenciamos tal relação da comunidade natural e humana no risco de trazer o caos na biosfera e anarquia na vida social humana.

O autor destaca a Bíblia Hebraica como central para as tradições religiosas do Judaísmo e do Cristianismo, como fonte que apresenta o mundo não humano como uma ordem criada e agradável para a finalidade e providencia do Deus criador, ressaltando a distinção ontológica do ser de Deus. Northcott diz que o propósito da ordem do cosmos reflete a vontade e o projeto do criador, mas esta ordem e resolução não existem em um vácuo relacional. A Bíblia hebraica oferece um relato fundamental interativo das relações entre o humano em si, a ordem social e a ordem ecológica natural, e entre todas estas e o ser de Deus. Esta compreensão da interação entre seres humanos, natureza e Deus oferece um contraste significativo com o individualismo e o subjetivismo éticos modernos. De modo similar, a doutrina Cristã da lei natural representa uma crença na resolução moral e

relação do cosmos, e na relação entre a busca do humano pelo bem comum e a bondade da ordem criada e da outra ordem dos seres que habitam a criação. Assim a vida moral não pode reduzir-se às intuições e às emoções humanos individuais, nem pode o julgamento moral ser limitado à experiência e à sociedade humanas. O autor fornece um corretivo importante às aproximações seculares às éticas ambientais (NORTHCOTT, 2004).

1.6.4 Teologia da libertação

Segundo Webster:

Trata-se mais de um movimento que procura unir a teologia e as preocupações sócio-políticas do que de uma nova escola de teoria política. É mais exato falar das teologias da libertação, no plural, porque essas teologias de libertação acham expressão contemporânea entre negros, feministas, asiáticos, latino-americanos e índios das Américas. A expressão mais relevante e articulada acontece na América Latina. Temas teológicos têm sido desenvolvidos no contexto latino-americano, servindo como modelos para outras teologias de libertação (WEBSTER apud ELWELL, 1990, v 3, p. 479).

Um dos principais arquitetos da Teologia da Libertação é Gustavo Gutiérrez. A Teologia da Libertação é um movimento que defende os direitos dos pobres e oprimidos como obrigação da igreja, onde alguns defendem o Cristo como libertador, como se Sua missão pudesse ser compreendida em termos de luta de classes própria do marxismo. Apesar de sua característica, deve-se destacar a dedicação social de certos líderes do movimento.

É fato que esta teologia encontra duras críticas dentro de sua própria denominação.

Numa proposta de levar as pessoas a ouvir o clamor da Terra, Pitcher¹⁰ escreve de modo apaixonado e honesto sobre a destruição sistemática do planeta. Armado com as estatísticas assustadoras e os duros fatos, ele analisa a falha perturbadora de nossas instituições sociais e políticas em responder à atual crise ecológica. Pitcher (1993) propõe a formação “das comunidades da criação” baseadas em escutar não somente a terra, mas também a Deus.

Na introdução de sua obra sobre o remir o tempo, no contexto da necessidade de uma política séria a respeito do meio ambiente, Steven Bede Scharper¹¹ representa nossa difícil situação atual da crise ecológica global como “uma crise espiritual,” uma crise que desafia os teólogos e ativistas a fazer uma séria reavaliação e talvez refazer o Cristianismo Cristão (uma redundância proposital) na luz de nossa atual crise ecológica. Começando pela suposição de que as comunidades da fé têm um papel crucial em reparar o cisma da humanidade com o mundo natural. Assim, num exame da teologia ambiental a partir de quatro pontos principais, Scharper (1998) olha primeiramente como o Cristianismo começou a olhar a crise ambiental e como tem respondido nestas últimas três décadas. Ele explora, então, os principais pontos: o processo da teologia, a nova cosmologia de Thomas Berry, o eco-feminismo e a teologia da libertação.

¹⁰ William Alvin Pitcher foi professor na Divinity School por um longo tempo e também ministro na Hyde Park's University Church. Ensinou ética social no Divinity School. Ajudou a desenvolver a pesquisa a respeito da natureza no campo das éticas e da sociedade. Ele foi autor de muitos artigos e revisor de ética social.

¹¹ Steven Bede Scharper é da University of Toronto. É também autor do livro *Green Bible*. Suas fontes variam das escrituras hebraicas e cristãs aos líderes, aos cientistas, e aos ecólogos religiosos e políticos hoje. Ele levanta sua voz para a urgente tarefa: consertar nossa casa que é criação, e despertar a esperança que a vida continuará e florescerá para seres de toda a terra. Considerado um ecoteólogo, Scharper tem servido como preletor fundador do *Right Living, Right Relationship*, uma série de Leituras que a diocese Justice & Peace Commission co-patrocinou em 2001-2002, e é conferencista no painel da espiritualidade de Canadá do rádio de CBC “Sounds Like Canada”.

Na obra de Rosemary R. Ruether¹² é apresentada uma discussão detalhada e importante a respeito de três mitos principais da criação, da destruição, e da dominação. Ruether, também autora do livro *“Mary: The Feminine Face of the Church, Westminster/John Knox Pr., 1977”*, nos mostra como estas histórias patriarcais ainda estão permeando a cultura e a estrutura social do atual mundo ocidental. De maneira eloqüente, Rosemary Ruether (1994) crítica estes valores de um ponto de vista ecológico e feminista, explorando como a dominação machista sobre as mulheres e sobre a natureza esta interconectada.

A discussão segue no sentido de que este status, bem como os valores devem ser mudados. Ela desenvolve maneiras potenciais para trazer cura ao nosso planeta dentro das tradições religiosas existentes. Este trabalho é útil para coleções especiais na religião, nos estudos da mulher, e no campo dos estudos da ecologia. Assim, a autora e aclamada professora internacional apresenta uma teologia arrebatadora do eco-feminismo, no contexto da teologia da libertação, que traz luz para a direção “terra-cura”, num total relacionamento entre homens e mulheres, comunidades e nações.

1.6.5 Teologia neo-Ortodoxa

A Teologia Neo-Ortodoxa pode ser descrita como uma abordagem que iniciou num meio ambiente comum, mas que em pouco tempo passou a se expressar de vários modos.

¹² Rosemary Radford Ruether, professora de teologia feminista da Graduate Theological Union em Berkeley, California, é uma pioneira de teologia feminista Cristã e seus escritos são extensamente lidos no mundo.

Começou com a crise associada à desilusão que seguiu a primeira Guerra Mundial, com uma rejeição do escolasticismo protestante e com uma negação do movimento liberal protestante que tinha ressaltado a acomodação do cristianismo à ciência e à cultura ocidentais, a imanência de Deus e a melhoria progressiva da humanidade (SCHNUCKER apud ELWELL, 1990, v. 3, p. 13).

A primeira expressão importante do movimento foi a obra de Karl Barth, *Epístola aos Romanos*, publicada em 1919. O movimento foi chamado assim por várias razões, uns como zombaria, outros o viam como um estreitamento da posição tradicional do protestantismo. Alguns viam na palavra ortodoxia o esforço ao retorno às idéias básicas da Reforma protestante, como meio de proclamar a verdade do evangelho no século XX, destacando o prefixo neo como a viabilidade dos novos princípios filológicos para se chegar a um conceito exato das escrituras. Assim em combinação, neo-ortodoxia, fornecia um testemunho poderoso da ação de Deus em Cristo para pessoas de um novo século.

O escrito de Gilkey¹³ pode ser contemplado dentro da teologia neo-ortodoxia. Em seu primeiro trabalho, *maker of heaven and earth*, ele propôs que somente a

¹³ Langdon Brown Gilkey nasceu em Chicago em 9 de fevereiro de 1919. Seu pai foi um ministro liberal Batista e primeiro deão do Rockefeller Memorial Chapel na Universidade de Chicago. Gilkey foi um teólogo Protestante eminente que escreveu sobre a relevância de Deus num tempo de turbulência. Ele escreveu aproximadamente 20 livros e centenas dos artigos eruditos que exploraram o significado da religião em um momento cada vez mais secular. Sua carreira também foi marcada pelo aspecto das direitas civis, reformas do Vaticano II e a controvérsia sobre o criacionismo e a evolucionismo. Dizia crer em Deus porque cria que a história representa um progresso moral constante. Em 1936 graduou-se pela Asheville School for Boys, na Carolina do Norte. Em 1939 recebeu a magna cum o laud em filosofia pela Universidade de Havard. Após a guerra, no ano de 1954, recebeu seu doutorado em religião pela Columbia University e aceitou então um convite para ensinar na Vanderbilt University Divinity School, em Nashville, como assistente de Reinhold Niebuhr. Na Faculdade de Chicago em 1963, combinou seu interesse pelo ativismo social com uma brilhante fonte da literatura escolar que fez dele um dos mais resistentes e respeitados membro da faculdade. Enquanto o movimento da "Morte de Deus" veio cheio de proeminência em 1960, o Dr. Gilkey tentou mostrar a relevância do discurso religioso sobre Deus. Manteve que suas experiências pessoais e sociais, fazendo ainda a religião pertinente ao discutir questões da existência e valores humanos. O Dr. Gilkey levantou a discussão que a religião e a ciência poderiam muito bem manter suas vozes autoritativas dentro de seus próprios limites e que um não se opõe necessariamente ao outro. Gilkey foi comemorado em círculos acadêmicos pelo seu trabalho em Reinhold Niebuhr e em Paul Tillich. Em 1975 ensinou na universidade de Kyoto em Japão, onde sua série ensinos foi focado nos temas a respeito do meio ambiente e o perigo da industrialização. Após aposentar-se da universidade de

neo-ortodoxia deu sentido a doutrina Cristã da criação. Neste sentido, os teólogos conservadores retornaram invariavelmente a doutrina da criação em forma de má ciência ou filosofia. Gilkey (1985) compreendia que tanto religião quanto ciência poderiam caminhar juntos e ainda assim manter suas características. De outro lado, compreendia que os teólogos liberais evitaram conflitos com a ciência acomodando a visão moderna de mundo e abandonando, em parte, a idéia do divino transcendente. Ambas as aproximações supuseram que a doutrina da criação coloca a teologia cristã em algum tipo da perspectiva científica ou filosófica no mundo natural. Refazendo o conceito da idéia cristã da criação como uma resposta religiosa a uma pergunta religiosa, Gilkey (1985) propôs uma reflexão neo-ortodoxa, fazendo um exame de uma aderência mais proveitosa. Ele reconheceu que a questão religiosa é fundamentalmente existencial. O ponto central de uma teologia da criação não é perseguir o problema científico ou metafísico indissolúvel, mas explorar os mistérios inevitáveis da vida e da morte.

A aproximação da neo-ortodoxia foi possível para que a teologia recuperasse o significado verdadeiro da doutrina da criação, Gilkey afirmava, pois nós somos as criaturas do Deus e que, em última instância, somos totalmente dependentes do poder e amor de Deus. Foi extremamente importante para Gilkey afirmar que a neo-ortodoxia constituía uma terceira maneira no fazer teológico. A impressão que temos é que ele procurou certo equilíbrio entre as teologias fundamentalistas e liberais, de modo a propor uma resposta cristã para os problemas sociais, uma vez que foi profundamente tocado pelas atrocidades da guerra, bem como das injustiças contra a criação em geral.

Seus professores, especialmente Niebuhr e Tillich, no Union Theological Seminary, ajudaram-lhe com métodos e categorias para a formulação de sua teologia. Seu método envolveu a correlação das respostas na mensagem Cristã para as indagações levantadas pelos problemas e temas da existência humana. Gilkey exigiu que visão do criacionismo fosse ensinada ao lado da teoria da evolução nas escolas, onde pudesse ser discutido o encontro às reivindicações fundamentalistas cristãs, apontando que a “criação-ciência” era uma ciência, como sendo distinto da religião disfarçada como ciência.

Gilkey (1985) propôs a relevância do discurso religioso sobre Deus, mantendo suas experiências pessoais e sociais, propondo tal religião pertinente na discussão das questões a respeito da existência e valores humanos. A reinterpretação do autor do dogma da criação reflete sobre o significado da existência humana em meio a uma crise ambiental, uma vez que propõe questões científicas como parte integrante da reflexão. Mesmo publicado originalmente em 1959, este volume é ainda atual para tal reflexão sobre a criação de Deus e as implicações disto na atual crise do meio ambiente.

1.6.6 Teologia do Processo

Este é um movimento contemporâneo cujo ensino está baseado que Deus é bipolar, que ele tem duas naturezas e por consequência, está envolvido integralmente no processo interminável do mundo. Deus tem uma natureza transcendente, Sua perfeição intemporal de caráter tem uma natureza imanente mediante a qual faz parte do próprio processo cósmico, que se desencadeia por

épocas. Seu método se baseia mais na filosofia do que na Bíblia ou nas confissões de fé. Também enfatiza a importância das ciências na formulação teológica. Sua fonte é a teologia de Alfred North Whitehead (1861-1947), um famoso metafísico matemático que procurou nos conceitos metafísicos a explicação de todos os seres, desde Deus até o objeto mais insignificante. Ele fez isto por meio da especulação filosófica em interação com a ciência, onde todas as coisas podem ser explicadas como processos de ocasiões reais, inter-relacionadas entre si e variáveis quanto ao seu grau de complexidade. Deus é a entidade real suprema e, como tal, exibe com perfeição todas as funções da entidade real, pela qual todas as coisas são explicadas. Deus ao perceber e ser percebido interage com cada ser no mundo, em cada evento momentâneo na sucessão de ocasiões que se constituem na vida daquele ser. Deus é radicalmente imanente no próprio processo do mundo, guiando-o em direção a valores maiores, não por coerção, mas por persuasão simpática. Ou seja, Deus sofre e cresce junto com o mundo mediante criatividade que ambos possuem (DIEHL apud ELWELL, 1990, v. 3, p. 509).

Uma abordagem dos anos 70 é a obra de John B. Cobb¹⁴, propondo uma questão importante sobre a importância da reflexão de uma ação prática diante de uma situação crítica. Cobb (1972) escreve para o público de configuração cristã e também a outros cidadãos interessados numa introdução para a chave filosófica,

¹⁴ John B. Cobb Jr. é um pioneiro não somente em éticas ambientais, mas é também filosofia e teologia. É co-fundador do processo de estudos e autor de livros e de artigos numerosos. É um teólogo metodista que atuou num papel crucial para o desenvolvimento da teologia do processo. John Cobb nasceu no Japão em 1925. Os pais foram missionários metodistas. Em 1940, foi para Geórgia para ir à escola. Após a graduação estudou no Emory College (atualmente Oxford College of Emory University) na Georgia. Ele recebeu seu mestrado em 1949 e Ph.D. em 1952 da University of Chicago. Após graduar-se, passou a ensinar na Candler School of Theology of Emory University até 1958 quando se mudou para a para a Claremont School of Theology, onde permaneceu até sua aposentadoria em 1990.

teológica e ecológica, temas altamente relevantes neste cenário de crise, e que não requer nenhum fundo técnico no campo da filosofia ambiental.

Sua obra foi publicada originalmente em 1972. A pergunta relevante que faz é a seguinte: “É tarde demais?”. É um texto pioneiro sobre ética ambiental que trata da crise ecológica, tão relevante na atualidade quanto no momento de sua escrita. É útil como um aviso de advertência com respeito às questões endereçada a esta nossa urgente necessidade de respostas, de modo a construir, num processo contínuo, uma reflexão eficaz que possa produzir resultados práticos na vida em sociedade.

A obra de Jay McDaniel¹⁵ traz uma combinação de temas da teodicéia e vida animal na vida centrada no Cristianismo, usando introspecções do feminismo, teologia do processo, e Budismo. Este é um livro sobre todas as coisas vivas sobre a terra, inanimadas e animadas: árvores, rios, animais, e povos: faminto, perdido, esquecido, e vitimado. A obra propõe refletir sobre as poderosas contribuições que a teologia pode fazer ao debate desta edição atual sobre o meio ambiente, cujo foco também contempla os animais. É relevante para a teologia pós-moderna, pois combina os temas diversificados e a vida animal como um todo. É uma obra escrita em quatro capítulos que discute a compreensão do relacionamento de Deus com todas as coisas vivas, bem como os fundamentos e as diretrizes para éticas ambientais, a compreensão da espiritualidade cristã e o feminismo.

McDaniel (1989) destaca que há poucos anos se podia falar do silêncio ensurdecedor da igreja com respeito às questões ambientais. De certa maneira, ele ressalta que a igreja internalizou seu foco apenas no ser humano e temeu que a

¹⁵ Jay B. Mc Daniel é diretor do Street Center for the Study of Religion and Philosophy e professor de religião no Hendrix College, Conway, Arkansas.

atenção às questões ecológicas pudesse levar a uma distração em relação às questões da justiça. O fato é que isto mudou.

Para o autor a tensão entre os temas da justiça e a sustentabilidade ecológica não desapareceram completamente, mas a maioria dos cristãos que refletem, vêem que ambos são essenciais e que nenhum fato é possível sem o outro. Assim, desenvolve uma teologia que inclui a natureza e que reconheça o lugar do humano dentro dele. Para nomear um tipo da teologia emprega a frase “criação centrada” reconhecendo a natureza, a qual chama, inclui também o cosmos e sua história evolucionária.

1.6.7 Teologia da Esperança

A Teologia da Esperança apresenta uma abordagem, onde seus primeiros líderes propuseram uma teologia centralizada na ressurreição, tendo a consciência de que a ressurreição de Cristo é o início e a promessa daquilo que ainda há de vir. Nesta perspectiva o cristão deve ser visto como um esperançoso, que está impaciente com o mal e a morte nesta era presente. Assim, procuravam praticar a teologia e compreender a missão da igreja através de uma mudança da perspectiva interpretativa. Esta teologia existe em diálogo com outras visões de futuro, especialmente o marxismo. Porém, contrasta com as teologias pietista liberal e existencialista (DIEHL apud ELWELL, 1990, v. 3, p. 509).

Um teólogo central nesta Teologia da Esperança é Jürgen Moltmann¹⁶, cuja obra influente é sua Teologia da Esperança, publicada em Inglês em 1967. Nesta obra Moltmann (1993) apresenta uma abordagem teológica da situação crítica na qual a fé cristã passa hoje frente à crise ecológica pelo esgotamento da natureza. Ele entende que o mau entendimento de uma fé bíblica da criação leva a distorção na postura do homem em relação ao seu meio, e as implicações do “sujeitai a terra”, tomada como base para o domínio incosequente sobre a terra. A questão é como reformular a fé cristã e passá-la de vilã da crise ecológica para a mobilizadora de paz com a natureza. A proposta é conhecer o meio ambiente para dele participar e não para dominar, subjugar em busca de interesses puramente egoísta. A advertência é que o homem é parte integrante do ecossistema e está em constante relacionamento com outros seres. Moltmann (1993) relaciona o ser cristão com o ser messiânico, dando luz a sua doutrina cristã da criação colocando-a como uma concepção de mundo à luz do messias Jesus, orientada para a libertação das pessoas, para a satisfação da natureza e salvação da comunhão entre pessoa e natureza das forças da morte. Ele compreende que a crise ecológica é uma crise dos próprios seres humanos, abrangente e irreversível onde os mesmos deixaram de reconhecer a natureza, o que ele chama de niilismo praticado em relação ao meio ambiente. A solução é a busca do reconhecimento do trino Deus presente na criação

¹⁶ Jürgen Moltmann é teólogo protestante alemão. Ele nasceu em 18 abril de 1926 na cidade de Hamburgo. Foi alistado no serviço militar em 1944 (Segunda Guerra Mundial). Por alguns anos (1945-48), ficou confinado como um prisioneiro de guerra. Nesta situação também se encontravam alguns professores de teologia que ministravam lições aos companheiros. No ano de 1947, Moltmann foi convidado para o primeiro encontro pós-guerra do Student Christian Movement em Swanwick, um centro de conferências perto de Derby. Moltmann retornou para a Alemanha para estudar na University of Göttingen, uma instituição cujos professores eram seguidores de Karl Barth e de teólogos ligados à igreja confessional na Alemanha. De 1953 a 1958 exerceu atividades pastorais em Bremen. Sendo suas especialidades História dos Dogmas e Teologia Sistemática, iniciou sua docência em 1958 passando pela Escola Kirchliche Hochschule de Wuppertal, pela Universidade de Bonn, Universidade de Tübingen, Duke University – EUA, no caráter de professor visitante.

na medida em que o seu Espírito Santo poder levar o homem à reconciliação e à paz com Deus.

Assim, diz Moltmann que pensou no Espírito Santo quando colocou o título de “Deus na criação”, uma vez que Seu Espírito está em todas as criaturas. Neste ponto fica evidente que o autor busca desenvolver uma doutrina pneumatológica da criação, pois o Espírito Santo é a fonte do ensino. Este viés teológico deve corresponder ao lado antropológico, onde a proposta é o viver harmonioso entre as criaturas, possível através de um relacionamento descontraído, caracterizado pelo perdão, paz e uma simbiose de sobrevivência. Moltmann (1993) destaca que o cristianismo herda tal doutrina da Sagrada Escritura de Israel, e por isso deve atentar para suas interpretações judaicas dessa tradição comum. Então, dá o foco na teologia e prática judaica do sábado, o que ele chama de melhor sabedoria da criação.

1.6.8 Teologia ecumênica

Este é um movimento que tem como característica o envolvimento das Igrejas cristãs no objetivo de superar as divisões do passado e reintegrar a unidade da Igreja, podendo ter um significado ainda mais amplo.

O termo “ecúmeno”, que deriva do grego oikuméne, significa a “terra inteira”, ou também “toda a terra habitada”, e no uso lingüístico atual é assumido em um triplice significado teológico:

- a) Pode indicar aquilo que diz respeito a toda Igreja Católica: neste sentido se fala dos concílios ecumênicos;
- b) Pode indicar, numa acepção mais ampla, aquilo que diz respeito à unidade dos cristãos e das Igrejas Cristãs sobre toda a face da terra: neste sentido se fala, desde o início do século XX, de movimento ecumênico;

c) Mas pode indicar, numa acepção ainda mais ampla, mundialidade e universalidade: e neste sentido vai-se impondo o uso de expressão “ecumenismo ecumênico”, que se estende aos problemas concernentes à comunidade mundial das religiões (GIBELLINI, 1998, p. 487).

Gibellini diz que as origens do movimento ecumênico, segundo pesquisas bibliográficas, situam-se nos inícios do século XIX, com o pedido do missionário Batista William Carey de dar vida a uma associação geral de todas as denominações cristãs existentes nas quatro partes do mundo, pois a missão exigia das igrejas cristãs o ecumenismo.

Na obra de Brockelman, Westfall e Carroll¹⁷ sobre o rejuvenescimento da fé na busca de uma existência entre meio ambiente e uma vida razoavelmente boa, a reflexão destaca que ninguém discute que a continua depredação de nosso ambiente tem ameaçado de maneira contundente nosso planeta, bem como a nossa existência. O destaque aqui é que o conflito está na busca de uma solução ao problema.

Os autores sugerem que a panacéia oferecida pela ciência e pela tecnologia é demasiadamente estreita. Assim, quinze filósofos, teólogos e ecólogos discutem uma resposta a ecologia que reconheça as ferramentas da ciência, mas incluem uma solução mais espiritual, aproximam-se de uma visão mais humanista, mais holística baseada na reverência inerente inclinado para o mundo natural.

Os escritores cujas orientações variam do budismo, cristianismo evangelical, catolicismo e à opinião americana nativa, exploram maneiras de se conseguir este

¹⁷ John Carroll é professor de conservação do meio ambiente, autor do livro *Environmental Diplomacy* (1983), e editor do livro *Embracing Earth* (1994). Paul Brockelman é professor de Filosofia, diretor de estudos de religião e autor do livro *The inside Story* (1992). Mary Westfall é universitária da Protestant Chaplain e ministra presbiteriana.

deslocamento do paradigma de moda a sugerir que "o ambiente é não somente uma edição espiritual, mas a introdução espiritual de nosso tempo" (BROCKELMAN; WESTFALL; CARROLL, 1997).

CAPÍTULO 2

A VIDA E OBRA LITERÁRIA DE LEONARDO BOFF

2.1 Dados bibliográficos

Leonardo Boff nasceu na cidade de Concórdia, no estado de Santa Catarina, Brasil no dia 14 de dezembro de 1938. É neto de imigrantes italianos da região do Veneto, vindos para o Rio Grande do Sul no final do século XIX. Seu pai Mansueto que foi quase jesuíta, mas seguiu a carreira de Professor, tendo lecionado, além de italiano e alemão, também português, latim e grego (RIBEIRO, 2002).

Boff¹⁸ realizou seus estudos primários e secundários em sua cidade natal, em Rio Negro, estado de Paraná e Agudos, estado de São Paulo. Ingressou na Ordem dos Frades Menores, franciscanos, em 1959, onde foi ordenado sacerdote franciscano. Graduiu-se em Filosofia na cidade de Curitiba e Teologia em Petrópolis. Doutou-se em Teologia e Filosofia pela Universidade de Munique-Alemanha, em 1970.

Boff foi professor de Teologia Sistemática e Ecumênica em Petrópolis durante 22 anos, no Instituto Teológico Franciscano. Também foi professor de Teologia e Espiritualidade em vários centros de estudo e Universidades no Brasil e no exterior, além de professor-visitante nas Universidades de Lisboa (Portugal), Salamanca (Espanha), Harvard (EUA), Basel (Suíça) e Heidelberg (Alemanha).

Boff é doutor honoris causa em Política pela Universidade de Turim (Itália) e em Teologia pela Universidade de Lund (Suécia), tendo ainda sido agraciado com

¹⁸ Todo o conteúdo de referencial bibliográfico, bem como sua teologia e método, foi extraído do site: <http://leonardoboff.com> – Acesso em 22.09.2007. Todos os dados acrescentados estão citados.

vários prêmios no Brasil e no exterior, por causa de sua luta em favor dos fracos, dos oprimidos e marginalizados e dos Direitos Humanos.

De 1970 a 1985, participou do conselho editorial da Editora Vozes. Neste período, fez parte da coordenação da publicação da coleção "Teologia e Libertação" e da edição das obras completas de C. G. Jung. Foi redator da Revista Eclesiástica Brasileira (1970-1984), da Revista de Cultura Vozes (1984-1992) e da Revista Internacional Concilium (1970-1995).

Em 1984 foi submetido a um processo pela Sagrada Congregação para a Defesa da Fé, ex Santo Ofício, no Vaticano em razão de suas teses ligadas à Teologia da Libertação, apresentadas no livro "Igreja: Carisma e Poder".

Em 1985, foi condenado pelo Papa João Paulo II (Karol Josef Wojtyla), via Vaticano, a um ano de "silêncio obsequioso" e deposto de todas as suas funções editoriais e de magistério no campo religioso. Dada a pressão mundial sobre o Vaticano, a pena foi suspensa em 1986, podendo retomar algumas de suas atividades. Quando voltou, tinha uma dupla tarefa: as aulas de teologia no seminário de Petrópolis e chefe do editorial religioso da Editora Vozes junto com a Rose Marie Muraro, que dirigia o editorial leigo.

Em Petrópolis, trabalhou durante 20 anos, celebrando a Missa dos Canarinhos, em língua latina e como Professor do Instituto Teológico Franciscano. Isso levou de 1970 até ser condenado pelo Vaticano, em 1985. O Cardeal que o interrogou no Vaticano, em 1984, foi o Secretário do Santo Ofício Jerome Hamer. Depois de sua condenação, em 1985, passou dois meses na floresta amazônica, no Acre.

Em 1992, sendo de novo ameaçado com uma segunda punição pelas autoridades de Roma, renunciou às suas atividades de padre e se auto promoveu ao estado leigo. "Mudou de trincheira para continuar a mesma luta": continua como teólogo da libertação, escritor, professor e conferencista nos mais diferentes auditórios do Brasil e do estrangeiro, assessor de movimentos sociais de cunho popular libertador, como o Movimento dos Sem Terra e as comunidades eclesiais de base (CEB's), entre outros.

Em 1993 prestou concurso e foi aprovado como professor de Ética, Filosofia da Religião e Ecologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Em oito de Dezembro de 2001 foi agraciado com o Premio Nobel alternativo em Estocolmo (Right Livelihood Award).

Atualmente vive no Jardim Araras, região campestre ecológica do município de Petrópolis, estado do Rio de Janeiro e compartilha vida e sonhos com a educadora/lutadora pelos Direitos a partir de um novo paradigma ecológico, Márcia Maria Monteiro de Miranda. Tornou-se assim 'pai por afinidade' de uma filha e cinco filhos compartilhando as alegrias e dores da maternidade/paternidade responsável. Vive, acompanha e re-cria o desabrochar da vida nos "netos" Marina, Eduardo, Maira, Luca e Yuri.

É autor de mais de 60 livros nas áreas de Teologia, Espiritualidade, Filosofia, Antropologia e Mística. A maioria de sua obra está traduzida nos principais idiomas modernos.

2.1.1 Certificados e diplomas

Leonardo Boff recebeu vários certificados e diplomas. De 1944 e 1949 pela Escola primária em Planalto, município de Concórdia (SC). De 1950 a 1951, pela Escola primária complementar em Luzerna, município de Joaçaba (SC). Em 1951, recebeu certificado pelo ano do ciclo ginasial no seminário S. Luis de Tolosa, em Rio Negro (PR).

Dos anos de 1953 a 1958 Boff completa o ciclo ginasial e colegial no Seminário Santo Antônio, em Agudos, SP. Em 1959 realiza estudos especializados de espiritualidade franciscana no noviciado do Convento São Francisco de Assis.

Dos anos de 1960 a 1961 recebe o diploma pela Faculdade de Filosofia (Seminário Maior) da Província da Imaculada Conceição, Curitiba (PR). Dos anos de 1962 a 1965, é diplomado pela Faculdade de Teologia dos Franciscanos de Petrópolis (RJ).

Já nos anos de 1965 a 1970, completa os estudos em nível de doutorado em filosofia e teologia na Universidade Ludwig-Maximilian de Munique, Alemanha. Neste período, entre 1968 e 1969 também completa os estudos de extensão para pós-graduados nas Universidades de Würzburg (Alemanha) e Oxford (Inglaterra), especialmente em lingüística e antropologia.

No ano de 1970 Boff realiza sua apresentação e defesa da tese de doutorado em teologia, escrita em alemão sob o título: "A Igreja como sacramento no horizonte da experiência do mundo. Tentativa de uma fundamentação estrutural-funcional da eclesiologia", após os exames escritos e orais. Nota da tese: *summa cum laude*.

Neste mesmo ano, 1970, recebe o diploma de Doutor em Filosofia da Religião, pelo Instituto de Filosofia e Ciências sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

2.1.2 Produção acadêmica

Leonardo Boff tem autoria e co-autoria de livros e artigos publicados no Brasil e em países estrangeiros das Américas do Sul, Central e do Norte, da Europa, da Ásia e da África com traduções nos seus vários idiomas (alemão, austríaco, castelhano, catalão, chinês, coreano, croata, espanhol, francês, húngaro, inglês, italiano, japonês, polonês, iugoslavo).

2.1.3 Exercício do magistério

Leonardo Boff tem um vasto currículo como docente. Dos anos de 1970 a 1991 foi professor titular de teologia fundamental, sistemática e ecumênica no Instituto Filosófico-Teológico Franciscano de Petrópolis (RJ). Neste mesmo período, de 1970 a 1980, foi professor de teologia espiritual e de franciscanismo no CEFEPAL - Centro de Estudos Franciscanos e Pastorais para a América Latina-Petrópolis (RJ).

De 1975 a 1990, ingressou como professor de teologia no CETESP (Centro de estudos teológicos e espirituais) da Conferência Nacional de Religiosos, Rio de Janeiro. Em 1976, como professor visitante na Universidade Católica de Lisboa: cursos sobre teologia da libertação e sobre o significado da morte de Cristo, para pós-graduados.

Dos anos de 1977 a 1978, foi convidado a ser professor visitante no MACC - Mexican American Cultural Center – San Antonio, Texas, EUA. Já em 1980, o convite veio da Espanha, onde foi professor visitante na Universidade de Salamanca, na "Catedra Domingo de Soto" com cursos sobre o caminho espiritual de São Boaventura, Teilhard de Chardin e a mística cósmica.

Em 1987 lecionou curso intensivo para professores universitários sobre Ecologia como novo paradigma de saber, na Catedra Ferrater Mora em Girona. Dos anos de 1987 a 1988, trabalhou como Professor visitante na Universidade de Basel com um curso sobre "Cristologia a partir da América Latina" e um Seminário sobre "Incidências sociais da doutrina sobre a SS. Trindade".

No período entre 1981 a 1993, Boff foi Professor e co-fundador do CESEP – Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular – São Paulo e no Curso de verão de teologia para agentes de todo o Brasil, em parceria com a PUC - Pontifícia Universidade Católica - de São Paulo. Neste período, em 1991, foi Professor convidado no curso sobre eclesiologia na Faculdade de Teologia da Universidade de Lund, Suécia.

Em 1991, foi professor convidado no curso sobre CEBs – comunidades eclesias de base e Teologia da Libertação na Faculdade de Teologia da Universidade de Oslo, Noruega. Em 1993, lecionou como professor no curso de extensão e especialização, "Teoria e Praxis do Meio Ambiente" no ISER - instituto superior de estudos da religião, Rio de Janeiro. Neste mesmo ano, lecionou como Professor visitante na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas com curso sobre Sociedade, Cultura e Ética e como

professor concursado em Ética no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

No ano de 1996 foi privilegiado para ser professor convidado em Harvard. Em 1997, como professor visitante em Barcelona, Espanha. De 1997 a 1998, como professor visitante na Universidade de Basel, Suíça.

No ano de 2000, Boff foi professor visitante na Universidade Federal de Juiz de Fora (MG). Curso sobre Ecologia, Mundialização e Espiritualidade. Em 2001, foi professor visitante na Universidade de Heidelberg, Alemanha. Curso sobre: "A eclesiologia das comunidades eclesiais de base e a teologia da libertação a partir da América Latina". E um seminário sobre "Espiritualidade e novo paradigma no contexto da globalização".

2.1.4 Assessorias

Leonardo Boff, além de lecionar, também prestou assessoria. Dos anos de 1970 a 1982, foi assessor teológico da CLAR – Confederação Latino-Americana de Religiosos, Bogotá, Colômbia.

De 1970 a 1983, foi assessor teológico da CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Na sequência, dos anos de 1970 a 1990, foi assessor teológico da CRB – Conferência dos Religiosos do Brasil. Em intersecção com este período, de 1971 a 1993, Boff foi assessor das CEBs – comunidades eclesiais de base, nível nacional.

Dos anos de 1980 e 1993, foi assessor e co-fundador do Movimento Nacional dos Direitos Humanos, Brasília (DF).

2.1.5 Função de redação

Leonardo Boff, incansável, exerceu a função de Redator de várias revistas. Dos anos de 1971 a 1986 Boff foi redator da Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis (RJ). De 1971 a 1993, foi redator da edição brasileira da Revista Internacional de Teologia, Concilium, publicada diversos idiomas, Petrópolis (RJ) e do corpo de redatores do Comité Central da Revista Concilium, Nijmegen, Holanda.

Neste período, entre 1978 e 1980, também foi redator da revista brasileira-latino-americana "Puebla", editada em Petrópolis e Bogotá. De 1989 a 1992, foi redator da Revista de Cultura Vozes, Petrópolis (RJ). E, no período entre 1992 a 1993, Boff foi redator dos Cadernos de Fé e Política, Petrópolis (RJ).

2.1.6 Conselho de redação

Leonardo Boff, entre os anos de 1970 a 1986 foi chefe do Editorial Religioso da Editora Vozes, Petrópolis (RJ). Também neste mesmo período, foi coordenador das publicações do Centro de Investigação e Divulgação (CID), junto à Ed Vozes, Petrópolis, com publicações nas áreas de filosofia, teologia, psicologia etc.

Dos anos de 1971 a 1995, Boff foi do Comité Central da Revista Concilium, Nijmegen, Holanda. Neste período, de 1978 a 1993, foi do corpo de assessores da revista Religião e Sociedade, Rio de Janeiro (RJ).

Já, dos anos de 1980 e 1993, Boff foi do conselho editorial da coleção "Teologia e Libertação" com previsão de 55 tomos em sete idiomas, com vários já publicados, Vozes, Petrópolis (RJ).

Entre os anos de 1988 a 1993, ele foi do conselho editorial de Tempo e Presença, Rio de Janeiro (RJ). De 1989 a 1992, foi redator da Revista de Cultura Vozes, Petrópolis, RJ. De 1988 a 1993, foi do conselho editorial de América, la patria grande, México (DF). Em 199, foi do conselho editorial de America Libre, Buenos Aires, Argentina. E, no ano de 1998, foi do Comitê Central da Carta da Terra.

2.1.7 Co-fundação e coordenação

Entre os anos de 1971 a 1980, Leonardo Boff foi coordenador das Semanas de Teologia Brasileira, Petrópolis (RJ). cujas atas se encontram publicadas na Revista Eclesiástica Brasileira do respectivo ano. No ano de 1979, ele foi co-fundador e presidente de Honra do Centro de Defesa dos Direitos Humanos de Petrópolis (RJ).

Já em 1981, foi co-fundador do Movimento Nacional dos Direitos Humanos, com sede em Brasília (DF). Sete anos depois disto, em 1988, Boff foi co-fundador do TAO – teologia e assessoria orgânica, com sede em Petrópolis (RJ). Depois, em 1989, foi co-fundador do Movimento Fé e Política.

Em 1990, foi co-fundador do Serviço de Educação e Organização Popular – SEOP, Petrópolis (RJ). E em 1992, Boff foi co-fundador da Parceria Bonn-Potsdam-Petrópolis com sede em Bonn, Alemanha e Petrópolis (RJ).

2.1.8 Títulos acadêmicos e prêmios

Leonardo Boff recebe o Prêmio conferido a Jésus Christ Libérateur, na cidade de Paris, Du Cerf, como livro religioso do ano na França no ano de 1974. Em 1984, recebe o prêmio conferido a The Lord's Prayer. Quezon City, como livro religioso do ano nas Filipinas.

No ano de 1985, o prêmio foi conferido a Herbert Haag Preis Freiheit in der Kirche, prêmio pela liberdade na Igreja, de Luzern, Suíça. Em 1987, recebe o prêmio conferido a Passion of Christ, Passion of the World New York, Orbis Books, como livro religioso nos USA .

Boff recebe o prêmio Internacional Alfonso Comín, concedido pela fundação Alfonso Comín e pela prefeitura de Barcelona, por seu trabalho comunitário e em prol dos direitos dos empobrecidos e marginalizados no ano de 1987:

Em 1988, é contemplado pelo prêmio dos editores de livros religiosos em idioma alemão pelo conjunto de sua obra traduzida para o alemão em Frankfurt. Em 1991, recebe o título de Doutor honoris causa em política pela Università degli Studi de Turin no dia 26 de novembro. Em 1992, o Prêmio Nacional dos Direitos Humanos em Brasília (DF), concedido pelo Movimento Nacional de Direitos Humanos em 31 janeiro.

Em 1992, recebe o Prêmio Thomas Morus Medaille der Thomas Morus Gesellschaft pela firmeza da consciência (Standfestigkeit des Gewissens).

Um ano de destaque na vida de Boff foi o de 1984, onde ele sofreu um processo doutrinário pela Congregação para a Doutrina da Fé (ex-Santo Ofício) em

Roma, no dia 7 de setembro sendo julgado pelo Cardeal Joseph Ratzinger acerca de sua obra "Igreja: carisma e poder".

Na sequência deste evento Boff sofreu as seguintes penas no ano de 1985: "silêncio obsequioso" (tempo indeterminado de silêncio reduzido depois a 11 meses); cassação da cátedra de teologia no Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis; deposição das funções de editor e redator da Revista Eclesiástica Brasileira e; da Editora Vozes; censura prévia e dupla obrigatória de todos os seus escritos pelo superior religioso franciscano e pelo bispo local e eventualmente pela CNBB.

No ano de 1993, Boff recebeu a "auto promoção ao estado de leigo", e isto em consequência do cerceamento completo da liberdade de expressão por parte das autoridades doutrinárias vaticanas, renunciou ao ministério presbiteral e se afastou da Ordem Franciscana no dia 26 de junho.

Porém, em 1994 Boff recebe o prêmio Sergio Buarque de Holanda conferido pela Biblioteca Nacional - Ministério da Cultura, para a obra Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres. São Paulo, Editora Ática, como ensaio social do ano. Obra que é alvo desta pesquisa.

2.2 Teologia de Leonardo Boff

Boff esteve presente nos inícios da reflexão que procura articular o discurso indignado frente à miséria e à marginalização com o discurso promissor da fé cristã gênese da conhecida Teologia da Libertação. Foi sempre um ardoroso defensor da causa dos Direitos Humanos, tendo ajudado a formular uma nova perspectiva dos

Direitos Humanos a partir da América Latina, com “Direitos à Vida e aos meios de mantê-la com dignidade”.

As teses teológicas de Boff incomodaram certos setores eclesiais dos redutos católicos que se posicionam alinhados a uma perspectiva mais tradicional e ao mesmo tempo preocupados de que a Teologia da Libertação viesse a promover contestação a estrutura hierárquica da Igreja, como apontava seu livro “Igreja: Carisma e Poder”.

A sua atividade foi mantida sob olhos vigilantes até que em 1992 renunciou ao ministério presbiteral e passou a participar da Igreja enquanto leigo. É destaque que ele nunca abandonou sua militância, na Igreja e na sociedade. Além de trabalhar efetivamente no campo da Ecologia e da Ética, continua produzindo no campo da Teologia e da Espiritualidade.

2.2.1 Método teológico de Leonardo Boff

Leonardo Boff define Teologia como o discurso sobre Deus e de todas as coisas vistas à luz de Deus. Para ele a consciência de Deus surge num momento da evolução de milhões de anos. A palavra Deus expressa um valor supremo, um sentido último do universo e da vida e uma fonte originária de onde provêm todos os seres. Boff entende que os textos sagrados das religiões testemunham a permanente atuação de Deus no mundo, favorecendo a vida, defendendo o fraco, oferecendo perdão ao caído e prometendo a eternidade da vida em comunhão com Ele. É na fé cristã que a promessa de união feliz é antecipada e ao mesmo tempo aponta para o destino de toda a criação no ato de Deus se acercar da existência

humana se fazendo Ele mesmo Deus em Jesus de Nazaré. Boff ressalta a função da teologia nos dias atuais:

1. Colaborar na libertação dos oprimidos;
2. Ajudar a preservar a memória de Deus para que não se perca o sentido e a sacralidade da vida humana, ameaçada por uma cultura da superficialidade, do consumo e do entretenimento.

Boff compreender que devemos unir sempre fé com justiça, pois é daí que nasce a perspectiva de libertação e importa manter a chama da lamparina sagrada sempre acesa, donde se alimenta a esperança humana de um futuro bom para a Terra e a humanidade.

2.2.2 Ecoteologia

Boff se baseia na moderna cosmologia que ensina que tudo tem a ver com tudo em todos os momentos e em todas as circunstâncias. Assim, o ser humano não pode considerar-se independente sem precisar dos demais, afastando-se e se colocando sobre as coisas. Este deve sentir-se junto e com elas, numa imensa comunidade planetária e cósmica. O alvo é a recuperação da atitude de respeito e veneração para com a Terra. Para Boff somente se consegue isso no resgate da dimensão do feminino no homem e na mulher:

Pelo feminino o ser humano se abre ao cuidado, se sensibiliza pela profundidade misteriosa da vida e recupera sua capacidade de maravilhamento. O feminino ajuda a resgatar a dimensão do sagrado. O sagrado impõe sempre limites à manipulação do mundo, pois ele dá origem à veneração e ao respeito,

fundamentais para a salvaguarda da Terra. Cria a capacidade de re-ligar todas as coisas à sua fonte criadora que é o Criador e o Ordenador do universo. Desta capacidade religadora nascem todas as religiões. Ele propõe a revitalização das religiões para que cumpram sua função religadora.

Boff argumenta que parte as causas do déficit da Terra se encontram no tipo de mentalidade que vigora, cujas raízes alcançam épocas anteriores à nossa história moderna. Isto porque há em nós instintos de violência, vontade de dominação, arquétipos sombrios que nos afastam da benevolência em relação à vida e à natureza. Dentro da mente humana se iniciam os mecanismos que nos levam a uma guerra contra a Terra. Ele denuncia que nossa cultura é antropocêntrica, pois considera o ser humano rei/rainha do universo. Nas palavras de Boff, esta estrutura quebra com a lei mais universal do universo: a solidariedade cósmica. Todos os seres são interdependentes e vivem dentro de uma teia de relações. Todos são importantes.

Da perspectiva da ecologia integral, Boff propõe Terra e seres humanos emergindo como uma única entidade. A saber, o ser humano é a própria Terra enquanto sente, pensa, ama, chora e venera.

Caminhando junto com os cosmólogos, ele compreende que todo o universo, e conseqüentemente a Terra, está em cosmogênese. Boff entende que: após o Big-Bang, a evolução está criando mais e mais seres diferentes e complexos. Quanto mais complexos mais se auto-organizam, mais mostram interioridade e possuem mais e mais níveis de consciência até chegaram à consciência reflexa no ser humano. O universo, pois, como um todo possui uma profundidade espiritual. Para estar no ser humano, o espírito estava antes no universo. Agora ele emerge em nós

na forma da consciência reflexa e consciência do amor. E, quanto mais complexo e consciente, mais se relaciona e se religa com todas as coisas, fazendo com que o universo seja realmente uni-verso, uma totalidade orgânica, dinâmica, diversa, tensa e harmônica, um cosmos e não um caos.

Tudo se mantém religado num equilíbrio dinâmico, aberto, passando pelo caos que é sempre generativo, pois propicia um novo equilíbrio mais alto e complexo, desembocando numa ordem, rica de novas potencialidades.

2.2.3 Proposta

Boff propõe a busca de um novo começo, uma renovação. Há uma promessa a se cumprir, e para isto a humanidade de comprometer-se a adotar e promover os valores e objetivos da Carta da Terra. Ou seja, há uma base escrita que deve ser compreendida e cumprida.

Boff ressalta que para tal, deve haver uma mudança na mente e no coração. Novamente o destaque do novo sentido de interdependência global e de responsabilidade universal. Para ele, devemos aprofundar e expandir o diálogo global gerado pela Carta da Terra, porque temos muito que aprender da continuada busca de verdade e de sabedoria. Precisamos encontrar caminhos para harmonizar a diversidade com a unidade, o exercício da liberdade com o bem comum, objetivos de curto prazo com metas de longo prazo. Nossa diversidade cultural é uma herança preciosa e diferentes culturas encontrarão suas próprias e distintas formas de realizar esta visão.

Para construir uma comunidade global sustentável, as nações do mundo devem renovar seu compromisso com as Nações Unidas, cumprir com suas obrigações respeitando os acordos internacionais existentes e apoiar a implementação dos princípios da Carta da Terra junto com um instrumento legal vinculante com referência ao ambiente e ao desenvolvimento.

CAPÍTULO 3

O PENSAMENTO DE BOFF NA DISCUSSÃO SOBRE ECOLOGIA

Leonardo Boff propõe em seus ensinamentos sobre ecologia, articular o grito do oprimido com o grito da terra, compreendendo que este tem sido o centro do cristianismo na atualidade na América Latina.

O oprimido grita porque é pobre e necessitado por salvação, a qual se torna realizável frente à consciência da Teologia da Libertação, que leva este indivíduo pobre ao conhecimento de sua própria situação, dando-lhe subsídios para uma efetiva reação. Tal teologia coloca Deus totalmente identificado com a causa dos pobres, verdade esta que pode ser percebida na própria história, cujo maior exemplo está na mensagem e prática de um Jesus totalmente identificado nas mesmas situações do oprimido. Para Boff, o oprimido é ativo no processo da salvação, o qual deve buscar libertação, vida e poesia, elementos do próprio Reino de Deus.

A Terra também grita porque a lógica a depreda, quebrando o equilíbrio do universo, rompendo a aliança com o homem, destruindo o sentido de re-ligação. Boff deixa evidente sua idéia de um isolamento antropológico, pois propõe um ser humano que se posiciona à parte, mergulhado numa visão distorcida que vê o restante da criação como inimigo que deve ser submetido e domesticado.

Há um paradoxo aqui, pois o homem numa faceta é vítima e em outra, satã da Terra, dependendo de sua classe social. A dicotomia coloca de um lado o pobre que devem se libertar (ativos) e de outro o resto que devem ser libertados (passivos).

A lógica citada acima como vilã é o presente paradigma que vê o ser humano posto sobre todas as coisas. Esta idéia corta a reflexão de Boff, pois contra este velho paradigma, propõe um novo paradigma, a saber, o ser humano deve estar com todas as coisas (re-ligação), que deve se evidenciar numa nova religião universal fruto da convergência das diversas religiões. É enfático ao dizer que enquanto esta proposição não se tornar realidade não há uma grande comunidade cósmica. Assim, Boff aplica a Teologia da Libertação na questão ecológica, destacando a Terra como mãe generosa, ferida e doente, esperançosa que a humanidade se re-ligue nesta nova religião cósmica, que deve buscar a restauração do sagrado em todas as coisas, buscar o resgate da dignidade da Terra, buscar a redescoberta da missão do ser humano (chamado para celebrar o mistério do cosmo), e buscar o encontro com Deus (mistério de comunhão e de vida) no processo da cosmogenese.

Suas reflexões nascem de uma profunda crise de ausência, a qual ele mesmo relata numa entrevista:

Eu chego em fevereiro de 1970 e vou pregar retiro em julho do mesmo ano a missionários da Amazônia. Começam as palestras e as discussões. Alguns começaram a falar. Um diz: “eu estou a quase um mês a caminho, descendo o rio de barco, a cavalo, a pé”; outro diz: “estou a quase dois meses vindo do coração da floresta, lá dos limites da Venezuela, agora estou chegando aqui”. Cada um foi se apresentando. E eu comecei a dar as palestras dentro da melhor cristologia crítica européia, protestante e católica. E eu percebia nos olhos que a coisa não chegava a eles. Até que um grupo fez uma pergunta: Como é que vamos pregar a ressurreição de Cristo ao povo indígena que está sendo assassinado por seringueiros?” Outro disse: “Olha, nós estamos numa região cheia de doenças e de febre amarela, que estão dizimando a população. Como é que eu vou pregar a cruz de Cristo a uma população ribeirinha que está morrendo? E uma freira disse: “O que significa pregar Jesus, a Igreja e os sacramentos se vemos os ritos tão bonitos dos indígenas? Eles têm uma vida espiritual muito mais centrada que nós. O que significa ser cristão?” Aí eu não tinha respostas aprendidas. Calei-me.... simplesmente entrei em crise, porque minha teologia por mais

contemporânea que fosse, mais crítica, no final era incapaz de responder a estas questões vitais. A crise foi tão profunda que eu fisicamente não conseguia mais falar. Fiquei com câimbra no pescoço e na língua que simplesmente endureceu e não permitia que saísse palavra nenhuma¹⁹.

A partir desta experiência Boff propõe uma cristologia libertacionista como uma irrupção de espírito, afirmando que o espírito emerge violentamente em distintas situações com a mesma sintonia em outros lugares e em outros sujeitos, se referindo a outros autores que estavam cunhando a Teologia da Libertação, cujos escritos ele ainda não conhecia neste momento. O alvo de Boff é a práxis teológica, a qual deve ser cunhada na vivência, tendo como objeto as realidades dos oprimidos.

A obra em análise nesta pesquisa pode ser compreendida em três partes: 1) científica (dos capítulos 1 ao 6); 2) teológica (dos capítulos 7 a 9) e 3) ecoespiritualista (dos capítulos 10 ao 12).

3.1 Parte 1: Científica

Leonardo Boff inicia esta primeira parte afirmando que há uma máquina de morte que provocou a quebra de uma concepção de mundo, a qual dizia que o progresso se move entre dois infinitos: os recursos da terra e o futuro. É fato que tanto um quanto outro são esgotáveis. Ao ignorar tal visão, o ser humano contemporâneo se impõe sobre as coisas, dispondo delas com bem deseja. Este é o real motivo da crise, onde o homem alimenta a lógica da máquina produtivista estabelecendo um sentido de ser.

¹⁹ Revista memória e caminhada: Programa de Pesquisa e Documentação das Comunidades Eclesiais de Base.

Se este é o motivo, então se necessita objetivar uma proposta de acerto: recuperar a visão global da natureza e dentro dela as espécies e seus representantes individuais. Daí a ecologia com o saber das relações entre os elementos de conhecimento, que leva a concepção de inter-dependência. Boff usa o termo teia para tal inter-ligação.

O clamor ao homem é que este deve buscar aprender a tratar a natureza, assim como ela se trata numa lógica própria de preservação. A percepção é que a ecologia ganha novos significados quando deixa de ser o movimento da conservação do verde e passa a ser crítica da crise planetária, cujo objetivo é a redenção da mesma.

O mundo está doente e este fato por si estabelece indícios que a nossa psique também está. Dentro do ser humano funcionam visões, arquétipos, emoções que levam a exclusões e violências. Boff é categórico: o estado do mundo está ligado ao estado de nossa mente. A implicação é direta, ou seja, mudando a mente, o interior do ser humano, muda-se o estado do mundo. Curando a mente, o mundo fica curado, pois a mente é a ecologia interior e o mundo, a ecologia exterior. O conteúdo dentro do ser humano implica em transformação positiva ou negativa na ecologia.

A sua proposta leva uma nova religião, a saber, um novo acordo do homem com todo o resto da criação, numa relação reverente e terna.

3.1.1 O novo paradigma: a consciência universal

O que propõe Boff? Mudança de rota para o benefício do presente e futuro, profundas correções e transformações culturais, sociais, espirituais e religiosas. Este é o caminho que quer tomar: mudança de paradigma. Dai o assimilar as coisas boas da modernidade e utilizá-las num novo paradigma e estabelecer uma relação com a natureza mais benevolente e integrador.

Mas o que é paradigma para Boff? É uma maneira organizada e sistemática e coerente de nos relacionarmos com nós mesmo e com todo o resto a nossa volta. Trata-se de modelos e padrões de apreciação, de explicação e de ação sobre a realidade circundante. Boff julgou importante destacar novamente que a prática do diálogo experimental, que definiu a relação de estar sobre a natureza para conhecê-la e modificá-la, geraram crises e evoluções, levando a indagações e novas questões. Isto levou a percepção da universalidade do código genético. Boff caminha nesta ênfase, procurando despertar a percepção da tal interação universal pela verificação das energias primitivas pós *big-bang* se desenvolvendo até os códigos sofisticados do cérebro humano. (de quem ele herda este pensamento?)

A crise atual gera a necessidade de novas reflexões, e por isso, um novo paradigma, numa nova dialogação com o universo e regresso a nossa pátria natal. Desta declaração emerge uma nova compaixão, um novo paradigma: a tendência de criar um novo modelo de ser, sentir, pensar, valorar, agir e rezar. Este novo paradigma está conectado com o reconhecimento de que a Terra possui uma identidade e autonomia, uma grande mãe que nutre e carrega. Para os andinos, a *Pacha Mama*, para os gregos, *Gaia*. Boff propõe uma nova sacralidade, ligada a

idéia da voz interior da natureza, o *daimon*, que está chamando nossa atenção pelo despertar da razão, o *logos*, da paixão, o *eros*, e da afetividade, o *pathos*. O conceito de conhecer está ligado com a prática de entrar em comunhão com as coisas e perceber a presença do *daimon* em nós, a voz que fala no interior do homem.

É a nova percepção que leva a utilização de uma nova ciência, que opera em favor e nunca contra a natureza. Eis o novo paradigma: ecologizar. O resumo deste novo paradigma: a) rejeitar os conceitos fechados; b) desconfiar das causalidades unidirecionadas; c) propor-se ser inclusivo contra todas as exclusões; d) propor-se se conjuntivo contra todas as disjunções; e) propor-se se holístico contra todos os reducionismos; e f) revelar complexo contra todas as simplificações.

É claro a presença do adjetivo “novo”, aplicado repetidamente em diversos substantivos. Boff abusa deste adjetivo e propõe uma nova perspectiva, a saber, que o ser humano não é um peregrino errante, mas um filho da Terra, pois ambos formam uma única entidade: *Gaia*. Para isto ele toma emprestado os termos bíblicos na língua hebráica, o substantivo masculino *adam* – ser humano, e o substantivo feminino *adamah*, terra. Então, o ser humano é a própria terra em sua expressão de consciência, liberdade e amor. Assim, homem e terra se pertencem mutuamente numa implicação escatológica.

3.1.2 A nova percepção: O caráter científico

Boff traz à tona a teoria de Darwin da qual se utiliza para abordar a proposta de que a vida resulta das potencialidades do universo e o homem é produto final,

brilhante do processo de evolução o qual ele chama de antroposfera. Tal processo é mantido através de um equilíbrio precário entre ordem e caos.

O caráter científico desta primeira parte está no fato de Boff se utilizar, de modo superficial, de conceitos de cientistas. Por exemplo, de Ilya Prigogine, prêmio Nobel de química, Boff utiliza o estudo da termodinâmica em sistemas vivos, destacando o processo de entropia, economia de energia, e sintropia, gasto de energia. Este argumento é utilizado para colaborar com o conceito de similaridade e pertencimento do ser humano que, por meio destes processos, também devem estar envolvidos na mesma ação de ordem e desordem, dependendo das reações frente ao meio ambiente.

Boff afirma que a ciência está confirmando o mito da Terra mãe. Ele se apóia no médico e biólogo inglês James E. Lovelock, que utiliza-se do mito grego *Gaia* para designar esta entidade complexa que abrange a biosfera, a atmosfera, os oceanos e o solo. Ele diz que este conjunto dos organismos vivos e seu meio ambiente evoluem simultaneamente, numa calibragem impressionante e similar ao ser humano, articulada sinfonicamente por uma mente ordenadora, que continua atuando sinergeticamente para a manutenção do cosmos, rumo a formas cada vez mais relacionais e complexas de seres. Boff diz que somente uma inteligência ordenadora que excede em muito a nossa pode realizar tal ação, uma inteligência mais sábia e soberana que a nossa.

Utilizando-se de dados científicos, Boff explana uma breve história do universo, culminando na hipótese da readaptação de *Gaia* frente os diversificados ataques à sua existência. A Terra, que nesta proposta tem uma consciência, se vê na iminência de inventar novas adaptações, e assim, não precisa ser benevolente para

com a espécie humana e então irrompe em fomes, secas, etc., podendo eliminar seus agressores. É impressionante e ao mesmo tempo lógico esta abordagem, porém caminha no campo da teoria que provoca e propõe uma personalidade à natureza. Boff realmente aposta na hipótese *Gaia*, junto com os cientistas, argumentando que em tal comunidade tem havido crescente consenso quanto a unificação e harmonia do universo.

Para harmonizar esta reflexão, a proposta é compreender que a história não é exclusiva do ser humano, mas que a terra também tem e faz parte da história. É evidente, uma vez que a proposta é conferir consciência ao inanimado. Se há consciência, então deve haver memória, relatos, comunicação entre passado e presente. Boff trabalha no campo das hipóteses. Neste sentido, a concepção de tempo linear passa a ser colocado em cheque, pois passa a ser a medida dos desenvolvimentos internos de um mundo em processo permanente de mudança, o que explica, para Boff, a passagem da simplicidade para sistema complexos.

Há um princípio atuando, segundo esta abordagem, que traz a tona a vida. O que ele chama de princípio cosmogênico, ou Deus. O alvo é derrubar toda e qualquer idéia de separação entre qualquer que seja o elemento. Uma vez que entende que o próprio ser humano é fruto do processo cósmico, emerge o caráter solidário inerente. O ser humano é a natureza e a natureza é o ser humano, é esta a conclusão que se chega neste ponto, e que vai levar a conclusão final de que, Deus é tudo e que tudo é Deus. Seu alvo é destronar o antropocentrismo, apontando para a proposta de descentralização centralizada, como implicação direta do pertencimento mútuo. Então o agir ecocentricamente:

A partir disto devemos pensar cosmocentricamente e agir ecocentricamente. Quer dizer, pensar na cumplicidade do inteiro

universo, na constituição de cada ser e agir na consciência da inter-retro-relação que todos guardam entre si em termos de ecossistemas, de espécies a partir das quais se situa o indivíduo. Importa, pois, deixar para trás como ilusório e arrogante antropocentrismo e androcentrismo. São pecados ecológicos capitais (BOFF, 2004, p. 41).

Assim, o termo teológico pecado entra em cena em sua reflexão, evocando o erro do homem de se colocar sobre todas as coisas num ato de extremo egoísmo. Este é um fato real, pois o homem não deve confundir sua posição singular, que Boff chama de andrópica, para abusar da natureza. O problema se encontra na declaração de que o princípio de compreensão, reflexão e comunicação está primeiro no universo, o qual é a fonte que encontra seu ápice no ser complexo, no ser humano.

Este novo paradigma proposto por Boff neste contexto científico converge para a complexidade do seres vivos que estão em busca de novas adaptações a partir do não equilíbrio, em outras palavras, do caos. Ou seja, o caos cria a possibilidade de uma nova ordem, pois é o princípio de criação. Isto leva a uma interdependência dos elementos e sua funcionalidade global, implicando que o todo seja mais que a soma das partes e que as partes se concretize no todo, princípio que é chamado de hologramático: nas partes está presente o todo e o todo nas partes. Assim Boff vai progressivamente construindo sua base em argumentos científicos, para culminar num princípio teológico que irá abordar na parte teológica: panteísmo.

3.1.3 A nova lógica: o diálogo da inclusão

Diante da percepção desta complexidade, Boff propõe uma nova lógica, a lógica designada por ele de pericorética, a qual procura o diálogo em todas as direções e em todos os momentos, supondo a atividade mais inclusiva possível. Nesta lógica, tudo interage com tudo em todos os pontos e em todas as circunstâncias. O presente borbulha com características distintas de um passado não muito distante, e se mostra nessa complexidade antes nunca vista, e, por isso, há a necessidade do novo em todos os conceitos para que se tenham ferramentas competentes aptas para lidar com esta nova realidade.

Neste sentido, tudo está em evolução, pois veio do passado, se concretiza no presente e se abre para um futuro próximo. Pensar em ser humano, como parte do processo, implica pensar em interconexão.

Seguindo, Boff insere mais um elemento em seu pensamento, o cuidado. Ao introduzir esse termo, ele recorre à figura da mulher como geradora de vida. A mulher se torna fonte de inspiração na elaboração de uma nova aliança, pois sua sensibilidade lhe mune da capacidade de ouvir a mensagem das coisas e de re-ligar todas as coisas numa totalidade dinâmica.

Ao propor um novo paradigma, no contexto científico, na perspectiva de uma nova lógica, Boff também propõe a unificação das perspectivas de mundos, ou seja, o universo deve ser compreendido apenas por uma abordagem onde espírito e matéria se pertencem mutuamente, uma vez que são resultados de um princípio gerador inicial. A implicação é que tal universo unificado tem a força de se auto-organizar em todas as direções, seja espiritual, seja material. Nesta dinâmica a

evolução faz todo sentido, pois ganha a capacidade de explicar tudo o que não é matéria a partir da idéia de que num simples átomo há um quantum de espontaneidade que se desenvolve por si próprio até alcançar as estruturas mais complexas. Esta é outra base que ele lança rumo à compreensão de uma divindade plenamente compreendida como parte de todas as coisas.

Neste jogo de relações com base na auto-organização de todas as coisas, a vida é compreendida desde a origem do universo como resultado das reações das primeiras energias que se interagiram gerando o autoconsciente encontrado no ser humano. Esta é a tentativa de Boff em se basear na ciência para entender a totalidade do ser humano matéria e espírito, destacando o trabalho de bioquímicos, para afirmar que o processo evolucionário avança e se torna ainda mais complexo, o que resulta em maior interioridade, consciência e autoconsciência, onde tudo possui certo nível de vida e espírito.

Há algumas dificuldades nesta reflexão. Uma por exemplo, o fato de certo alimento participar de minha vida não pode significar que eles possuem espírito que alimenta meu espírito, ainda que carregue em si uma marca comum presente em cada partícula desde o início da criação. Refletir nesta direção é conferir identidade às coisas inanimadas e chegar ao ponto que buscar o contato com determinada matéria para que tal gerasse no ser vivo algum acréscimo imaterial. É certo que Boff está dizendo isto, pois é enfático em afirmar que uma montanha é portadora de espírito e vida uma vez que também tem uma linguagem que se percebe no discurso do universo (BOFF, 2004, p.50).

Para Boff a visão dicotomizada de seres bióticos e abióticos é uma redução da realidade, pois a própria ciência confere a captação de energia em ambas as

categorias, chegando a afirmar que tudo é energia e tudo está interconectado com tudo e por isso tudo possui sua interioridade e é espiritual. O que ocorre no homem é que este espírito ganha expressão autoconsciente. Assim, a própria natureza é quem confere o ser humano ser como é, nas palavras de Boff, o ser noosférico da evolução. Neste sentido e neste ponto da reflexão, um ser divino e único, distinto no sentido ontológico, é totalmente retirado de cena, uma vez que Deus é projeção da mente deste ser, o qual não se conta que é parte desta divindade. Esta seria a nova concepção religiosa, pois agora há uma nova realidade que está levando a humanidade a uma nova reflexão. Neste sentido a divindade se materializa no acaso, ou o acaso se materializa no divino, pois é sua fonte e sua essência.

A conclusão de Boff é que Deus é o elemento unificador, que faz o caos ser generativo e que mantém a ordem sempre aberta a novas intenções. Em outras palavras, todas as coisas existem em forma de caos e ordem como dimensões da mesma realidade e necessários para a evolução no universo. Na base originária deste universo estão as dimensões da mesma realidade complementares e recíprocas. Daí a idéia do processo evolucionário, num percurso que está totalmente aberto para o futuro. Neste ponto Boff destaca breve solução para o problema ecológico, nesta evolução com caráter irreversível de troca constantes de energias, no qual o ser humano tem poder para retardar o processo, prolongando as condições de sua vida e do planeta. Boff insiste que o universo tem a capacidade de se auto-organizar de modo a gerar vida complexa, capaz de fugir do que ele chama de entropia. Diante de tal reflexão, como compreender que o universo consciente, que evolui de tal forma a materializar sua consciência em forma humana, permite que dentro de si mesmo tal situação de crise irreversível? Se evolui, se aprende com

seus erros, se já passou por situações semelhantes, como esta consciência materializada do universo age de modo tão destruidor? Está claro a interdependência entre todos os seres do universo, mas a partir daí conferir a tudo uma consciência comum é ignorar a distinção ontológica entre criador e criatura, assunto que trataremos mais adiante.

3.1.4 A nova cosmologia: o princípio unificador

Esta nova cosmologia, segundo Boff, é fruto do novo paradigma ecológico, com base no caráter científico, o qual proporciona uma nova lógica. Está aqui contemplada uma nova perspectiva de mundo, feita pelas grandes narrativas, resultado dos mais diversos saberes, tradições e intuições. Esta nova cosmovisão tem a tarefa de re-ligar todas as coisas.

Há uma lógica apresentada por Boff neste ponto, que assim como todas as coisas estão inter-relacionadas desde a origem até o destino, também as ideologias diversas das diversas culturas estão interligadas e são complementares, pois são maneiras diversas do ser humano ver o cosmos no espaço e no tempo. Cada cultura cria sua própria narrativa, pois é algo inerente para o sentido de existência, organização e segurança da vida.

Boff propõe três exemplos de narrativas, frutos do inconsciente coletivo. Para Boff, estas narrativas usam linguagem do mito e a simbólica do imaginário (2004, p. 58). São elas: a narrativa bíblica, onde o paraíso terrestre é projeto de Deus; a narrativa dos maia-quíchuas da Guatemala, próxima da Bíblia, onde Deus cria a

terra para os homens, que é a glória e grandeza de toda criação; e a narrativa recente, construída sobre modelo bíblico por Robert Muller²⁰, a nova gênese²¹.

É evidente que nesta parte designada como científica, a lógica destas narrativas recebam a categoria de mito, pois são representações simbólicas daquilo que os povos primitivos estão captando de seu meio e cultura. Porém, é evidência puramente contextual na reflexão de Boff, que logicamente propõe uma igualdade do relato bíblico com outra ou qualquer meta narrativa, uma vez que a proposta é análise e síntese também no campo literário. Há um Deus criador que dá sentido e é Senhor, seja qual for este Deus. As palavras de Boff ressaltam sua intenção:

Este sentido vem expresso numa narrativa (como no Gênese) que pode dar a impressão de uma cosmogênese, de uma saber acerca da maneira como Deus criou o mundo. Mas é apenas material narrativo para concretizar a intenção primigênica: cada coisa, desde as estrelas, as plantas, os animais, até os seres humanos, vem carregada de excelência e de sentido, porque guarda em si a marca registrada de Deus (2004, p.58).

Para Boff não se trata de um relato puramente histórico, mas apenas de uma reflexão sobre o drama da existência humana com base nas observações da situação atual da humanidade no momento em que o escritor está produzindo. O mal parte do humano que é seu causador, a serpente é apenas um animal que rompe com o homem e Satanás nem é mencionado na reflexão de Boff, que interpreta o paraíso como “uma profecia do futuro retroprojetada para o passado. A implicação desta proposta é que estamos todos construindo um paraíso que se

²⁰ Robert Muller foi Secretário Assistente durante os mandatos de três Secretários Gerais da ONU: Dag Hammarskjöld (1953-1961), U Thant (1961-1971) e Kurt Waldheim (1972-1981). Foi o idealizador de um método novo de ensino, o *World Core Curriculum* [2] (*) e fundador da primeira Escola Robert Muller, em Arlington, Texas.

²¹ Material anexo sob título de

concretizará num futuro próximo, cuja planta já nos foi dado pelo grande arquiteto. Porém há condicionais, o re-ligar a tudo, a saber, com o cosmos e a divindade.

Na narrativa dos mais-quíchuas, Boff estabelece aquela marca genética comum presente em tudo, ao aproximar com a narrativa bíblica. Algumas diferenças podem ser notadas. Uma é a pré-existência das águas (idéia de Tales de Mileto) e do céu. Então surge Deus em cena criando todas as coisas, culminando na glória e grandeza, o homem. Outra é a ausência de um ser maligno que provoque a entrada do princípio de corrupção na criação.

Em colaboração com o princípio da construção do paraíso na Terra, Boff propõe a “Nova Gênese” de Robert Muller (1993, p. 161). Extremamente interessante e criativo, contemplado pela beleza e busca da paz, felicidade de justiça, destacado pela consciência da adoração a Deus e respeito ao próximo.

A partir deste tripé, Boff propõe a nova cosmologia, a sua narrativa ecológica contemporânea, que tem como base as ciências da Terra, descritas até aqui como princípio cosmogênico do qual tudo se origina, movimento do mais simples até o mais complexo. Ele traz a tona novamente os argumentos já apresentados acima, traçando uma breve linha histórica da cosmologia antiga, passando pela cosmologia clássica, ancorando na cosmologia contemporânea, a saber, evoluímos de tal maneira que ganhamos a capacidade de perceber a rede complexa de energias que consolidadas são a matéria, e como energia pura são campos energéticos e mórficos, cujo objetivo é a re-ligação universal. Nesta nova cosmologia Boff tem o desafio de construir a imagem do elo que tudo une e harmoniza, a representação da divindade. Tal perspectiva será contemplada na parte que tratará da Teologia.

3.1.5 A nova centralidade: a ecologia

A nova cosmologia proposta no ponto anterior é construída tendo como base esta nova centralidade, a ecologia. Nas palavras de Boff, um pensar sempre holístico:

A ecologia holística é uma prática e um pensamento que incluem e relacionam todos os seres entre si e com o respectivo meio ambiente numa perspectiva do infinitamente pequeno das energias e partículas elementares, do infinitamente grande dos espaços cósmicos, do infinitamente complexo da vida, do infinitamente profundo coração humano e do infinitamente misterioso, anterior ao *big-bang*, oceano ilimitado de Energia do qual tudo promana (vácuo quântico, símbolo do Deus criador) (2004, p. 67).

Este novo pensar holístico contempla a contemporaneidade no ambiente da pós-modernidade, da interioridade, e por consequência, da percepção dos sentimentos e da mística. O curso do tempo testemunhou a inferência do humano na cadência rítmica do planeta. A reflexão de Boff sempre aponta para o movimento dos primórdios do *big-bang* até a complexidade atual, evolução constante, tendo como orientação as energias em movimento, num inter-relacionamento que deve ser levado em conta em toda e qualquer experimentação, seja filosófica, seja científica.

A evolução aponta para a capacidade do universo de se auto-organizar, implicando uma capacidade de expansão da vida em detrimento da morte. Boff pega carona no consenso de que o universo está em expansão em constantes re-ligações carregadas de direção e racionalidade, e discorre com bases em artigos científicos assinados por cientistas como Edwin Powel Hubble, Georges Lemaître, Arno Penzias, Robert Wilson, Steven Weinberg e Stephen W. Hawking. Seu objetivo é propor uma irmandade total de todas as coisas existentes no universo, animadas e inanimadas. Em suas próprias palavras, “há um tempo estávamos todos juntos sob

forma de energia e partículas originárias...”, por isso, “formamos uma grande comunidade cósmica.” (2004, p. 70). Assim a nova centralidade ganha sentido nesta reflexão no argumento de que temos o mesmo código genético, e tudo isto atestado por teorias científicas. Sob esta perspectiva a Terra ainda não está pronta, indo rumo a alcançar uma identidade constituída, e então, apta para resistir.

Este avançar acontece neste tempo e espaço, nas trocas constantes de energias, que levam a sistemas mais complexos. Boff confere a estas relações diálogos permanente que, por sua vez, geram informações do mesmo modo complexas. Ou seja, para Boff a complexidade vem do mesmo código genético, nas incontáveis transformações energéticas, cuja leitura nos leva a entender o acúmulo de mais e mais informações, no qual temos a capacidade de ler esta complexidade. Seguindo esta lógica, teremos seres pensantes melhores no futuro, completamente diferentes dos que temos hoje, pois este seguir adiante, numa complexidade cada vez maior, no acúmulo de informações que geram mais informações devem culminar numa situação de harmonia, uma vez que este universo auto-consciente se auto-organiza para um rumo conscientemente organizado. É uma soteriologia que se concretiza a partir da conscientização da real identidade do universo, do ser pensante, e a cada dia passa a compreender melhor seu próprio status. Em consequência disto, reage e retorna ao seu ponto de origem, pois o mal é exatamente o distanciamento de si mesmo.

Estas implicações surgem naturalmente nos escritos de Boff. Mais uma vez, utilizando-se das reflexões científicas, chega a afirmar que “não precisamos recorrer a um princípio transcendente externo para explicar o surgimento da vida, como fazem comumente as religiões...” (2004, p. 77). Então, Deus é um criador

transcendente, que cria um princípio cosmogênico, e a partir daí, tudo parte rumo a complexidade universal. O universo se cria, e continuamente, se diferencia na seta do tempo. A vida é fruto de uma possibilidade que aconteceu a partir da matéria e da energia.

Esta base que Boff vem construindo serve para apoiar sua inclinação:

Presume-se que as mais diversas formas de vida se originaram todas de um único vivente, Áries, 4 bilhões de anos atrás. Ele se reproduziu, se transformou, se difundiu a todos os quadrantes, se adaptando aos mais diversos ecossistemas, nas águas, nos solos, nos ares. Há cerca de 600 milhões de anos começou-se a formar uma espantosa diversificação das formas de vida, plantas, invertebrados e vertebrados, répteis e mamíferos. Com os mamíferos surge uma nova qualidade da vida, a sensibilidade emocional, na relação sexual e na relação mãe-filho, o que marcará indelevelmente a estrutura psíquica dos viventes com sistema nervoso central. Dentre os mamíferos, há cerca de 70 milhões de anos, se destacam os primatas e depois, por volta de 35 milhões de anos, os primatas superiores, nossos avós genealógicos, e há 17 milhões de anos, nossos predecessores, os hominídeos, para, por fim, há cerca de 10 milhões de anos, emergir na África o ser humano, o australopiteco (Boff, 2004, p. 79).

Nesta abordagem, Boff harmoniza sua declaração de que a Bíblia é narrativa mitológica, pois a ciência ganha autoridade neste campo e suplanta a idéia de um Deus criador e imanente no processo da criação, um Deus pessoal e presente em todos os eventos na história da humanidade. Esta visão é importante no pensamento de Boff para o seu entendimento do ser humano no contexto ecológico, cuja característica é a auto-organização, a autonomia, a adaptabilidade, a reprodução e a auto-transcendência. O homem tem uma dinâmica e por isso consome energia, dissipando forças que levam a uma desordem até o caos total, que é marca que uma nova ordem irá emergir. Como diz Boff, “o caos é generativo.” Outra faceta do entendimento de Boff com relação à origem da vida é a impossibilidade do acaso puro, ou seja, há uma ação do acaso no surgimento e

desenvolvimento de todas as coisas, porém deve-se levar em conta a presença de um grau superior interferindo neste processo.

A consciência de ecologia neste contexto científico fica evidente neste contexto:

Somos, portanto, feitos do mesmo material e fruto da mesma dinâmica cosmogênica que atravessa todo o universo. A consciência é um tipo especial de relação, relação que constitui tudo o mais no cosmos. O ser humano, pela consciência, se encaixa plenamente no sistema geral das coisas. Ele não está fora do universo em processo de ascensão. Encontra-se dentro, como parte e parcela, capaz entretanto de saber de si, dos outros, de senti-los e de amá-los (12004, p. 85).

Para Boff, o homem é parte do todo e o todo é parte do homem, o homem é tudo e tudo é o homem. Não somente a matéria, mas também sua consciência é derivada do meio, filha da grande mãe Gaia. A distinção está na função de cada elemento deste todo. É evidente que em partes de sua reflexão evidencia tratar-se de possibilidades, como no fato de propor de que tudo pode ser meramente matéria e energia, e que há um vácuo quântico de onde tudo vem e para onde tudo vai. Boff declara que “formamos um todo organicamente articulado e re-ligado, onde não existe um ser desgarrado do outro” (2004, p. 87).

Nesta nova centralidade, o ser consciente perceberá a riqueza da natureza e da cultura, e poderá, num ato de amor entendido como entrega desinteressada pelo outro, transformar todas as experiências e conhecimento, voltando as costas para a atitude de rebelião e exclusão em relação ao universo. É a proposta da fuga da tragédia em direção à realização do próprio universo pela descoberta do eu integrado que decide por admirar, venerar e capturar uma nova mensagem do mistério, que Boff chama de Deus.

3.1.6 A nova ligação: a cura para a crise ecológica

É fato que a Terra está sofrendo da chamada crise ecológica. Na reflexão de Boff a Terra está doente e necessita de cura, realizável somente pela comunidade humana em conjunto com a própria *Gaia*. Entra aqui a devoção que cada membro desta comunidade humana deve prestar a *Gaia*, pois em algum momento da história este mesmo membro propiciou tal estado de crise.

Boff afirma enfaticamente que o cristianismo não soube educar a humanidade, uma vez que lhe conferiu a boa consciência de dominar e explorar a Terra como resposta obediente ao mandato de Deus. Mais que isto, o cristianismo confere tal domínio à providência divina, tirando a responsabilidade humana das ações perversas ao meio ambiente. O contra ponto que faz é em relação aos povos primitivos que habitavam nas Américas, que se mostravam bem mais civilizados que nós, pois propunham uma inserção do humano na natureza. Neste sentido diz que regredimos, pois perdemos a capacidade de ouvir o coração do universo. Neste ponto Boff propõe os elementos culpa e pecado, inerentes à quebra de harmonia entre humano e Terra. Assim, é conferido ao ser humano ser o satã da Terra. É importante destacar que a leitura que Boff faz do ser humano está sempre relacionada com a natureza. Como centro de tudo, tal humano põe tudo a seu serviço, num propósito de conquista e domínio, desligando homem da natureza, desligando as religiões primitivas pagãs (em relação ao cristianismo) da religião ocidental.

A faceta mais séria do problema que Boff apresenta é o antropocentrismo, onde o homem “se sente sobre as coisas e não junto e com as coisas, imaginando-

se um ponto isolado, fora da natureza e acima dela” (2004, p.101). Isto aconteceu por conta de uma distorção de visão, onde se destaca inversão de papéis entre homem e Terra. Para ele, o homem pertence a Terra e não o contrário. É evidente a crítica aberta ao cristianismo no sentido da interpretação de que Deus coloca o homem como proprietário do meio ambiente, e não somente este, mas também dominador da mulher, configurando assim o androcentrismo, pois este homem egocêntrico vê a mulher como mais uma faceta da natureza que deve ser domesticada. Neste sentido o homem está perdido, empobrecido e encurralado nesta ligação e desligação de si com o resto, reagindo com agressividade na busca de mais poder na busca de segurança num círculo vicioso opressor. Nas palavras de Boff:

O ser humano se arroga uma posição de soberania como quem dispõe a seu bel-prazer das coisas que estão ao alcance de sua mão ou do prolongamento de sua mão, de seu braço, de seu olho, de seu desejo que é o instrumento... A crise ecológica implica dois desequilíbrios básicos no nível social: o excesso de consumo dos ricos e a carência de consumo dos pobres. Ela significa a crise global do sistema de vida, desde a destruição das florestas, a proliferação das neuroses urbanas, até o cinismo contemporâneo em face do drama de milhões de famintos e niilismo do rock pesado que inflama a juventude (2004, p. 103 e 105).

Esse consumo global em todos os sentidos é mantido pela indústria do lucro a qual financia a ciência moderna, e também propõe tecnologia cada vez mais sofisticada, não necessariamente melhor no sentido de não prejudicar o meio ambiente. Ao contrário, tecnologia que prejudica a qualidade de vida, infestando a biosfera de poluentes. Boff denuncia mais uma vez a teologia judeu-cristã de induzir a associação entre ciência e tecnologia, pois a natureza não tem outra razão de existir senão para servir o homem.

Por isto Boff propõe a nova ligação, a saber, o mudar de rumo e cuidar da *Gaia*, abortando este modelo civilizacional de paradigma antiecológico do poder-dominação. Esta nova ligação deve ter como base uma nova espiritualidade que nos desperte para um novo modo de viver e ser a partir de um novo sentido de viver junto com o universo. Este modelo civilizacional, herdado das concepções de uma exegese distorcida dos textos bíblicos contemplada na teologia judaica-cristã, levou a uma ruptura. Boff toca na questão do pecado original:

Há a experiência de que alguma coisa não funciona nos seres humanos e na natureza. A realidade não é tudo o que poderia ser. Ela poderia ser mais perfeita, bela e harmoniosa. O pecado original, contado nas Escrituras, em estreita ligação com o relato da criação e da nova aliança após o dilúvio, quer insinuar esta ambigüidade entre a bênção original e o pecado original que afetam os humanos e o universo... O assim chamado pecado original não seria outra coisa que a própria natureza em *fieri*, em devir, como um sistema aberto, passando de níveis menos complexos para níveis mais complexos (2004, p. 117).

Em outras palavras, Boff compreende que o paraíso não é um relato passado, mas futuro, pois Deus não cria tudo pronto, apenas dá início a um processo cujos objetivos são as formas organizadas, complexas e perfeitas. O conceito de Boff é que as quedas são para cima num processo crescente que se harmoniza com a idéia de evolução. Para isto, ele usa novamente argumentos da física quântica, no sentido de que a natureza transita do caos para ordem e vice versa, numa reorganização constante rumo a maturidade ainda não alcançada. Unindo o argumento científico ao bíblico propõe visão desta maturidade futura no texto de Romanos 8,23, onde se realiza o desígnio terminal de Deus, de que tudo é bom. Na verdade, na lógica de Boff, tudo será bom, uma vez que as palavras de Gênesis devem ser entendidas como proféticas.

A nova ligação está atrasada porque o homem, que é o instrumento de re-ligação, não amadurece por não aceitar esta condição de devir e também por conta do demônio que habita dentro dele: o desejo, ou seja, uma máquina de fabricar utopias. Para Boff, este humano deve abandonar o androcentrismo e ir em direção a fraternidade com todo o todo, numa solidariedade cósmica rumo a maturação.

3.1.7 A nova aliança: a celebração e libertação

A teologia da libertação se apresenta como base epistemológica de Boff para o desenvolvimento da reflexão da crise, pois o postulado afirma que suas linhas de reflexão e prática partem de um grito: dos pobres e da Terra. Ambas visam a libertação, os pobres que assumem a sua causa e luta, e a Terra mediante uma nova aliança do homem com ela.

A proposta de Boff se revela neste ponto, que é a busca da aproximação dos dois discursos. O que Boff traz à tona é a necessidade de desenvolver ambos os discursos, apontando para um desafio teológico verdadeiramente ecumênico, e inaugurar uma nova aliança com a Terra e os pobres, mediante relações novas de benevolência, compaixão, solidariedade cósmica e profunda veneração pelo mistério que cada qual porta se revela. Só então haverá libertação integral, do ser humano e da Terra. Ao invés do grito do pobre e do grito da Terra, haverá celebração comum dos remidos e dos libertos, os seres humanos em sua casa de origem, na grande e generosa Mãe Terra.

Boff está propondo o resgate da dignidade da terra, onde aponta alguns pontos imprescindíveis que concretizam uma transformação, que ele chama de

processo de individualização ou espiritualidade. O primeiro é o resgate do sagrado, daí a necessidade de socializá-la e interná-la nas pessoas de forma que inspirem novos comportamentos, alimentem novos sonhos e reforcem uma nova benevolência para com a Terra. Boff destaca que há povos originários que vivem na dimensão do sagrado e da re-ligação com todas as coisas, portadores de um significado importante para a crise ecológica, que mostram como podemos ser humanos sem necessidade de passar pelo processo de dominação da Terra realizado pelo projeto da tecnociência. O imperativo que se anuncia não é de mudar o mundo, mas de conservá-lo.

Por isso a necessidade de uma ética de ilimitada compaixão e da co-responsabilidade. O ser humano vive eticamente quando mantém equilíbrio dinâmico de todas as coisas, quando para preservá-lo se mostra capaz de impor limites aos seus próprios desejos. Quando reforça estas dimensões, entra em sintonia com a dinâmica universal, cumpre sua missão cósmica de zelador, cantador e anjo da guarda de todo o criado. Então realiza sua dimensão ética. Boff lembra que a ética demanda uma espiritualidade e uma mística. A proposta é que a força curativa está na ecologia interior. Ele diz que sem uma revolução espiritual será impossível inaugurarmos o novo paradigma da re-ligação. É na mente humana que se refaz o elo perdido, que está ancorado no sagrado e em Deus, alfa e ômega. Aqui todo sentimento de re-ligação encontra alento.

3.2 Parte 2: teológica

3.2.1 Um novo modo de ver Deus

Deus? Esta questão não é nova e no pensamento de Boff há várias formas de se nomear Deus, idéia que está em conformidade com sua proposta de um novo paradigma, uma vez que neste novo espectro há também a necessidade de uma nova perspectiva do divino, não importando qual nome que se dê a este Deus. Nas palavras de Boff, Deus “deve emergir naturalmente de dentro da experiência global e holística que temos do universo e de nós mesmos dentro dele” (2004, p. 193). Então, o conceito de Deus neste momento singular vem da manifestação da consciência da própria Terra.

Deus é o mistério que envolve todos por todos os lados, o ilimitado da razão, o que pode ser conhecido e ainda continua desconhecido. O nomear de Deus, segundo Boff, está ligado ao novo que acontece em momentos distintos, e com isto ressalta tal implicação de que a categoria Deus segue sendo construída, se renovando e emergindo de acordo com o despertar da consciência de cada ser.

Boff deixa claro seu posicionamento quando afirma que neste momento de crise ecológica emerge um novo modo de Deus, rompendo assim com o modo clássico de ver Deus. Ele se refere ao teísmo:

O enquadramento clássico teísta tendia mostrar Deus, um Ser tão absolutamente absoluto, auto-suficiente, perfeito e transcendente que prescindia o mundo. Um Deus sem o mundo facilmente permite surgir um mundo sem Deus. O que tragicamente aconteceu em estratos científicos e iluministas da sociedade moderna (Boff, 2004, p. 194).

Em sua perspectiva evolucionista Deus está em nós e emerge em nós. Ele surge a partir do universo e Sua expressão se dá pelo ser humano. Em outras palavras, sempre esteve no universo e passou a irromper na consciência humana, a qual também é a consciência do cosmos. Deus é o ser que interage com as probabilidades e possibilidades, promovendo o estado concreto das coisas, tornando-se o principio criador de todas as coisas.

3.2.2 A existência: do nada o Ser cria o ser

A posição de Boff está clara com relação ao início de tudo: o *big-bang*. Antes disto havia o nada. Tal idéia não inclui Deus, pois “antes do *big-bang* não havia nada daquilo que existe hoje, que passa a existir porque alguém os criou, este Alguém que se chama Deus, o qual podia estar sob o incognoscível.” Neste sentido cientistas, místicos e sábios se defrontam com o mistério em todas as coisas “vislumbrado racionalmente pela ciência e experimentado emocionalmente pela mística, convergindo naquele que não tem nome: Deus, Tao, Atma, Allah, Olorum, etc.” (BOFF, 2004, p. 198).

Deus é uma realidade presente em tudo o que existe, de onde tudo sai e para onde tudo retorna. Para Boff, Ele é o oceano de energia. Mas há um ponto central nesta percepção, o grande atrator cósmico, que está atraindo tudo para si. Este Deus cria companheiros para a grande festa da comunhão. Na proposta de Boff, a existência fora de Deus é algo decaído, pois logicamente está fora da essência do absoluto, da simetria, da infinitude. Ele mesmo destaca a implicação disto, dizendo que a decadência vem da questão ontológica e não ética.

O que Deus cria? Boff responde: Ele cria aquele pontinho, bilionessimamente menor que um átomo e põe nele um fluxo incomensurável de energia e a partir daí observa a comunhão de tudo com tudo. A implicação é a constante evolução onde o Agente supremamente inteligente calibra as relações para que tudo aconteça. Ele está “umbilicalmente implicado no processo evolucionário, sendo o motor inicial, a força que a acompanha e energiza tudo e o supremo imã atrator de todo o universo” (BOFF, 2004, p. 202).

Deus está dentro do processo do mundo e o mundo está dentro do processo de Deus e a implicação desta idéia de Boff é que os acontecimentos do universo afetam Deus e vice-versa. Não se trata de identificação ontológica, mas distinção, no sentido de que o universo não é Deus, mas ganha nele seu verdadeiro sentido num relacionamento elipsoidal, a saber, de dois centros mutuamente implicados, Deus e cosmos.

3.2.3 Os livros sagrados: escritos ecumênicos

A criação não é algo mecânico, mas um organismo aberto que interage com tudo à sua volta. Mais que isto, segundo Boff “a criação é um imenso livro, escrito por dentro que leva a assinatura de Deus, e por isso, cabe ao ser humano saber ler o livro da criação para louvar a Deus.” (2004, p. 207). Boff toca aqui no que a teologia clássica chama de revelação geral, afirmando que a criação contém a revelação do sagrado que manifesta a intimidade de Deus.

O ponto de Boff aqui é a necessidade do reconhecimento de que todos os livros que tratam da revelação de Deus devem estar em plena concordância com o

livro da criação, e que o erro está em conferir autoridade a apenas um deles. Não pode haver contradição entre ambos, diz Boff, pois são mediações onde o próprio cosmos dá a conhecer o sagrado e o divino “que neles freme e irradia” (2004, p. 207). A implicação é o resgate de uma teologia da criação ecumênica, que não seja partidária, mas universal e a serviço da revelação cósmica num propósito de recuperar a graça original por cima do pecado original.

Para Boff precisamos aprender ler as sábias lições que o magistério cósmico comunica para alcançarmos o profundo sentido da sacramentalidade em todas as coisas. Devemos prestar atenção e não perder de vista a visão horizontal de Deus no processo evolucionário cosmogênico. Somos todos como livros abertos, ainda sendo escritos, abertos para novos avanços. Esta é a percepção de Boff, que conclama ao não enrijecimento do sacramental cósmico, ao contrário, devemos mantê-la “processualmente aberta para a novidade de novas formas e manifestações do mistério de Deus” (2004, p. 208). Ele está preparando sua base para conceituar Deus neste novo paradigma ecológico, propondo mente aberta para novidade absoluta ainda não vista neste processo evolucionário.

3.2.4 Panenteísmo: Deus em tudo e tudo em Deus

Este posicionamento de Boff se solidifica na cosmovisão ecológica, onde este Deus vem seguindo os tempos misturado no processo evolutivo sem se perder dentro dele, mas o orienta no seguimento de ordens cada vez mais complexas, dinâmicas e carregadas de propósito. O Espírito Criador mora, participa, sofre, regozija no cosmo, pois está presente dentro dele. Aqui se figura o panenteísmo,

pois também o cosmo está presente dentro do Espírito Criador. Boff afirma que Deus, por meio da criação, “deixa sua marca registrada e garante sua presença permanente na criatura” (2004, p. 210). Assim, toda criatura carrega Deus dentro de si, abertos um ao outro, mutuamente implicados. Neste sentido tanto a transcendência como a imanência perdem o sentido e não há como implicá-los nesta relação. Boff propõe então a transparência.

No discurso ecológico estes conceitos devem ser vistos nas teias de relações e, por isso, Boff propõe, na doutrina panenteísta, a possibilidade de se falar de Deus como trindade de pessoas, que é o conceito da unidade na diversidade. Boff apanha este termo da teologia clássica e tenta construir sobre ela o inter-relacionamento diversificado numa unidade completa. Afirma Boff que:

Se Deus é comunhão e relação, então tudo no universo vive em relação e tudo está em comunhão com tudo em todos os pontos e em todos os momentos (2004, p. 213).

A trindade é uma representação adequada do mistério do universo, pois Deus se apresenta como uma Realidade de relação e comunhão nas três pessoas, pai, Filho e Espírito Santo.

Neste todo relacional Deus é fonte e ao mesmo tempo elemento presente em tudo, na consciência do universo e no universo consciente. Isto se explica pelo simples fato de que apresentar como Espírito. Para Boff, a categoria espírito surge dos campos energéticos.

O mundo está cheio de Espírito que emerge no espírito das fontes das montanhas, das árvores, dos ventos, das pessoas, das casas, das cidades, do céu e da terra (BOFF, 2004, p. 216).

O que Boff está propondo aqui é o retorno ao animismo, que para ele não é mera religião, mas uma cosmologia que se entende na relação de afetividade do todo vivo, o qual fala e é dinâmico. A leitura desta realidade é o xamanismo, termo que ele emprega para destacar a relação do xamã com as energias cósmicas, cujo contato implica em controle e equilíbrio. A implicação ecológica surge naturalmente no despertar o ser para a imersão nesta dimensão xamânica.

Boff compreende sob base etimológica que tal espírito é a realidade energética que enche os espaços cósmicos em expansão, em outras palavras, a biosfera. Aqui o termo espírito ganha sentido de sopro, uma vez que se torna palpável no ato de respirar de todo o universo. Neste sentido é o elemento que a tudo anima, uma vez que tudo se move e é movido pelo espírito. Deus não é apenas um ser estático e imutável, mas também é outra via de acesso através da energia que sopra onde quer e energiza toda a cosmogênese. Ele é descrito por Boff como aquele que enche todas as coisas uma vez que está difundido em todos os espaços e tempos.

O termo Espírito (Deus) se percebe nas várias experiências no nível humano. Em outras palavras, o ser humano exala Deus e Deus se percebe em suas manifestações. Do mesmo modo a criação se apresenta num jogo de relações e revela características singulares de Deus. No entendimento de Boff tudo foi “criado à semelhança e à imagem do Deus-Trindade” (2004, p. 227). Ele expressa seu pensamento:

Do oriente nos vem um pequeno poema que traduz este pan-en-espiritualismo: “O Espírito (Deus) dorme na pedra, sonha na flor, acorda no animal e sabe que está acordado no ser humano”. O Espírito perpassa tudo; se manifesta

como explosão de energia, movimento da matéria, interiorização e enovelamento do universo sobre si mesmo, como despertar de consciência, desejo, tesão, gemido de liberdade e como força de comunicação e comunhão (2004, p. 230).

Nesta perspectiva o ser humano só percebe sua espiritualidade se alcançar a absoluta energia cósmica, no qual está mergulhado e não percebe.

A criação em processo, segundo Boff, implica em estado de gestação ainda não concluído, cuja realização plena se encontra no futuro. O que passamos hoje, enquanto crise faz parte desta evolução que aponta para o novo, ainda não contemplado. Esta leitura tem como base o fato do Espírito completar a obra do novo nascimento. Nas palavras de Boff, “haverá no termo da história uma pneumatificação de toda criação, cheia de dinamismo, de vida e de comunicação de todos com todos e com Deus” (2004, p. 235). Se apresenta o Deus panenteísta como maestro da sinfonia universal que ainda está compondo a música final.

3.2.5 Jesus e Maria: a nova humanidade

Na teologia de Boff o feminino encontra espaço merecido. Ainda que Deus esteja para além das determinações sexuais, se faz relevante o valor do masculino e feminino nos atributos divinos, que se expressa em Jesus e Maria, o novo Adão e a nova Eva.

O masculino expressa o Espírito enviado como filho e o feminino como Espírito receptor identificado na mãe que o gera. Assim, se materializa o Espírito em Jesus de Nazaré e Maria de Nazaré, onde ambos apontam para o equilíbrio da criação. Boff exalta a figura feminina em Maria, que ocupa o centro de tudo na

geração do filho assumido pelo verbo, o qual prefigura o evento que irá ocorrer com cada pessoa humana. Ambos são portadores e reveladores de Deus, Jesus e Maria, que acrescentam ao processo evolutivo o cumprimento profético que culminará no sétimo dia (na perspectiva de Boff, ainda por vir).

Jesus, o Cristo cósmico, liberta todos os seres do universo vive de uma forma totalmente singular, segundo o Espírito, na forma de Deus. Em outras palavras, Boff quer dizer que a existência terrena de Jesus foi transfigurada e introduzida na maneira de ser do Deus vivo. O novo Adão, Jesus, inaugura a nova humanidade e o novo *eon*. A ressurreição é o bom fim da história, e não deve ser compreendida numa cosmologia estática, pois aponta para “a convivência, sem confusão, sem mistura e sem separação, da inteira humanidade de Jesus com sua inteira humanidade” (2004, p. 238). Para Boff há um outro modo de se compreender este mistério, fato que ajuda na compreensão do novo paradigma ecológico, e portanto, relevante para a atual crise.

Jesus é o fenômeno da irrupção de Deus no cosmo e na história:

O sentido teológico da criação é permitir Deus-Trindade sair de si e entregar-se a si mesmo a um diferente que o possa acolher e com Ele fazer comunidade. Quando numa certa etapa do processo evolucionário irrompe um novo patamar de interioridade e de consciência é o universo inteiro que aí se expressa. É também Deus que se autocomunica e entrega parte de seu mistério (BOFF, 2004, p. 239).

Em bases análogas, Boff deixa claro que o ser humano é onda energética e ao mesmo tempo partícula material, realidade que contribui para uma compreensão deste Jesus cósmico, que sempre existiu dentro do processo evolutivo, se cristaliza no Cristo, e pode ser percebido em outros adjetivos de dimensões, também, cósmicas. Como versão da estrutura do universo, Jesus aponta para uma nova

realidade: ao colocar-se como filho desperta a consciência de que tudo é também filho e filha do Deus Pai.

Todo o universo trabalha para gerar tal consciência, que emerge na encarnação do Filho, clareando o processo evolutivo e apontando para um ponto de convergência: o Cristo de fé que se assenta sobre o Jesus histórico, o qual é produto da grande explosão e inflação iniciais. É neste sentido que Boff compreende que Ele participou do surgimento da vida e da formação da consciência. Neste sentido ele ressalta o caráter da solidariedade do Cristo com o todo cósmico. Sua Ressurreição aponta para o fato de que a morte e a entropia não possuem mais a última palavra. Ou seja, a vida retorna ainda mais alta, pois o corpo assume as qualidades do Espírito.

A plenificação da vida é realizada em alguém que vem do seio das vítimas da evolução, os excluídos e deixados para trás. Ele os representa. Com a ressurreição da vítima se mostra a dimensão escatológica do cosmos (BOFF, 2004, p. 245).

Boff ressalta abertamente seu universalismo ao destacar que a realidade Deus não permite jogar fora o que não deu certo, ao contrário, todos os seres são resgatados como fruto do Seu imenso amor. Para Boff a cruz é chave para interpretação neste ponto, pois, se ela mata o verme da terra e escória da humanidade e depois a ressuscita, significando que não há quem se perca.

Este Cristo é a interpenetração de Deus com o mundo. Boff propõe a expressão *pancristismo* para o verbo preexistente, idéia que retira do Evangelho de Tomé, onde se pode ler as palavras de Cristo: “Eu sou a luz que está sobre todas as coisas; eu sou o universo; o universo saiu de mim e o universo retornou a mim; rache e lenha e eu estou dentro dela; levante a pedra e eu estou debaixo dela” (2004, p. 247). Neste sentido Cristo liga e religa todos os seres do cosmos. Boff

destaca que “a encarnação do Filho não se deveu ao pecado humano, pois é perspectiva antropocêntrica que reduz tal significado à centralidade do pecado. O que ocorre é uma grande transformação e, apesar do pecado humano, o Cristo cósmico se materializa no Jesus histórico num processo cosmogênico em plena evolução que segue em franca transformação até o fim: Cristo tudo em todas as coisas (BOFF, 2004, p. 250). A implicação ecológica aqui é evidente. O que passamos hoje enquanto crise ecológica universal faz parte da grande transformação operada pelo próprio cosmos que vislumbra um futuro glorioso. A necessidade de despertar da consciência humana é que está em questão, pois esta é um dos problemas que precisam ser acertados neste processo evolucionário.

3.3 Parte 3: ecoespiritualidade

Nesta terceira parte, Boff objetiva elaborar uma espiritualidade que seja capaz de promover esta re-ligação entre o criado e o criador. Ele assevera que todo o seu escrito vem contemplado de espiritualidade, mas há uma reflexão mais particular do tema que se faz necessária.

A lógica de Boff se fundamenta na verificação de que as revoluções surgem diante da necessidade de respostas que as ideologias vigentes não possuem. Diante de tal situação, faz-se necessário abandonar as estruturas limitadas e projetar novas para que tais problemas não fiquem sem solução. De modo simples, a revolução surge quando não se encontra solução pela compreensão tradicional.

Lutero, por exemplo, não queria fundar uma nova Igreja, nem dividir o corpo eclesial. Viu, como outros já em séculos anteriores, a necessidade de reforma da instituição eclesiástica. Percebeu que a concessão de indulgências em troca de dinheiro abusava da boa-fé

dos fiéis. Sentiu a urgência de fazer alguma coisa para remediar tal sacrilégio. Seguiu-se, como fato inevitável, a reforma, cujas demandas à Igreja romano-católica, no sentido da mudança de seu estilo de poder centralizado, persistirem até os dias de hoje (BOFF, 2004, p. 253).

O novo paradigma clama: Se não houver mudança, os problemas continuam, as crises se aprofundam e a esperança se perde. Eis a base da nova espiritualidade, onde Boff aponta para a urgência de uma revolução espiritual, e por isso propõe uma teologia diferente da tradicional, de modo que se encontre uma resposta para a atual crise ecológica, que se apresenta como revolução ecológica. A espiritualidade neste sentido é uma captação da experiência global de re-ligação. Em momento algum Boff fala em abandonar o que já foi construído até aqui, mas em salto de qualidade, utilizando o que se pode para gerar algo novo e melhor.

Segundo Boff, tal tradição teológica na vislumbra o resgate da matéria, mas apenas do humano. Neste sentido urge a necessidade de se conhecer melhor a cosmologia para se conhecer melhor a glória de Deus e criar condições para que apareça a nova espiritualidade: viver a presença de Deus em tudo e de tudo em Deus. Esta idéia está em harmonia no conceito teológico do Deus panenteísta. Tal espiritualidade deve ser percebida na experiência ecológica de modo que o espiritualista descubra este Deus em cada manifestação do universo. São Francisco de Assis se torna o exemplo daquele que vivia a partir de uma nova identificação com a natureza.

A Terra está cheio de espírito, pois é portadora do espírito. Esta afirmativa de Boff nos remete à grande mãe geradora Gaia, que dá vida a tudo. Assim, o espírito da pessoa está conectado com o espírito da natureza, pois o ser humano “não é o único portador do espírito, nem pode ficar isolado do processo cosmogênico...”

(BOFF, 2004, p. 255). Assim, o espírito vivifica o universo, pois é carregado de energia e, no ser humano se torna consciente e aberto nas relações com o todo. A espiritualidade de Boff encontra base nestas reflexões, pois se trata de dignificação da vida, de sua promoção e defesa, e potencialização da comunhão universal. Eis a vida. Seu contrário, morte, é são todos os processo que levam à desestruturação deste princípio. Tal morte se materializa na opressão, injustiça, descuido, enfermidades, desumanização, destruição das paisagens e a perda do equilíbrio físico-químico dos solos e da atmosfera. Assim, esta nova espiritualidade se confronta com esta morte:

Hoje esta espiritualidade descobre as dimensões ecológicas de nossa responsabilidade pela paz, pela justiça e pela integridade de todo o criado. Optar pela vida implica em optar pelo planeta Terra como um todo orgânico, agredido e ferido (geocídio) para que possa continuar a existir no valor autônomo e relacionado de todos os seres existentes nele (BOFF, 2004, p. 257).

É o que se pode esperar numa teologia prática, que sua espiritualidade seja prática. Boff denuncia que a atual lógica submeteu o planeta a um perigoso processo de desequilíbrio e, por conta disto, toda a ecosfera está ameaçada. Daí a nova espiritualidade, o não modificar e destruir, mas o conservar. Voltamos novamente a proposta de Boff para um novo paradigma, pois para conservar o mundo, é preciso mudar o atual paradigma e propor uma conversão coletiva de mentes de modo que os parâmetros sejam cada vez menos destruidores.

A nova espiritualidade propõe um ser humano que se sinta parcela do todo maior, com o qual tem plena comunhão e por isso toma consciência da comunidade cósmica dentro da qual está inserido. Este ser humano deve cuidar do jardim que lhe foi conferido. Boff compreende que tal ser humano se desviou da consciência cósmica e por isso todo o universo paga um alto preço ecológico que se apresenta

na desestruturação dos ecossistemas e no conseqüente excesso de violência contra a natureza, sociedades e pessoas humanas. O ser humano precisa ser reintroduzido na comunidade dos vivos e a nova espiritualidade pode realizar isto devolvendo-lhe à “Terra como pátria e matéria comum” (BOFF, 2004, p. 264).

Como surge esta nova espiritualidade? Boff responde, de uma nova sensibilidade que já se encontra na nova cosmologia, a qual já está se impondo de modo lento e crescente por todas as partes.

Descubra em ti as energias em ebulição, o desejo de vida e de comunicação, os impulsos para cima e para frente e a capacidade de criação. Comporta-te não como um espectador ou gestor desta energia vital, mas como um celebrante. Através de tua própria vitalidade sinta-te participante da Energia vital. Una-te ao todo. Não temas! Tua singularidade não será destruída, ao contrário, será potenciada, porque sentirás uma centelha do fogo universal que arde em ti e em todo o cosmos (BOFF, 2004, p. 267).

Assim, Boff propõe estes imperativos, próprios da descoberta da nova espiritualidade, onde o ser deve penetrar todas as coisas e permitir que todas as coisas lhe penetrem o interior. Para isto, a necessidade de um retorno à simplicidade em contraste com o sistema dominante consumista esbanjador. A ecoespiritualidade proposta por Boff clama por uma tomada de consciência para uma mudança radical nos parâmetros da vida moderna, numa decisão de busca apenas das necessidades básicas de modo a retirar apenas o suficiente da natureza para o suprimento básico.

O estilo de vida ecologicamente sustentável se baseia em relações de cooperação em todas as atividades e em todos os momentos, pois esta é uma das leis que regem o próprio universo e que garantem a cadeia das interdependências de todos os seres (BOFF, 2004, p. 268).

Esta ecoespiritualidade revela cuidado e preservação da comunidade cósmica, nas palavras de Boff, no viver na globalidade do ser, no sentimento que

freme, na inteligência que se alarga infinitamente, no coração que se inunda de comoção e ternura. Aquele que está na ecoespiritualidade, naturalmente irá colaborar com tal cuidado, perceberá que a Terra está garantida num futuro bom e se unirá ao todo no perfeito elo do amor. Neste sentido, Boff propõe o pensar como Terra, sentir como Terra e amar como Terra.

CAPÍTULO 4

A CRISE DO MEIO AMBIENTE E A TEOLOGIA DE LEONARDO BOFF: UMA RESPOSTA NA PERSPECTIVA DA TEOLOGIA EVANGELICAL

O pensamento de Leonardo Boff na relação da espiritualidade com a atual crise ecológica contempla as possíveis razões que provocaram este estado perturbador e preocupante de dimensões planetárias. Ele critica abertamente o que chama de androcentrismo judeu-cristão que destitui a natureza de sua autonomia, como resposta obediente à ordem do único Deus em dominar sobre a Terra. Se realmente compreendermos nestes parâmetros, facilmente aceitaremos a lógica de que o desenvolvimento da ciência e da técnica ocidental é fruto de tal doutrina que dessacralizou a natureza, esgotando-a como um simples objeto de serviço. Assim, o ser humano perdeu de vista a confraternização para com o meio ambiente, tornando-se friamente um ser isolado, sem paixão e ternura para com os demais membros desta imensa comunidade cósmica.

O artigo do historiador Lynn White²² Junior também é citado na obra de Boff, como em muitas outras obras que tratam do mesmo assunto. Ao fazer isto, Boff compartilha da idéia de que há responsabilidade nas tradições judaico-cristãs por conta da má interpretação dos seus textos sagrados, que confere ao homem domínio insensível sobre tudo e todos, ideologia que se torna um paradigma para a sociedade ocidental.

²² Lynn White Jr é historiador norte-americano que em 1967 escreveu o artigo sob o título: “As raízes históricas de nossa crise ecológica”, onde acusa abertamente o judeu-cristianismo de ser o principal responsável pela atual crise do meio ambiente.

O problema de desconexão com si mesmo e com todo o meio é causa primordial no pensamento de Boff para o uso irresponsável dos recursos naturais e também a atitude de opressão sobre os pobres. Sua proposta é a busca daquela consciência cósmica latente em cada elemento do universo e conseqüentemente em si mesmo, de modo que se possa novamente confraternizar com este todo cósmico, despertando a humanidade para uma nova relação com a natureza.

Como fazer isto? Boff responde: buscar novos paradigmas. O paradigma que ele busca é um ícone expressivo neste contexto, São Francisco de Assis. Ele é o antídoto que deve ser atualizado para a superação da mente isolada e egoísta, cega, pois está impedida de ver o meio como alvo de veneração e confraternização, não podendo haver separação entre Deus e natureza. Quando se fez isto, a natureza perdeu seu caráter mágico e sagrado. Por isso, Boff denuncia que a alma se fechou para as divindades múltiplas da natureza e por isso propõe uma libertação do ego, que é reflexo do monoteísmo. Este novo ser deve voltar a reverenciar o mundo, percebendo-lhe sua entidade, abrindo-se para a pluralidade, de modo a abandonar o rígido monoteísmo das religiões e filosofias. Objetivamente, Boff entende que o caminho é o resgate das riquezas do politeísmo pagão, pois é exatamente isto que libertará a mente dos seres humanos para uma consciência ecologicamente correta:

Para curar a humanidade de seu politeísmo o cristianismo originário submeteu os fiéis a uma medicina violenta e rigorosa. Ao negar a existência às divindades, fecharam também muitas janelas da alma e secaram muitas fontes de sentido situadas nas profundezas da psique, que, sabiamente, é policêntrica... Não é saudável para a alma um rígido monoteísmo, como se toda a riqueza espiritual pudesse ser reduzida a um único princípio... como quer que interpretemos, devemos reconhecer que os pagãos tinham isso de extraordinário: viam a presença de deuses e deusas em todas as coisas (BOFF, 2004, p.274).

4.1. Uma perspectiva evangelical quanto ao problema do meio ambiente

O movimento da matéria para a espiritualidade é a leitura particular que faço na ideologia de Boff nesta obra sobre ecologia, na articulação do grito do oprimido com o grito da terra. A dificuldade que tenho é a de conferir indistintamente características de similaridades a tudo e a todos e ao mesmo tempo distinção autônoma. É o mesmo que dizer que há alguma parte de meu corpo que pode pensar com autonomia distinta ao meu ser.

Entendo que há necessidade de salvação. Boff propõe que tal salvação se torna realizável frente à consciência da Teologia da Libertação. Esta pesquisa propõe a teologia evangelical como outra leitura espiritual da atual crise ecológica, que também leva o indivíduo ao conhecimento de sua própria situação, mas não somente o pobre e oprimido no sistema social. A teologia da missão integral não vê Deus identificado apenas com a causa dos pobres, mas com todas as causas. A opção de Jesus foi para com os pecadores, indistintamente de sua classe social. O alvo da salvação de Jesus Cristo, no processo da salvação, são todos os pecadores, bem como todo o universo. Também compreendemos que todo o universo geme por conta de sua situação, por conta do ato de desobediência do homem no jardim do Éden, e aguarda a redenção.

O ser humano rompe com o meio ambiente, não porque a esvazia de suas divindades, mas porque rompe primeiro com Deus, depois consigo mesmo e com o próximo e por fim com a natureza. Neste sentido está o ser humano isolado e necessita urgentemente ser religado. Então, não apenas o meio sofre pela atual

situação que sempre existiu no ser humano, mas também o próprio homem que está em crise consigo, se autodestruindo a cada dia.

O ser humano deve se posicionar compreendendo sua responsabilidade como causador do caos atual, porém, devemos reconhecer a presença de um ser mal, o próprio satanás, uma entidade distinta que não deve ser negligenciado.

O ser humano se posicionou sobre todas as coisas e por conta disto tem esgotado os recursos naturais na busca de suprimentos. O problema está na ganância e consumismo exagerado, pois o alvo não tem sido os elementos vitais para a existência, mas os supérfluos.

A Terra está ferida e doente e necessita de cuidados. A religião é elemento essencial na solução, pois trata com o interior das pessoas. A busca pela restauração do sagrado é primordial, pois aponta para a missão do ser humano.

4.1.1 O propósito último

O universo não é eterno, pois teve início. Em outras palavras, foi criado. Esta é uma premissa de concordância com Boff. Houve um momento em que tudo passou a existir e, então, progredir no tempo e no espaço seguindo para um ponto definido no futuro. Se há uma criação, há um criador que traz tudo à existência: “No princípio criou Deus os céus e a terra...” (Gênesis 1.1)

Susin (2003, p. 33) compreendendo a história como a criação em andamento, num processo criacional diz que o criador do universo superou o caos, tomando as energias caóticas e criando um cosmo, um espaço ordenado e cheio de vida.

Concordo com Boff que há um processo nesse caminhar histórico, uma evolução de acontecimentos, numa criação aberta a novos acontecimentos frutos da participação e modificação do próprio universo. Para que toda vida tenha algum sentido neste universo, pode-se refletir sobre um propósito último para todas as coisas, uma causa do seguir em frente continuamente. Para Boff a explicação se encontra no passado e, que ainda se encontra no presente em cada elemento. Está é a idéia de que há um espírito presente em todas as coisas que anima tudo. Uma idéia panteísta. Porém, há outro modo de ver a questão, ou seja, que o propósito da existência, da evolução, deste seguir continuamente se encontra no futuro.

Algo a se destacar na teologia de Boff é certa ausência da reflexão sobre o problema central da humanidade, a queda do homem. Entendo que este foi o fator desencadeador de todo mal sobre o planeta. A partir da desobediência de um homem, entra o princípio de morte em todo universo. Este princípio torna tudo corruptível e por isso temos este estado de caos. Quando se dá este acontecimento, Deus estabelece um plano de redenção para a humanidade.

Porém, se a perspectiva é de um Deus distante, então se confere a este Deus criador um afastamento de sua criação e, por isso, não se contempla o relacionamento direto entre Deus e homem. Assim, temos um Deus Criador totalmente ausente cuja relação é apenas de Senhor cada vez mais misterioso. Por outro lado, temos a criação cada vez mais autônoma, ganhando cada vez mais condições de seguir só nesta evolução particular.

A teologia cristã confere a Deus um aspecto imanente. Deus não é apenas um Ser transcendente, mas também imanente, pessoal, que desde o início de tudo deseja se relacionar com sua criação pessoalmente.

4.1.2 A criação de Deus

O termo criação faz referência a um ato mediante o qual, algo que não existia antes, naquela forma, passa a ter existência. Pode ser entendido como o conjunto de todos os seres criados.

A base de compreensão para discorrer sobre este termo está na Bíblia. Na língua grega clássica, existem dois grupos de palavras que exprimem a palavra criação: καταβολή (katabolé) e κτίσις (ktísis). O significado de καταβολή, pode variar de acordo com o contexto, e primariamente, se refere à fundação. Este termo pode significar "início", algo que dá direção e determinação a alguma coisa, podendo também se referir a um ponto histórico inicial, conforme exemplifica Coenen (2000, p. 497), nas frases empregadas pelos escritores clássicos: πρὸ καταβολῆς κόσμου (pró katabolês kósmou), “desde o início do mundo”, já empregado de modo absoluto, no sentido de “criação”, “a totalidade das coisas criadas”. Assim, no Novo Testamento, a palavra se refere à fundação do mundo. Ela significa “fundação”; empregada de modo absoluto veio a ser expressão fixa para o ponto a partir do qual se calculam datas históricas, conforme a cronologia judaica. Quando a atividade livre de Deus é datada antes do ponto no tempo, πρὸ καταβολῆς κόσμου, propósito é declarar que a providência de Deus é independente do início absoluto que Ele mesmo fixou, e conseqüentemente, da história. O termo κτίσις, pode também ser entendido originalmente como “fundação”. É importante destacar que este termo descreve o processo de vir a existir e tornar-se, como resultado de uma decisão da vontade. Ambos os grupos de palavras se apresentam no Novo Testamento, mas o grupo κτίσις é muito mais empregado nas declarações bíblicas a respeito da

atividade criadora de Deus, fazendo referência à existência das coisas em geral e também no que diz respeito à fé em particular. Coenen (2000, p. 497) segue discorrendo que no grego clássico, a raiz $\kappa\tau\iota$, já pode ser encontrada no grego micoano e tem o significado de “edificar sobre” e “fundar”. Em Homero, o verbo $\kappa\tau\acute{\iota}\sigma\omega$ tinha este significado original, mas depois foi transferido para “trazer à existência”, colocar em “operação” e “colonizar”. O substantivo derivado, $\eta\ \kappa\tau\acute{\iota}\sigma\iota\varsigma$, significa “o ato da criação”, “a coisa criada” – o resultado deste ato. No Antigo Testamento, temos o termo Hebraico “*bãrã*”, no geral grego, $\pi\omicron\iota\epsilon\acute{\iota}\nu$, “fazer”, um termo teológico cujo sujeito sempre é Deus, que se emprega para transmitir a fé explícita na criação. No livro de Gênesis, capítulo primeiro, este termo exprime a atividade criadora incomparável de Deus, na qual a palavra e o ato são a mesma coisa. Ele aponta para a atividade de Deus em chamar à existência o mundo e as criaturas individuais, e também se refere às Suas ações na história que subjazem à eleição, ao destino temporal, ao comportamento humano e até à justificação. O termo “*bãrã*” também se emprega para exprimir a nova obra da criação, da parte de Deus, que se estende para a história, ou melhor, a continuação histórica da Sua atividade criadora. Um povo que ainda será criado louvará a Deus: “Ficará isto registrado para a geração futura, e um povo, que há de ser criado, louvará ao Senhor” (Salmo 102.18). Também no texto: “Cria em mim, Ó Deus, um coração novo” (Salmo 51.10), mais uma vez se emprega neste sentido. Estas duas últimas referências revelam como ocorreu uma separação da situação da criação original, que tornou necessária a intervenção divina em prol do povo escolhido e do pecador individual (COENEN, 200, P. 1360).

O verbo no português “criar”, vem do latim “*creare*”, que significa produzir, gerar. Esta palavra tem seu sentido filosófico em relação à origem do mundo, do homem e de outros seres, tanto físico como espiritual. É ato de dependência que acontece dentro da história.

O conceito de criação tem um vínculo direto, logicamente, com o próprio criador. Uma vez que ela tem começo em Deus, deverá encontrar seu cumprimento no mesmo. A implicação está na dependência da criação em relação ao criador, definida no Novo Testamento, quando diz que tudo foi criado da parte de Deus, por Deus e para Deus²³.

O Antigo e o Novo Testamento apontam o verdadeiro Deus como criador de todas as coisas, alicerce indispensável da teologia sã. A fé, a razão e a revelação concordam entre si que Deus é a causa da criação. Assim, a nossa teologia tem início pela base do conceito de que Deus criou e trouxe à existência os universos e os seres materiais e imateriais. Por causa deste fato, tudo o que foi criado deve buscar e encontrar em Deus a razão de sua existência e o conseqüente destino.

Esta afirmação aponta para uma característica distinta escatológica de tudo o que foi criado. No conceito da criação, como ato eterno de Deus, temos as formas e tipos vindos à existência a partir de um ato de Deus, como já dissemos, recebendo desse criador sua manutenção. A implicação desta declaração é que nem sempre a criação existiu como uma realidade, mas, sempre fez parte do pensamento de Deus. Deus concretizou seu pensamento dentro do tempo e as coisas vieram à existência. Então, houve um tempo em que somente Deus existia e a partir daí, mediante o poder de sua palavra tudo foi criado.

²³ Romanos 11.36: Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém!

Do ponto de vista do Novo Testamento, Deus cria todas as coisas por meio de seu Filho, trazendo à existência o material e o imaterial. Deus criou tudo em Cristo e para Cristo. Deus fez o mundo de coisas que não aparecem²⁴, que podem indicar coisas imateriais.

Assim, se há uma causa primeira, na reflexão cristã, Deus é o ser supremo, o todo-poderoso, que traz à existência todas as coisas.

4.1.3 As dores da criação

O apóstolo Paulo diz no texto de Romanos:

Porque sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora. Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós. A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus, na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Pois a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou (8.18 – 22).

Schaeffer (2003, p.218) levanta a questão: Por que a criação está gemendo? Em seu ponto de vista ele diz que a causa está na anormalidade a que esta criação foi entregue por causa do pecado.

Segundo o texto bíblico, a queda não foi apenas do gênero humano, mas de toda a criação, pois o pecado afetou toda a criação:

E a Adão disse: Visto que atendeste a voz de tua mulher e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses, maldita é a terra por tua causa; em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida (GÊNESIS 3.17).

²⁴ Hebreus 11.3: Pela fé, entendemos que foi o universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem.

A humanidade pecou, rebelou-se contra seu criador, e toda a natureza foi juntamente desviada de seu curso. Hendriksen (2001, p.354) defende que o versículo 22 de Romanos 8 se refere à criação irracional, animada e inanimada, chamando-a de criação subumana ou simplesmente de natureza. É preciso ter em mente que não foi por sua própria escolha que a natureza se tornou sujeita a futilidade, ou seja, não foi a criação irracional que pecou, mas foi o homem.

A doutrina da queda cósmica está implícita no registro bíblico de Gênesis 3, onde a terra recebe maldição por causa do homem, até Apocalipse 22, onde nunca mais haverá qualquer maldição. Bruce (1997, p.137) diz que o homem foi encarregado da criação inferior e a envolveu consigo quando caiu.

Cranfield (2005, p.186) também entende que a criação cai junto com o homem e diz que há pouca dúvida de que Paulo teve em mente o julgamento narrado em Gênesis 3.17 – 19. É interessante perceber o paralelismo entre “foi submetida à vaidade” e “escravidão da corrupção”, podendo supor que vaidade deve ser empregada simplesmente como sinônimo de corrupção, o que levou à mutabilidade e à mortalidade que caracterizaram esta criação como a conhecemos.

Já Rey (2005, p.218) compreende esta passagem como essencialmente antropológica. Ele diz que as palavras que descrevem a espera da criação são tomadas de empréstimo ao vocabulário do sofrimento humano. Segue afirmando que, para o apóstolo Paulo, cosmos e homem formam uma unidade e estão ligados por um mesmo destino. O que é difícil de concordar com Rey é a declaração de que, para Paulo, pouco importa o ponto de vista cósmico e o que interessa mesmo é o homem. Isto pode levar a um descaso com relação ao contexto em que se vive e, conseqüentemente, conduzir o cristão a focar sua prioridade apenas no ser humano.

O fato é que Adão cometeu o pecado e ele viria a sofrer as conseqüências, mas a criação também. O pecado causou anomalias a ele mesmo e a toda a criação.

Desde a queda do homem as potencialidades da natureza estão tolhidas, restringidas e confinadas. A criação está sujeita a um desenvolvimento reprimido e constante decadência. Ainda que aspire, não é capaz de plena realização (HENDRIKSEN, 2001, p.357).

Por isso, o gemido, como o de uma mulher que está no processo de dar a luz a uma criança. É gemer que indica sofrimento. Rey (2005, p.220) ressalta que esta expressão de Paulo é imagem tomada de empréstimo da apocalíptica judaica para designar os sofrimentos com a proximidade da era messiânica, em que o mundo será libertado de seus males.

É fato percebermos que estamos rodeados de sofrimento, que gera gemidos em toda a criação por causa da presença do pecado. Desde as suas mais remotas origens, toda a criação tem sofrido com a humanidade. Quando Deus castigou a humanidade doente, através do dilúvio, todos os animais morreram, exceto alguns escolhidos. No Êxodo, Deus matou todos os primogênitos, filhos dos egípcios e seus animais, por conta da opressão. Porém, livrou seus escolhidos, os filhos dos israelitas e seus animais. Deus se importa com toda a sua Criação e nós também temos bons motivos para nos importarmos com ela.

Mesmo agora o homem, que pela exploração egoística pode transformar a boa terra numa bola de poeira, pode, graças ao desempenho de uma administração responsável, fazer com que o deserto floresça como um rosal. Que há de ser, então, o efeito que uma humanidade completamente redimida produzirá na criação entregue aos seus cuidados? (BRUCE, 1997, p.137).

É necessária a conscientização de que, o ambiente que nos rodeia, está sofrendo continuamente com as ações egoístas dos pecadores. Não podemos

perder de vista que a criação oferece aspectos totalmente opostos: é o lugar da revelação da glória e da bondade de Deus, mas sua forma também está determinada pelo pecado, pela doença e pela morte (SCHELKLE, 1978, p.27). Schelkle diz que a história da humanidade em relação a Deus é salvação e ruína de toda a criação. O homem é o coração do mundo que pulsa. Por isso, temos a narração bíblica do pecado e castigo dos primeiros homens e a criação junto com eles.

Quando olhamos à nossa volta, vemos claramente como isto se materializa de modo cruel. A Bíblia ensina sobre o caráter da salvação, onde o indivíduo deve ter a consciência de que não é salvo do mundo, mas com ele. O sofrimento que Paulo quer explicar, também é para nós uma realidade que estamos vendo.

O homem tem afetado o meio ambiente de várias maneiras. O ser humano, ao se servir da natureza para existir e viver tem provocado, por ignorância ou irresponsabilidade, muitos problemas que devido à superpopulação do mundo atual, causam preocupações a todos nós. A realidade do fim do mundo parece mais viável hoje do que nunca.

4.1.4 As implicações práticas para com o meio ambiente

Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós. A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus (Romanos 8.18,19).

O texto em questão deixa claro o movimento ascendente, onde a criação ficou sujeita à vaidade no passado, está sofrendo no momento presente e será redimida quando chegar a hora, num tempo futuro.

O sofrimento do tempo presente é compartilhado por toda a criação. Estamos diante de um processo que teve início com a desobediência da humanidade e terá seu fim na glorificação. Esta glorificação só será possível por causa da obediência do segundo Adão. Se para Boff o paradigma que deve ser reverenciado é Francisco de Assis²⁵, para a teologia evangelical Jesus é o modelo, a saber, o segundo Adão, que nos deixou o exemplo a respeito da obediência à voz do criador.

Neste tempo presente em que vivemos, a teologia evangelical propõe a obediência à Palavra de Deus, que tem poder para despertar responsabilidade no indivíduo. Assim, o foco neste ponto é o processo. Paulo diz claramente que a criação aguarda que os filhos de Deus sejam revelados. O sentido do verbo aguardar (ἀπεκδέχεται), é estar de cabeça erguida com olhar ansioso, para ver algo que está se aproximando. Segundo Stott (200, p. 287), o que a criação está tentando ver é a revelação dos filhos de Deus, almejando o desvendar de sua identidade. Fica claro que é algo futuro, porém, até que seja consumado este quadro, não podemos ficar inertes diante desta situação.

Porque a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa do que a sujeitou, na esperança de que também a mesma criatura será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus (Romanos 8.20,21).

É fato que a criação está passiva diante das atrocidades da humanidade, mas não por sua própria vontade. Já os homens, por vontade própria, não devem permanecer passivos diante deste quadro desolador. Todos sofrem com a situação alarmante que a natureza passa hoje.

²⁵ ...assim vemos em São Francisco a vivência de outro paradigma que é um espírito que se confraterniza, se enche de compaixão e respeito diante de cada representante da comunidade cósmica e planetária. São Francisco... viveu uma relação nova para com a natureza de uma forma tão comovedora que se transformou num arquétipo da questão ecológica para a consciência coletiva da humanidade (BOFF, 2004, p. 272).

João Calvino (2001, p. 293) ressalta que a humanidade deve ser despertada para a realidade de que toda a criação inocente é punida por conta do pecado. No pensamento de Boff, o homem é a evolução da consciência cósmica, ou seja, o universo evoluiu e colocou para fora sua consciência subjetiva. Se este for o caso, então a culpa do estado de crise é o próprio universo. Porém, deve-se reconhecer que a culpa é do homem, pela criação estar em sujeição à corrupção, não o homem cósmico, mas o criado a imagem e semelhança de Deus.

O homem deve ser despertado para sua responsabilidade. Este despertar é tarefa de todos, principalmente dos que tem a Bíblia como regra de fé, que conhecem a ética eficaz para a manutenção de um mínimo necessário para a vida, até que venha o fim. Os filhos de Deus devem compreender que, como herdeiros, têm a responsabilidade de cuidar da herança do Senhor, que certamente não pode ser reduzida a alguma coisa, em algum lugar no céu. A herança do Senhor é toda a criação.

O ser responsável é o que responde legal ou moralmente pela vida e bem-estar de alguém. É aquele que tem capacidade de entendimento ético e determinação da vontade para realizar o que é correto. É necessário ter entendimento da posição em que se encontra para poder cumprir a responsabilidade inerente. Se há alguma denuncia a se fazer em relação ao cristianismo, é o do isolamento, onde especificamente o povo de Deus, necessita sair da ignorância a respeito de seu papel no *kosmos*. Neste sentido, Bartmann (1962, p.381) diz que na criação Deus age sozinho, e na conservação, as criaturas agem com Ele, cooperando para a própria duração mediante a sua tendência a conservar o próprio ser. Mas se este cristianismo tem isolado, como se envolver?

4.1.5 O dualismo gnóstico

Uma boa parte dos cristãos tem sido cativa de um sutil ensino gnóstico, que polariza a vida cristã. O dualismo gnóstico divide o ambiente em duas esferas: de um lado a boa igreja, e do outro lado, o mundo mau. A implicação deste tipo de ensino está no aspecto que o crente não pode estar no mundo, nem se envolver com as coisas do mundo, pois é mau. Numa perspectiva conservadora e contestável, o envolvimento dos cristãos se dá através da ponte que liga a igreja ao mundo: o evangelismo. Fora disto, não pode haver envolvimento, pois o mundo jaz no maligno²⁶, e os crentes devem fugir do envolvimento com o mesmo. Este pode ser apontado como um dos motivos da total alienação dos crentes em relação ao mundo e as questões relacionadas: Política, economia, ecologia, botânica, sociologia etc. Devemos reconhecer que isto está mudando. Porém, não é mudança apenas como fruto de uma responsabilidade social. Com uma pregação mais universalista, os crentes vão para o mundo para usufruir com fins hedonistas.

Há o que está indo ao mundo e realizando uma ação social efetiva, porém abandonando a fé real que alimenta a alma. Deve haver equilíbrio. O povo de Deus deve compreender a respeito de sua posição em relação ao mundo, conservando uma ética cristã como salvos em Cristo Jesus, e uma vida devocional constante.

²⁶ I João 5.19: Sabemos que somos de Deus e que o mundo inteiro jaz no Maligno.

Jesus nunca ensinou que os discípulos deveriam sair totalmente do mundo, ao contrário, Ele os enviou do mesmo modo que o Pai o enviou²⁷. Jesus não pediu que os tirasse do mundo, mas que os livrasse do mal²⁸. Como diz Caldas:

A evangelização é um anúncio/testemunho da libertação integral em Jesus Cristo. Por conseguinte, obrigatoriamente terá de levar em consideração o contexto geral em questão inseridas as pessoas alcançadas pelo processo evangelizador. Tal contexto, assim como as pessoas, possui também as marcas do pecado. A evangelização, portanto, tem de ser contextual (2007, p. 192).

Horton (1998, p.90) diz que nenhuma parte da atividade humana deveria ser vista como fora do interesse e desígnio providencial de Deus. Deus é o Senhor de todos os aspectos da vida e neste sentido, a Palavra de Deus deve governar todas as áreas da vida. É importante destacar este ponto, uma vez que a proclamação desta palavra deve seguir esta premissa. Se a mensagem visa apenas o ser interior da humanidade, é parcial e relativa. Se ela visa somente o exterior, também é relativa. A mensagem deve ser integral, ou seja, contemplar não somente o interior do ser, mas também sua totalidade e o ambiente onde se encontra.

4.1.6 Do caos para a ordem

O livro do Gênesis mostra Deus criando os céus e a terra, os animais e as plantas, o homem e a mulher. Ele é o proprietário único da terra.

Sendo Deus o criador e sustentador da terra, a Ele pertence. Assim como os mares, que não são propriedade exclusiva de ninguém, a terra também não o é. Ela não foi vendida pelo Criador a ninguém. O

²⁷ João 20.21: Disse-lhes, pois, Jesus outra vez: Paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio.

²⁸ João 17.4: Eu lhes tenho dado a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como também eu não sou.

livro de Gênesis deixa claro que o homem foi colocado na terra para cuidar dela, tornando-se o seu guardião (Gn 2.4-17).²⁹

À humanidade, Deus deu o domínio e os colocou para guardar do jardim com regras específicas³⁰. O relacionamento entre homem e Deus qualificava o paraíso e mantinha a ordem neste meio ambiente equilibrado. Porém havia proibições. A quebra de uma ordem específica foi a causa da corrupção generalizada sobre a terra³¹.

É interessante perceber o cuidado de Deus pela natureza e a ordem que estabeleceu. Há leis naturais reguladoras que foram criadas por Deus, quando as fez “segundo a sua espécie”. Deus estabeleceu estações do ano³², regras para os ventos³³, processo de evaporação³⁴, regras para a precipitação das chuvas³⁵, e

²⁹ É interessante que o artigo citado tem como tema “O cuidado com a terra”, o qual está inserido na revista Didaquê de número 58, que trata do tema “O chamado à santidade”, que trata do livro de Levítico, relacionando a idéia da consagração de todo o ser e do meio onde está inserido.

³⁰ Genesis 2.18-25: Disse mais o SENHOR Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea. Havendo, pois, o SENHOR Deus formado da terra todos os animais do campo e todas as aves dos céus, trouxe-os ao homem, para ver como este lhes chamaria; e o nome que o homem desse a todos os seres vivos, esse seria o nome deles. Deu nome o homem a todos os animais domésticos, às aves dos céus e a todos os animais selváticos; para o homem, todavia, não se achava uma auxiliadora que lhe fosse idônea. Então, o SENHOR Deus fez cair pesado sono sobre o homem, e este adormeceu; tomou uma das suas costelas e fechou o lugar com carne. E a costela que o SENHOR Deus tomara ao homem, transformou-a numa mulher e lha trouxe. E disse o homem: Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne; chamar-se-á varoa, porquanto do varão foi tomada. Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne. Ora, um e outro, o homem e sua mulher, estavam nus e não se envergonhavam.

³¹ Genesis 6.5: Viu o SENHOR que a maldade do homem se havia multiplicado na terra e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração.

³² Salmo 74.17: Fixaste os confins da terra; verão e inverno, tu os fizeste.

³³ Jó 28.25: Quando regulou o peso do vento e fixou a medida das águas.

³⁴ Genesis 2.6: Mas uma neblina subia da terra e regava toda a superfície do solo. Jó 36.27-29: Porque atrai para si as gotas de água que de seu vapor destilam em chuva, a qual as nuvens derramam e gotejam sobre o homem abundantemente. Acaso, pode alguém entender o estender-se das nuvens e os trovões do seu pavilhão?

³⁵ Jó 5.10: ...faz chover sobre a terra e envia águas sobre os campos... Atos 14.17: ... contudo, não se deixou ficar sem testemunho de si mesmo, fazendo o bem, dando-vos do céu chuvas e estações frutíferas, enchendo o vosso coração de fartura e de alegria.

descanso para a terra³⁶. Ele proibiu o abate de animais novos demais³⁷, proibiu a matança da ave-mãe quando com os filhotes no ninho ou sobre os ovos³⁸, evitando o extermínio em massa de animais³⁹. Também estabeleceu o cuidado com as fezes⁴⁰ e assim por diante.

Deus fez determinados pactos com a criação, baseado no modo que fez as coisas. Deus não violará qualquer aliança, e a trata com integridade: cada coisa em sua própria ordem, cada coisa no modo em que ele a fez. Neste sentido, deveria o homem tratar da mesma forma, tratar cada coisa com integridade em sua própria ordem, respeitando o equilíbrio de seu meio.

O fato simples é que, se o homem não for capaz de resolver seus problemas ecológicos, então os recursos do homem irão perecer. É bastante concebível que o homem não poderá pescar nos oceanos como no passado e que, se o equilíbrio nos oceanos for muito modificado, o homem se encontrará até mesmo sem oxigênio suficiente para respirar (SCHAEFFER, 2003, P.12).

Deus colocou ordem no caos. O homem foi da ordem para o caos. Agora a criação é passível de suas ações destruidoras. A proposta é ao retorno à ordem. O respeito a todas as coisas criadas deve ser exercido de modo consciente e com

³⁶ Êxodo 23.10-11: Seis anos semearás a tua terra e recolherás os seus frutos; porém, no sétimo ano, a deixarás descansar e não a cultivarás, para que os pobres do teu povo achem o que comer, e do sobejo comam os animais do campo. Assim farás com a tua vinha e com o teu olival.

³⁷ Êxodo 34.26: As primícias dos primeiros frutos da tua terra trarás à Casa do SENHOR, teu Deus. Não cozerás o cabrito no leite da sua própria mãe.

³⁸ Deuteronômio 22.6-7: Se de caminho encontrares algum ninho de ave, nalguma árvore ou no chão, com passarinhos, ou ovos, e a mãe sobre os passarinhos ou sobre os ovos, não tomarás a mãe com os filhotes; deixarás ir, livremente, a mãe e os filhotes tomarás para ti, para que te vá bem, e prolongues os teus dias.

³⁹ Jonas 4.11: ...e não hei de eu ter compaixão da grande cidade de Nínive, em que há mais de cento e vinte mil pessoas, que não sabem discernir entre a mão direita e a mão esquerda, e também muitos animais?

⁴⁰ Deuteronômio 23.12-13: Também haverá um lugar fora do acampamento, para onde irás. Dentre as tuas armas terá um porrete; e, quando te abaixares fora, cavarás com ele e, volvendo-te, cobrirás o que defecaste.

honestidade. A questão da preservação do meio ambiente ligada à responsabilidade social está nas mãos desta geração.

O homem moderno está trazendo destruição sobre a boa criação de Deus e não lhe dá nenhum valor efetivo. Tudo o que ele tem é um valor pragmático da forma egoísta mais grosseira.

Schaeffer (2003, p.49) diz que ao homem foi determinado o domínio sobre a criação, mas que, depois da queda, ele tem exercido este domínio de maneira incorreta. Ou seja, tornou-se um ser rebelde que se posicionou de modo autônomo no centro do universo e explora as coisas criadas como se fossem nada em si próprias, como se tivesse direito autônomo sobre elas.

Rega levanta uma questão importante quando declara que, ao estabelecer a indústria, a humanidade passou a produzir poluentes que destroem o meio ambiente. É certo que o homem moderno necessita da indústria, porém mais ainda de uma solução. O que as pessoas fazem a respeito de sua ecologia, depende do que pensam sobre si mesmas. A solução deve vir de dentro, pois essa é a causa real:

O homem tem poder de dominar a natureza, porém a usa de modo errado. Vemos, portanto, que o homem polui porque ele pertence a uma raça rebelde, porque ele é por natureza filho da ira (Ef 2.3). Enquanto ele permanecer neste estado de rebeldia – ativa ou passiva, consciente ou inconsciente – ele irá poluir a terra (REGA, 1992, p.30).

O profeta Isaías já havia previsto a situação de caos relacionada com ecologia quando diz que a terra está contaminada por causa dos moradores, isto porque transgridem as leis, mudam os estatutos, e quebram a aliança eterna (Isaías

24.5). O mundo morre porque o homem é desobediente. A Bíblia é clara quando afirma que o salário do pecado é a morte⁴¹.

A natureza estará equilibrada quando as leis de Deus forem observadas e para isso faz-se necessário a reconciliação do homem com Deus. Esta reconciliação só pode ser feita quando este aceitar definitivamente a Jesus Cristo como Senhor e salvador de sua vida. Não somente isto, mas também se submeter à sua poderosa vontade e obedecer aos seus preceitos, que são bons e produzem saúde.

4.1.7 Sinergismo na obra da manutenção

As causas da corrupção e destruição da criação estão enraizadas na natureza decaída do homem. O pecado trouxe todo o transtorno à ordem criada e, por isso, esta criação está em cativeiro. Cristo, todavia, opera a obra de restauração, que não se limita apenas à nova vida dada ao indivíduo, mas abrange a restauração de todo o universo. A contribuição da humanidade no estado atual das coisas é o pecado. A contribuição de Jesus para a manutenção e restauração de todas as coisas é a vitória sobre este pecado.

A única esperança para a criação, para o universo todo, bem como para o homem, está no caráter de Deus, e da seguinte maneira: a glória de Deus e a honra de Deus impedem-no de deixar que o mundo se perpetue como está. Se Deus é Deus, o grande criador, se Deus é Todo-poderoso, tendo sob seu comando todo governo e autoridade, então o próprio caráter de Deus torna completamente impossível que Ele deixe a criação como esta se encontra no tempo presente. Ele não pode deixá-la nesta condição de vaidade, nesta condição em que “geme” e “sofre dores de parto” (LLOYD-JONES, 2002, p. 81).

⁴¹ Romanos 6.23: Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor.

Deus tem interesse que sua criação saia do estado atual. É incoerente com o caráter de Deus imaginar que o *kosmos* deva permanecer neste estado permanente. Quando olhamos para a criação, temos o discernimento daquilo que o apóstolo Paulo diz e podemos ver as imperfeições, a vaidade e a corrupção. Estes elementos estão presentes porque Deus amaldiçoou a terra, porém não a abandonou. Ao contrário, lhe deu esperança de livramento, onde o ser humano teria um papel fundamental. Agora, o ser deve-se compreender ativamente envolvido num sinergismo com o próprio criador. O criador não está alheio ao universo criado, ao contrário, temos o Deus sustentado todas as coisas pela palavra de seu poder.

O qual, sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa, e sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, havendo feito por si mesmo a purificação dos nossos pecados, assentou-se à destra da Majestade, nas alturas; feito tanto mais excelente do que os anjos, quanto herdou mais excelente nome do que eles (Hebreus 1.3).

Isto não deve significar um abandono do ser humano. Depois da queda, o homem passaria a ter uma função indicativa na relação com a natureza, não somente apanhando frutos para o consumo, mas agindo efetivamente. Este deveria trabalhar e comer do suor do seu rosto e manter, constantemente sob controle, os espinhos e ervas daninhas.

Como diz Llyd-Jones (2002, p.87), a criação está atada ao homem e o que acontece com o homem inevitavelmente é forçoso que aconteça com a criação. Deus está agindo, constituindo novas criaturas e capacitando-as para influir no meio em que está inserida. É certo que isso não significa o paraíso na terra, mas a possibilidade de manutenção até que todas as coisas ao seu propósito final. Até que isto ocorra, a humanidade tem a responsabilidade de cuidar do meio ambiente para a preservação da vida.

4.1.8 O papel da igreja cristã no meio ambiente

Lopes (s/d, p. 9), citando Calvino, afirma que se Cristo é Senhor de toda a existência humana. Ele segue dizendo que, para Calvino, a restauração inaugurada por Cristo ocorre inicialmente no seio da igreja. É na igreja que a ordem primitiva da sociedade, tal qual Deus havia estabelecido, tende a ser restaurada. É certo que se trata de restauração parcial, não pretendendo estabelecer ação plena. Porém, deve ser compreendida como ato inerente ao cristão, como ser responsável designado por Deus para tal função.

A igreja cristã tem um papel importante na propagação do evangelho integral. O evangelho é o poder de Deus para a salvação⁴². Porém, diante de uma influência gnóstica e uma mensagem distorcida da escatologia, tende-se a empurrar para longe o problema da ecologia nas igrejas cristãs. Há os que estão vivendo aguardando a vinda de Jesus, em constante fuga deste mundo tenebroso. Não se pode isentar das questões ligadas ao meio ambiente, uma vez que temos responsabilidade social como todo mundo. João A. de Souza Filho (1992, p.81) faz uma afirmação nesse sentido dizendo que não negamos o céu e sua existência, nem a questão da volta de Jesus, mas não podemos viver um escapismo escatológico que nos aliena das questões da terra.

Se a igreja cristã andar em harmonia com seu Deus, e observar seus preceitos, ela deverá promover mudanças profundas na sociedade. Ela é

⁴² Romanos 1.16-17: Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego; visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé.

comissionada pelo criador do planeta e tem em si a lei suprema do Senhor no coração, lei essa que tem o poder de libertar tudo e todos desta destruição sem limites, a saber, o amor. Tais crenças são baseadas na redenção divina da terra, que acontecerá quando houver a manifestação do Filho de Deus, Jesus Cristo. A natureza ficará livre de seu cativeiro através dos filhos de Deus.

Para se mudar o comportamento do homem, necessita-se mudar o próprio homem e a igreja cristã tem a resposta, que é Cristo. Sabemos que o pecado do homem trouxe corrupção à terra. Também sabemos que onde abundou o pecado, superabundou a graça de Deus⁴³. É esse o principal fundamento: Jesus Cristo, o Senhor dos senhores, rei do universo. Só Ele tem o poder de determinar o que deverá acontecer no planeta, sejam chuvas, sol, nascimento, morte, enfim, tudo está sob o controle do Senhor.

A igreja cristã tem a resposta: vida eticamente correta, em obediência ao Deus Todo-poderoso, com a consciência de que têm a solução que a sociedade tanto necessita nestes dias atuais. Porém, ela pode se tornar um sério problema quando se isola das questões sociais, quando se fecha nas quatro paredes em busca de seus próprios interesses. A igreja cristã que toma este caminho não faz de modo aberto, mas na sutileza da mensagem espiritualista, onde não importam as questões que não se relacionam com este tema.

4.1.9 Uma nova perspectiva quanto ao problema do meio ambiente

⁴³ Romanos 5.20: Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa; mas onde abundou o pecado, superabundou a graça.

Na cruz do calvário, Deus traz libertação para que os pecadores retornem ao relacionamento harmonioso com o criador, com a criação, com o próximo e consigo mesmo. Em Cristo, há libertação do homem. Este deve cumprir seu papel de vice-governador do planeta, conforme o relato de Gênesis⁴⁴.

Tal consciência deve ser despertada para que exerçam o governo e sabedoria para o cuidado e recursos do criador para a manutenção. Porém, sem o propósito salvífico de Deus, não há qualquer esperança para o homem e para toda a criação.

Como já foi afirmado, o cristão não pode entrar em reclusão em seu meio eclesialístico, de modo a focar seus esforços apenas nas questões espirituais. Este deve ter plena consciência de sua permanente interação com o meio onde vive.

Rega (1992, p.30) diz que quando o homem polui o seu ambiente ele está automaticamente se autodestruindo. Uma maneira de explicar esse comportamento suicida do homem está nas Escrituras Sagradas. Toda a terra ficou corrompida com a entrada do pecado, assim como o homem degenerado.

Por esse motivo não podemos esperar que nossas instituições nos conduzam aos verdadeiros valores ecológicos e à verdadeira preservação da natureza. Nossos sistemas políticos poderão até ter uma participação nesse processo, mas será sempre condicionado a preservação de seus interesses próprios. Do mesmo modo o homem, de modo geral, age contra seu próprio futuro, porque egoisticamente se apodera de tudo quanto atrai sua atenção de seu próprio habitat (NETO, 1992, p.10).

A questão apresentada aqui está intimamente ligada ao interior do humano e não somente às regras. É uma questão de conscientização profunda e negação do

⁴⁴ Gênesis 1.12: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.

egoísmo. Para o ser egoísta isso é impossível, pois visa sempre seus interesses. Neste ponto, destaca-se a responsabilidade do cristão.

Peña (1989, p.167) levanta a justa questão: Diante do quadro desolador atual, não seria demasiado tarde para alguma solução cabível? Será que não avançamos a ponto de não haver mais retorno? Precisamos realmente reconhecer que, neste processo de submissão ilimitada ao meio ambiente natural, não é o homem vencedor. Refletir nas ideologias puramente humanas, e achar que estas poderão resolver os problemas que levantam, equivale a absolutizar suas potencialidades. Como diz Peña, é como queimar a madeira dos vagões para alimentar a caldeira da locomotiva.

A Bíblia afirma que Deus, como criador de todas as coisas, não realizou sua obra e a deixou ao acaso, permanecendo na transcendência, mas é Deus imanente e está agindo por meio de seus filhos. Há o auxílio do Ser supremo. Por isso, o despertar da consciência em se buscar uma solução para o meio ambiente. Porém, muito pouco se fala do Criador da natureza. Por isso, faz-se necessário um posicionamento cristão frente aos problemas éticos ecológicos, com estudos bíblicos em linguagem conceitual.

A catástrofe do meio ambiente pode ser detida a partir de um posicionamento ético que dirija e controle os programas tecno-científicos. Esta ética deve também mobilizar a população mundial e motivar uma tomada de decisão que a situação exige. As autoridades estão conscientes desta necessidade.

O malogro da Conferência de Estocolmo sobre o meio ambiente (1972) colocou em evidência a necessidade de consenso sobre um quadro de valores morais universalmente aceitos para fazer frente à crise (PENÃ, 1989, p.169).

Nós devemos ter o domínio sobre a natureza, mas não devemos usá-la de forma semelhante ao homem que destrói, agindo fora dos valores éticos. Desta forma, o cristão tem condições de exercer domínio sem ser elemento de destruição.

O cristão deve ter consciência de sua posição importante na sociedade, pois quando a igreja coloca suas crenças em prática, na relação do homem com a natureza, existe cura substancial. A comunidade cristã deve ser uma exibição viva na verdade de que, em nossa situação presente, é possível ter curas substanciais. Os cristãos devem tratar a natureza com um respeito gigantesco. O cristianismo verdadeiramente bíblico tem uma resposta real para a crise, pois oferece uma atitude equilibrada e saudável para com a natureza, que surge da verdade de Deus.

O cristianismo oferece a esperança aqui e agora diante dos resultados da queda. Isto é possível por causa da redenção de Cristo na cruz do calvário, e por isso este destaque da ação redentiva na cura eficaz. Baseado no fato de que haverá uma redenção total no futuro, não somente do homem, mas de toda a criação, o cristão que entende os valores éticos contidos na Bíblia deve ser aquele que trata da natureza na direção da forma que ela será. Ele realiza esta obra com a ajuda de Deus e no poder do Espírito Santo (SCHAEFFER, 2003, p.47).

Assim, o cristão deve ter a consciência sobre a compreensão renovada do domínio do homem sobre a natureza, um domínio sobre as ordens inferiores da natureza. Este deve compreender que não é soberano sobre elas. A saber, o homem deve utilizar a natureza como Deus quer que ele a utilize, pois somente Ele é o Senhor soberano.

4.1.10 O alvo escatológico

O texto de Romanos é claro na afirmação de que a criação foi subjugada à nulidade, mas ela será redimida do cativeiro.

Porque a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa do que a sujeitou, na esperança de que também a mesma criatura será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora. E não só ela, mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo. Porque, em esperança, somos salvos. Ora, a esperança que se vê não é esperança; porque o que alguém vê, como o esperará? Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o esperamos (Romanos 8. 20 – 25).

Para a tradição teológica cristã é ponto central a convicção de que a história tem origem e fim, onde ambos estão enraizados no plano e poder de Deus. Para que possa haver uma história da salvação, o tempo tem que ter seus limites e deve se mover sem repetição numa única direção (DALEY, 1994, p. 311). Nesse sentido, vale a frase de Bart (2000, p. 484): Cristianismo que não seja totalmente escatologia, nada, absolutamente nada tem a ver com Cristo. Ou seja, o cristianismo verdadeiro se completa, se realiza, se confirma, através da morte e da ressurreição de Cristo.

Diz o Dr. Shedd (1991, p. 7):

Segundo o Novo Testamento, o fim (*eschaton*) foi inaugurado com a encarnação, morte e ressurreição de Jesus Cristo, o Messias. Os “últimos dias” (Hb 1.2) já começaram. Paulo afirma: “Vindo, porém, a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu filho” (Gl 4.4), apontando para o início de uma nova época.

A palavra escatologia pode ser compreendida como doutrina religiosa sobre as últimas coisas. É a esperança dos cristãos de que sua presente sede por Deus será preenchida, que sua presente necessidade de livramento e salvação será

realizada. É a expectativa de que nossas opções e padrões de ação nesta presente vida humana encontrarão relevância última na retribuição administrada por um Deus que é bom, sábio e poderoso (DALEY, 1994, p.13).

McGrath (2005, p. 626) entende que a escatologia do Novo Testamento é bastante complexa. Ele também compreende que o tema central aponta para o fato de que um evento ocorrido no passado inaugurou algo novo, que será sua consumação final apenas no futuro. Neste sentido, o cristão encontra-se preso na tensão entre o “agora” e o “ainda não”. A saber, para o crente a escatologia pode significar uma confiança de que, a união com Deus em conhecimento e amor, que já se iniciou na presente vida de fé, será consumada algum dia numa existência livre de todas as limitações que a vida terrena impõe.

Para Ladd (2001, p. 509), o alicerce de todo pensamento teológico de Paulo é o do dualismo apocalíptico desta era e da era vindoura. Os eventos da consumação escatológica não são eventos meramente destacados que estão no futuro, sobre o qual Paulo especula. São, pelo contrário, eventos redentores, que já começaram a se mostrar na história. Neste sentido, as bênçãos do século vindouro não estão mais exclusivamente no futuro, mas tornam-se objetos da experiência presente.

O próprio cosmos, que foi dilacerado pelo conflito e rebelião contra Deus e está gemendo com dores de parto, será restaurado à paz com seu Senhor. A meta do propósito da redenção por parte de Deus é a restauração da ordem em um universo que foi perturbado pelo mal e pelo pecado. Assim, a restauração final inclui o mundo material. Esta é a salvação que é e será operada na criação.

O alvo escatológico tem sua base na ação soberana de Deus. Este agir soberano é a manifestação do seu amor como garantia da esperança escatológica.

Esta esperança escatológica, diante do sofrimento, não é etérea e nem deve ser reduzida a uma visão puramente antropológica, mas deve ser compreendida no sentido universal que liga as realidades, antropológica e cosmológica. Neste contexto temos, em termos de conteúdo, a semelhança na presença incontestável do sofrimento e esperança pela glória futura. É Deus quem presenteia toda a criação com a esperança.

Ao perfil soteriológico do texto pertence a inclusão da criação na esperança escatológica dos filhos de Deus. Esta inclusão livra o pensar escatológico da abstração filosófico-antropológica individual e coletiva e obriga a perguntar de maneira nova pelas consequências que emergem das dimensões universais concretas da esperança escatológica tal qual concedida em Rm 8.18 – 27 (WIESE, 2004, p.102).

A revelação dos filhos de Deus, como expectativa escatológica da criação, é uma afirmação singular, pois em nenhum outro lugar no Novo Testamento os filhos de Deus são objetos de esperança escatológica. Antes, pelo contrário, filhos de Deus é o sujeito da esperança escatológica. Por isso, são agentes ativos no cosmos numa expectativa comum: certeza da libertação final do poder do pecado de todo o cosmos.

Essa expectativa apresenta o quão glorioso será aquele dia quando todas as restrições resultantes do pecado do homem terão sido removidas. Então veremos a maravilhosa criação atingindo a auto-realização e, finalmente, chegando ao seu alvo, à completa liberdade e, assim, participando da gloriosa liberdade dos remidos do Senhor (HENDRIKSEN, 2001, p.356).

A libertação prevista para a criação é libertação da escravidão da corrupção, no tempo da revelação dos filhos de Deus. A implicação está na compreensão da corrupção como condição de ser escravo da morte, da deterioração e da

transitoriedade, que é o próprio oposto da condição da glória. Quando, finalmente os filhos de Deus se tornar manifestos, a criação receberá sua própria e total liberdade. Assim, ela poderá cumprir o pleno desígnio do criador (CRANFIELD, 2005, P.821).

A libertação escatológica da criação não tem um fim próprio. A conclusão é clara, pois esta libertação conflui para a liberdade da glória dos filhos de Deus (21b). A implicação desta afirmação está na relação e finalidade primeira entre ambos. A ligação entre a esperança escatológica da criação e dos filhos de Deus representa um exercício concreto da cidadania humana no trato da criação como um todo. Isto requer um pensar teológico responsável e coerente (WIESE, 2004, p.199).

Os cristãos são livres e, ainda assim, esperam pela libertação derradeira. São redimidos e ainda esperam pela redenção definitiva. São glorificados e ainda aguardam pela glorificação plena.

A criação e o ser humano estão muito próximos um do outro. Segundo Paulo, a sorte de um recai sobre o outro, a expectativa de um também é a expectativa do outro. Isto pode ser percebido na conexão entre os versos 19 a 23, cujo elo central é o próprio Deus, o sujeito da libertação e revelação.

4.1.11 Continuidade ou descontinuidade?

A partir do momento em que se compreende a participação da criação na consumação escatológica dos filhos de Deus, levanta-se a questão sobre a continuidade ou descontinuidade da própria criação. Há duas posições em torno do assunto: a que defende uma nova criação e outra que defende a renovação da criação.

4.1.11.1 Uma nova criação

Nesta posição, entende-se que a consumação escatológica aponta para a realidade de que a atual criação não será transformada em uma nova criação. A criação atual deixa de existir e virá a ser uma criação completamente nova. A implicação deste fato é pensar em uma segunda *creatio ex nihilo*. Logicamente, esta reflexão aponta para a total aniquilação da presente criação. Esta nova criação é vista analogamente ao novo corpo que Deus dará ao ser humano no dia da ressurreição. Trata-se de um novo mundo ou também de novos céus e nova terra.

4.1.11.2 A renovação da criação

Obviamente, neste ponto, pressupõe-se a renovação ou regeneração da atual criação e não a aniquilação total. Como diz Wiese (2004, p.64), a renovação é a restituição da glória perdida, onde toda a criação irá readquirir seu estado original paradisíaco. A nova criação que se espera, significa a consumação da atual criação. Parece que esta posição tem mais consistência, uma vez que a própria expressão ἡ κτίσις ἐλευθερωθήσεται⁴⁵, deixa aberta esta possibilidade de que haverá prosseguimento daquilo que vemos hoje, porém sem a presença do pecado. Pode-se literalmente falar de uma libertação da nulidade em que toda a criação ficou sujeita.

⁴⁵ A própria criação será redimida: Romanos 8.21

4.1.11.3 Recriação ou renovação?

Para Hendriksen (2001, p. 357), a criação será renovada. Ela será no futuro o mesmo céu e a mesma terra que temos no presente. As perfeitas condições serão encontradas por todo o universo de Deus, gloriosamente rejuvenescido.

Se a criação será recriada, então, estas palavras acima não têm sentido algum. Por isso, deve-se tomar uma opção entre recriação e renovação. As implicações desta escolha levarão a resultados distintos.

Se a atual criação não será transformada, ao contrário, será exterminada para ceder lugar a uma criação completamente nova, então é pura perda de tempo refletir sobre a consumação de uma ética ecológica. Se, no futuro, acontecerá uma segunda *creatio ex nihilo*, então, a preocupação com a atual criação é inócua. Isso pode levar a uma aproximação do ensino gnóstico, que afirma que a matéria é má e necessita ser destruída.

Por outro lado, entendemos que haverá uma regeneração da atual criação e não a aniquilação total. Haverá prosseguimento da atual criação. É certo que as implicações éticas seguem outro rumo. A saber, que na presente era temos a responsabilidade da manutenção da criação. Do mesmo modo que cuidamos de nossos corpos para a glória de Deus, devemos cuidar do meio onde estamos para a glória de Deus.

4.1.12 Escatologia em andamento

A escatologia de Paulo é inteiramente determinada pela obra de Deus que já foi e ainda será realizada em Cristo. Ela é distinta de todas as formas de expectativa escatológica judaica de sua época e tem em si um caráter completamente independente. A escatologia de Paulo é determinada pelo verdadeiro agir de Deus em Cristo. Por um lado, Paulo fala da plenitude do tempo que se realizou e da nova criação que teve início. Ele também está consciente de que ainda vive neste mundo presente e no tempo correspondente a ele (RIDDERBOS, 2004, P.54).

É neste presente contínuo que a comunidade dos santos é real. Estes devem ter a consciência de que estão vivendo numa relação permanente com a criação. Como já foi dito, numa tensão entre o “já” e o “ainda não”. Isto confere à escatologia de Paulo seu caráter completamente distintivo.

Enquanto estamos no mundo, continuamos a sentir o peso da queda toda vez que ficamos doentes e também pelo fato de nossos corpos ficarem mais velhos. Assim também se dá com a criação. Se ela fica doente no presente século, necessita de cuidado. Todos estão gemendo em nosso íntimo aguardando a redenção final.

É certo que a redenção será concretizada. Podemos ler isto nas palavras do apóstolo João.

Em Apocalipse, João nos apresenta um quadro maravilhoso da criação redimida: “Então ouvi que toda criatura que há no céu e sobre a terra, debaixo da terra e sobre o mar, e tudo o que neles há, estava dizendo: àquele que está assentado no trono, e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos”(Ap 5.13). Este é o canto da criação redimida, não apenas dos seres animados, mas mesmo de todas as coisas criadas (SCHAEFFER, p. 224).

A Palavra de Deus já deixou registrada a concretização da restauração total do cosmos, de todas as coisas criadas. É interessante perceber que nesta

escatologia consumada há louvor por parte de toda a criação a Deus. Sim. Somente o Senhor dos senhores é digno de todo o louvor e glória para sempre, amém.

4.2 A integralidade da missão cristã frente a universalidade de Boff

Para Boff a crise atual deve levar necessariamente a novas reflexões, a um novo paradigma, a saber, uma nova forma de dialogação com o universo. Por isso ele propõe um regresso ao que ele chama de “nossa pátria natal”, uma entidade autônoma e ao mesmo tempo totalmente interligada ao todo. Então, diz ele que devemos colocar para fora uma nova compaixão, ou seja, criar um novo modelo de ser, sentir, pensar, valorar, agir e rezar. Sua afirmação destaca a Terra como a grande mãe, Gaia, que tudo nutre e a todos carrega.

O libertacionismo de Boff caminha dando ênfase na percepção das energias primitivas pós *big-bang* que vão se desenvolvendo até os códigos sofisticados do cérebro humano. Vimos no capítulo anterior a sua afirmação de que jamais podemos dicotomizar os seres bióticos e abióticos e fazer isto é uma redução da realidade, pois tudo é energia e tudo está interconectado com tudo e conseqüentemente tudo possui sua interioridade e é espiritual. Em contra ponto a este pensamento, compreendo que a criação é a totalidade das coisas que Deus criou. É a criação compreendida nos termos bíblicos, ambiente e criaturas, criados a partir da Palavra de Deus em momentos distintos.

Enquanto a filosofia procura entender a origem e natureza de todas as coisas pela luz da razão, a teologia toma seu ponto de partida em Deus, deixa-se guiar por Sua revelação especial concernente à obra da criação, e pondera todas as coisas relacionando-as com Ele. A narrativa da criação é o começo da auto-revelação de Deus, e nos põe a par da relação fundamental em que tudo, o homem inclusive,

está com Ele. Ela mostra a posição originária do homem, para que os homens de todas as eras possam ter adequada compreensão do restante da Escritura como revelação da redenção. Apesar de não pretender dar-nos uma completa cosmogonia filosófica, contém elementos importantes para a elaboração de uma cosmogonia correta (BERKHOF, 1998, p.151).

Neste contexto o homem foi criado como a coroa desta criação e posto como mordomo para dela cuidar. Assim, o homem não é a evolução da consciência do universo, mas um ser criado pelas mãos de Deus, ao qual confiou toda a criação; e isso como administradores.

Deus é o Criador incriado. Por mais que o ser humano se distinga das outras criaturas, ele tem em comum com todas elas aquilo que distingue as pessoas de Deus: elas foram criadas. Como ser criado, o ser humano compartilha a fraqueza e as limitações de todas as criaturas. Sua existência terrena é efêmera e termina inexoravelmente na morte... quando Deus fez o ser humano, criou-o com espaço vital, alimento, trabalho e companhia (SMITH, 2001, p.227).

Na antropologia de Boff o ser humano não é um peregrino errante, mas um filho da Terra. Há certa lógica em sua argumentação, quando reflete que sua formação vem do pó da terra no relato bíblico, mas perde de vista Deus quando confere a este pó (terra) ser extensão da divindade, e por isso, mãe de todos. Em sua perspectiva evolucionista Deus está em nós e emerge de nós. Ele também surge a partir do universo e Sua expressão se dá pelo ser humano. Em outras palavras, sempre esteve no universo e passou a irromper na consciência humana, a qual também é a consciência do cosmos. Deus é o ser que interage com as probabilidades e possibilidades, promovendo o estado concreto das coisas, tornando-se o princípio criador de todas as coisas.

A teologia cristã compreende Deus como Criador supremo que dá princípio a todas as coisas, sem, contudo, conferir a estas coisas criadas extensão de seu ser.

Os atributos de Deus são distintos dos atributos de sua criação, como por exemplo, sua infinitude.

Deus é infinito. Isso significa não apenas que Deus é ilimitado, mas que é ilimitável. Nesse aspecto, Deus é diferente de qualquer coisa dentro de nossa experiência. Mesmo as coisas que o senso comum antes dizia serem infinitas ou ilimitadas são hoje consideradas limitadas. Em termos antigos, a energia parecia inextinguível. Em anos recentes, tomamos consciências de que os tipos de energia com que temos mais familiaridade são bem limitadas, e estamos nos aproximando desses limites consideravelmente mais rápido que imaginávamos. A infinitude de Deus, no entanto, fala de um ser sem limites (ERICKSON, 1997, p.111).

O cristianismo compreende o homem como o pivô da queda do cosmos por conta da desobediência, ser errante, e Deus, como o sujeito da ação criadora e por isso, o Senhor que estabelece leis distintas a serem obedecidas. A partir deste início trágico, este homem desobediente é caracterizado por atos que destroem a comunhão com Deus, com os demais homens e com a criação. Estas ações são assim compreendidas tendo em vista a ação do pecado, que deu início a todo o processo.

Berkouwer reflete que encontramos cada vez mais conotação a respeito do pecado, como se manifesta em nossa vida atualmente. Ele segue dizendo que quando o homem é envolvido pelos seus atos pecaminosos, ele procura apontar, de diversas maneiras, a origem e o processo desses atos, e que se ouve freqüentemente que o coração é como fonte de onde flui o pecado, e o caminho do pecado é os que partem do interior para o exterior. Não se fala do coração como algo fora do homem, mas no centro mesmo do seu ser e na totalidade de sua existência. É o homem mesmo que é tido como sede do pecado (1970, p.21).

Como já refletimos, no presente a criação geme e no futuro será de uma vez por todas será liberta da escravidão do pecado. Para Boff pecado é o erro do

homem de se colocar sobre todas as coisas num ato de extremo egoísmo. Este é um fato real, pois o homem não deve confundir sua posição singular, que Boff chama de andrópica, para abusar da natureza. Ele destaca que culpa e pecado são elementos inerentes à quebra de harmonia entre humano e Terra, e assim confere ao ser humano o satã da Terra. No cristianismo pecado é o princípio de morte agindo em toda a criação, de modo que tudo está passível de corrupção. Satã é o inimigo de Deus, o tentador que age como destruidor e propagador do mal.

Algo importante a se destacar é que a criação não nos pertence, mas a Deus. Nós devemos usá-la sabendo que não são nossas intrinsecamente. O domínio do homem está debaixo do domínio de Deus. A criação, pelo poder e vontade soberana de Deus, permanece sujeita a seu criador, pois é o seu domínio, dentro do qual deu autoridade aos homens e às mulheres em submissão a Ele. Por conta disto, os reinos poderiam se desenvolver e, de fato, se desenvolveram (GRONINGEN, 2002, p.60). Se nós temos uma real compreensão da visão cristã a respeito da mordomia em relação à criação, então, teremos uma ação efetivamente ética na direção de sua vontade.

A proposta de Boff é que a história não é exclusiva do ser humano, mas que a terra também tem e faz parte da história. A história do universo para ele culmina na hipótese da readaptação de *Gaia* frente os diversificados ataques à sua existência, uma vez que tem consciência e por isso se vê na iminência de inventar novas adaptações, e assim, não precisa ser boa para com a espécie humana e por isso extrapola em fomes, secas, enchentes etc., podendo até, eliminar seus agressores.

No cristianismo a história tem como ponto central Cristo, que traz a salvação ao mundo e o novo homem é marcado por um novo conhecimento, que emana do

conhecimento de Deus. Este conhecimento permite que o novo homem se torne verdadeiramente uma imagem do seu Criador em atos de amor fraternal. A condição deste novo homem de ter sido "criado à semelhança de Deus", significa que ele é criado para combinar com Deus.

Apesar de o ser humano ter sido criado, como todas as outras criaturas, ele é diferente, em termos de espécie, de todos os outros seres criados. O Salmo 8 diz que Deus fez o ser humano apenas um pouco menor que os anjos, coroou-o com glória e honra e colocou-o sobre toda a obra das suas mãos... O ser humano está constantemente pesquisando, investigando e transformando o mundo à sua volta, sem encontrar descanso duradouro em suas próprias criações, que deixa para trás como mero pontos de transição em sua busca. Em sua procura e na dependência absoluta, o ser humano pressupõe, com cada respiração, um ser correspondente, infinito, eterno, diferente, diante de quem se encontra (SMITH, 2001, p.230).

O homem aceita a designação divina, pronunciada sobre ele: O eleito de Deus é separado para o serviço dEle, em santidade. Este deve agora viver em dependência dAquele que é a verdade. Neste sentido toda a criação está de olho nos filhos de Deus, em expectativa, aguardando a redenção final. Nesta escatologia em processo, a criação está existindo como todos nós, carente de cuidados, mas não como uma entidade geradora de seres humanos.

Na compreensão de Boff, o paraíso não é um relato passado, mas futuro, pois Deus não cria tudo pronto, apenas dá início a um processo cujos objetivos são as formas organizadas, complexas e perfeitas. Assim, as quedas são para cima num processo crescente que se harmoniza com a idéia de evolução. A idéia do processo evolucionário é que seu percurso está totalmente aberto para o futuro. Assim, Boff insiste que o universo tem a capacidade de se auto-organizar de modo a gerar vida complexa, capaz de fugir do esgotamento. Se este é o caso, porque a Gaia não

reage positivamente e não coloca fim neste sofrimento? Porque não usa seu instinto de auto preservação e toma a direção da situação?

Um aspecto que Boff trata é que o cristianismo não soube educar a humanidade, uma vez que lhe conferiu a boa consciência de dominar e explorar a Terra como resposta obediente ao mandato de Deus. Neste ponto Boff está certo, pois podemos perceber o afastamento dos cristãos nas questões relacionadas ao meio ambiente. Mais que isto, Boff também afirma que o cristianismo confere tal domínio à providência divina, tirando a responsabilidade humana das ações perversas ao meio ambiente. Nesse sentido, precisamos concordar que muitos cristãos estão alienados das questões relativas à totalidade da criação. A implicação está na ausência de uma tomada de posição em relação à responsabilidade com a mesma. Um dos motivos pode ser por pura ignorância. Se esta é uma realidade vigente, então, há uma lacuna a ser preenchida e trabalhada. Todos os seres humanos têm responsabilidades sociais iguais. Tomar uma postura bairrista só torna o cristão um escapista do mundo real. O que se tem visto, da parte, de muitos cristãos, é uma preocupação apenas com o invisível enquanto o visível está sendo destruído pelo poder das ações irresponsáveis do próprio ser humano. A natureza está sendo assassinada aos poucos por puro anseio desenfreado de lucro rápido, ou, então, por puro descaso daqueles que não refletem sobre seus atos, com resultados irreversíveis para um futuro próximo. O destruidor se torna vítima de seus próprios atos.

O cristianismo entende que a solução do problema está bem perto de todos. Porém, não tão perceptível assim, pois o pecado cegou o homem e corrompeu toda a terra no Gênesis e até hoje temos recebido o seu efeito. Cremos que o mundo

necessita ser redimido e o será por meio de Jesus Cristo. Porém, temos uma vida em andamento. Já na visão libertacionista, a Terra está sofrendo, está doente e necessita de cura, que somente se torna realizável pela comunidade humana em conjunto com a própria *Gaia*, por meio da devoção que cada membro desta comunidade humana deve prestar a própria *Gaia*, pois em algum momento da história este mesmo membro propiciou tal estado de crise.

Na perspectiva cristã evangélica, a soteriologia propõe Deus atuando para redimir a humanidade. O homem precisa ser transformado para poder trazer transformação ao meio onde vive. Poderíamos sugerir um conjunto de leis que seria o paradigma e a solução de todos os problemas. Mas, na prática, temos visto que esse não é o caminho, pois o coração do homem é mau. Acima das regras, o poder transformador de todos os tempos vem do Deus eterno. A soteriologia de Boff se concretiza a partir da conscientização da real identidade do universo, do ser pensante, que a cada dia passa a compreender melhor seu próprio status, e por isso reage e retorna ao seu ponto de origem, pois o mal é exatamente o distanciamento de si mesmo. O universo se cria, e continuamente, se diferencia na seta do tempo. A vida é fruto de uma possibilidade que aconteceu a partir da matéria e da energia. Na lógica de Boff, há um avançar contínuo e evolutivo no tempo e no espaço cujo fruto futuro será uma comunidade de seres pensantes melhores, completamente diferentes dos que temos hoje. Conforme refletimos no tópico anterior, a ação redentiva não deve ser entendida apenas como ação futura, mas é objeto da experiência presente. É ação de Deus nos eleitos e ação dos eleitos na criação. A salvação não é apenas restauração consumada, mas também em andamento. Assim também se dá com o meio onde vivemos. A criação aguarda e enquanto isto

pode ser mantida pela consciência de que sua destruição traz sofrimento a toda raça humana.

Ao tratar do problema do antropocentrismo, Boff ressalta que o homem se posicionou sobre as coisas e se imagina como um ponto isolado, fora da natureza e acima dela, uma distorção de visão, que destaca a séria inversão de papéis entre homem e Terra. Para ele, o homem pertence a Terra e não o contrário. Está aqui a crítica ao cristianismo que interpreta Deus colocando o homem como proprietário do meio ambiente e dominador da mulher. Este é o ponto central do problema para Boff, o androcentrismo. De fato há certa razão na reflexão de Boff, pois o homem decaído tem se posicionado desta forma, mas por conta de sua mente totalmente cega e longe de Deus. É fato também que vemos hoje em dia uma igreja passiva diante do gemido da criação.

Por isso compreendemos que a igreja cristã não deve furtar seus membros da relação e finalidade entre Filhos de Deus e criação. A ligação entre ambos não está apenas numa esperança escatológica, mas deve resultar num exercício concreto de cidadania humana, com base ética e exercício real no trato do meio onde se está inserido. É trabalhoso refletir sobre isto, e mais ainda partir para ação, mas é isto que a Palavra nos ensina, um pensar teológico responsável e coerente. O cristianismo compreende uma continuidade, onde a comunidade dos santos não é fictícia, mas real, com reais necessidades. Estamos vivendo numa relação permanente com a criação e, quando ignoramos este fato, falhamos em nossa missão como Filhos de Deus. A conscientização dos eleitos é de suma importância. Para isso, é necessário ter convicção sobre Deus como Criador e também à importância e o valor da criação.

4.3 Considerações finais

A teologia da libertação se apresenta como base epistemológica de Boff apontando para um desafio teológico ecumênico, onde só haverá libertação integral quando acontecer o resgate da dignidade da terra, destacando a necessidade de uma ética de ilimitada compaixão e da co-responsabilidade.

Já a teologia evangelical se posiciona no sentido de que a igreja cristã deve ensinar os seus membros a respeitar o meio ambiente, atitude que faz parte do testemunho cristão, de modo que este preste atenção sobre a responsável utilização dos recursos dispensados à existência do planeta. Deve-se saber utilizá-los de modo criterioso, de modo a refletir sobre as necessidades atuais da humanidade. Mas não somente isto, também com as futuras gerações. Marina Silva, atual Ministra do Meio Ambiente, colabora com esta reflexão, quando interage as perspectivas:

O Ministério do Meio Ambiente está trabalhando com políticas integradas, controle social, desenvolvimento sustentável, fortalecimento da política ambiental, e a questão de uma política que contemple os vários segmentos da sociedade. Não tenho dúvida que a igreja pode ajudar. Eu até penso que poderíamos encantar um grande movimento, dentro das igrejas, chamado “Jubileu Ambiental”. Todos aprenderiam que cuidar do meio ambiente não é coisa só de ambientalistas; antes é cuidar do jardim onde Deus nos colocou. Porque Ele nos colocou aqui não só para cultivar, para extrair sustento, mas também para cuidar do que chamamos meio ambiente (SILVA, 2004, p. 100).

Se os cristãos forem incisivos em seu posicionamento, poderá apresentar uma ideologia responsavelmente ética. O pacto de Lausanne, no tema “A responsabilidade social da igreja”, afirma que a mensagem da salvação implica também uma mensagem de juízo sobre toda forma de alienação, de opressão e de discriminação, e não devemos ter medo de denunciar o mal e a injustiça onde quer

que existam... A salvação que alegamos possuir deve estar nos transformando na totalidade de nossas responsabilidades pessoais e sociais. A fé sem obras é morta. Segue dizendo que o dever do cristão emerge da doutrina cristã (STOTT, 2003, p.46). Esta ideologia responsável certamente levará a sério a missão de disciplinar a utilização dos recursos naturais, onde, ao mesmo tempo em que se utiliza, também se preserva e protege os recursos para que não se acabem, em vez de tomar medidas paliativas que apenas adiam por algum tempo o seu esgotamento final.

Por fim, a visão de tal missão deve ser integral. Esta visão integral irá gerar uma atitude integral, que vê o homem todo em todo o seu contexto. A ação efetiva do cristão, frente a esta realidade, será ampla e próxima de uma realidade Bíblica. A consciência de que onde abundou o pecado superabundou a graça de Deus, certamente tirará da estagnação os cristãos sérios. Estes devem ter em mente a verdade, que, se o pecado tem abrangência cósmica, então a salvação deve ter tal abrangência e ainda mais.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AVILA-PIRES, Fernando Dias. *Fundamentos históricos da Ecologia*. Ribeirão Preto: Holos, 1999.

BARTH, Karl. *Carta aos Romanos*: Tradução e comentário Lindolfo K. Anders. São Paulo: Novo Século, 1999 – pp.854.

BARTMANN, Bernardo. *Teologia dogmática: revelação, Deus, a criação*. São Paulo: Paulinas, 1962, pp. 504.

BAKKEN, Peter W., ENGEL, Joan Gibb, ENGEL, J. Ronald. *Ecology, Justice, and Christian Faith: A Critical Guide to the Literature*. Greenwood Press, 1995.

BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. Campinas: Luz Para o Caminho, 1998.

BERKOUWER, 1970.

BOFF, Leonardo. *Ecologia: Grito da Terra, Grito dos pobres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

BROCKELMAN, Paul. WESTFALL, Mary. CARROLL, John Edward. *The Greening of Faith: God, the Environment and the Good Life*. UPNE, 1997.

BRUCE, F. F. *Romanos – introdução e comentário*. Tradução Odayr Olivetti. São Paulo: Vida Nova, 1997, pp. 232.

CALDAS, Carlos. *Orlando Costas: sua contribuição na história da teologia latino-americana*. São Paulo: Vida, 2007.

CALVINO, João. *Romanos*. Tradução Valter Graciano Martins. São Paulo: Paracletos, 2001, pp. 534.

CARRIKER, Timóteo. *Missão integral: uma teologia bíblica*. São Paulo: Sepal, 1992.

CASTRO, Clovis Pinto (org). *Meio ambiente e missão: a responsabilidade ecológica das igrejas*. São Bernardo do Campo: EDITEO, 2003.

CHAMLIN, R.N. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. São Paulo: Candeia, 1995.

COBB, John B. *Is it too late? A theology of ecology*. 1972.

COENEN, Lothar, Brown, Colin. *Dicionário internacional de teologia- v.1*. Tradução de Gordon Cown. São Paulo: Vida Nova, 2000, pp. 1360.

CRANFIELD, C. E. B. *Carta aos Romanos*. Tradução Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulinas, 1992, pp, 356.

DALEY, Brian E. *Origens da escatologia cristã: a esperança da igreja primitiva*. Tradução Paulo D. Siepierski. São Paulo: Paulus, 1994, pp. 352.

DeWITT, Calvin B. *Ecology and Ethics : Relation of Religious Belief to Ecological Practice in the Biblical Tradition*. Madison, WI: Au Sable Institute, 1994.

DIAS, Genebaldo Freire, *Fundamentos da educação ambiental*. Brasília: Universa, 2004.

DIEHL, D. W. apud ELWELL, Walter A. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1990.

ELWELL, Walter A. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1990.

ERICKSON, Millard J. *Introdução à Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

FILHO, João A. de Souza. *Ecologia a luz da Bíblia: deve a igreja exercer uma ação prática no sentido de preservar o meio ambiente?* Florida: Deerfield; São Paulo: Vida, 1992, pp. 94.

GIBELLINI, Rosino. *A teologia do Século XX*. São Paulo: Loyola, 1998.

GILKEY, Langdon. *Maker of heaven and earth : the Christian doctrine of creation in the light of modern knowledge*. Lanham, Maryland: University Press of America, 1985.

GRONINGEN, Gerard Van. *Criação e Consumação: O Reino, a Aliança e o Mediador*. Volume 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

GRUDEN, Wayne. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

JOHNSTON, R. K. apud ELWELL, Walter A. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1990.

HIEBERT, Theodore. *The Yahwist's Landscape: Nature and Religion in Early Israel*. Oxford University Press, 1996.

HENDRIKSEN, Willian. *Romanos: comentário do Novo Testamento*. Tradução Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, pp. 704.

HORTON, Michaels S. *O cristão e a cultura – nem separatismo, nem mundanismo*. Tradução Elizabeth C. Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 1998, pp.206.

LACROIX, MICHEL. *Por uma moral planetária: contra o humanicídio*. São Paulo: Paulinas, 1996.

LADD, Georg E. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução Darci Dusilek e Jussara Marindir P. S. Árias. São Paulo: Hagnos, 2001, pp. 584.

LAND, Richard D. *Earth Is The Lord's: Christians and the Environment*. Baptist Sunday School Board, 1992.

LLOYD-JONES, Dr. Martín. *Romanos – Exposição sobre capítulo 8.17 – 38 – A preservação final dos santos*. Tradução Odayir Olivetti. São Paulo: PES, 2002, pp.591.

LOPES, Augustus N. *Calvino e a responsabilidade social da igreja*. São Paulo: PES, s/data, pp.24.

McDANIEL, Jay B. *Of God and Pelicans: A Theology of Reverence for Life*. Louisville: Westminster/John Knox, 1989.

McGRATH, Alister E. *Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã*. Tradução Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

Missão integral: proclamar o reino de Deus, vivendo o evangelho de Cristo. Viçosa, MG: Ultimato; Belo Horizonte: Visão Mundial, 2004.

MOLTMANN, Jürgen. *Deus na criação: doutrina ecológica da criação*. Petrópolis: Vozes, 1993.

MULLER, Robert. *O nascimento de uma civilização global*. São Paulo: Aquariana, 1993.

NORTHCOTT, Michael S. *The environment and Christian Ethics*. Cambridge University Press, 2004.

PENNA, Carlos Gabaglia. *O estado do planeta: sociedade de consumo e degradação ambiental*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

PENÃ, Juan L. Ruiz de La. *Teologia da criação*. Tradução José A. Ceschin. São Paulo: Loyola, 1989, pp.245.

PITCHER, Alvin. *Listen to the Crying of the Earth: Cultivating Creation Communities*. Pilgrim Press, 1993.

RAVEN, Peter H. *Religion And the New Ecology: Environmental Responsibility in a World in Flux*. University of Notre Dame Press, 2006.

REY, Bernard. *Nova criação em Cristo no pensamento de Paulo*. Tradução Atiço Rubini. São Paulo: Academia Cristã Ltda., 2005, pp.325.

RIDDERBOS, Herman. *A teologia do apóstolo Paulo: A obra definitiva sobre o pensamento do apóstolo aos gentios*. Tradução Suzana Klassen. Cultura Cristã, 2003, pp. 687.

RUETHER, Rosemary R. *Gaia and God: An Ecofeminist Theology of Earth Healing*. Harper San Francisco: Reprint edition, 1994.

SCHARPER, Stephen Bede. *Redeeming the Time: A Political Theology of the Environment*. New York: Continuum, 1998.

SCHAEFFER, Francis A. *Poluição e a morte do homem – a resposta cristã à depredação humana do jardim de Deus*. Tradução Sachudeo Persaud. São Paulo: Cultura cristã, 2003, pp.95.

SCHAEFFER, Francis A. *A obra consumada de Cristo – A verdade de Romanos 1 – 8*. Tradução Gabrielle Greggersen Bretzke. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, pp. 255.

SHEDD, Dr. Russell P. *A escatologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1991, pp. 70.

SCHELKLE, Karl Hermann. *Teologia do Novo Testamento: a criação, o mundo, o tempo, o homem*. São Paulo: Loyola, 1978, pp. 281.

SCHNUCKER, R. V. apud ELWELL, Walter A. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1990.

SORRELL, Roger D. *St. Francis of Assisi and Nature: Tradition and Innovation in Western Christian Attitudes toward the Environment*. Oxford University Press, 1988.

SMITH, Ralph L. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2001.

STTOT, John. *Romanos*. Tradução Sileda e Marcos D. S. Steuernagel. São Paulo: ABU, 2000, pp. 528.

SUSIN, Luiz Carlos. *A criação de Deus*. São Paulo: Paulinas; Valência: Siquem, , 2003.

VEITH, Gene Edward Jr. *Tempos pós-modernos: uma avaliação cristã do pensamento e da cultura da nossa época*. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

WESBTER, D. D. apud ELWELL, Walter A. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1990.

WIESES, Werner. *Dimensões da expectativa e esperança escatológica: Uma análise exegética de Romanos 8.18 – 27*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2004, pp. 414.

Sites

BOFF, Leonardo. Textos disponíveis em <<http://www.leonardoboff.com>>. Acesso em 20/05/2007.

[HTTP://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta_terra.doc](http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta_terra.doc). Acesso em 12/12/2007.

RIBEIRO, Mario. Ensaios: Dicionário bibliográfico regional do Brasil. 2002. Disponível em <<http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.phtml?cod=2247&cat=Ensaios&vinda=S>> Acesso em: 25.08.2007.

STEIGER, Frank. Segunda lei da termodinâmica, evolução e probabilidade. 1997. Traduzido por: Roberto Mitsuo Takata. Disponível em, <<http://str.com.br/Scientia/segunda.htm>> - Acesso em: 03/12/2007.

Revistas

Revista memória e caminhada: Programa de Pesquisa e Documentação das Comunidades Eclesiais de Base. N. 1 (dezembro), Brasília: Universa, 2003.

Revista Estudos Bíblicos Didaquê: O chamado à Santidade. N. 58 (abril) Belo Horizonte: Betânia, 2002.

REGA, Lourenço Stelio. *Revista teológica: a ética ecológica no.11*. Seminário Teológico do Sul do Brasil, 1992.

NETO, Christiano P. da Silva. *Revista teológica no. 11 – artigo: ecologia e realidade*. Seminário Teológico do Sul do Brasil, 1992.

ANEXOS

Anexo1

As raízes históricas da nossa crise ecológica

Lynn White, Jr

Uma conversa com Aldous Huxley não sem frequência coloca qualquer um como o receptor de um monólogo inesquecível. Cerca de um ano antes da sua lamentável morte, ele estava discursando sobre um de seus tópicos favoritos: o tratamento antinatural do homem em relação à natureza e seus tristes resultados. Para ilustrar seu ponto de vista ele contou como, durante o verão anterior, retomou a um pequeno vale na Inglaterra onde havia passado muitos meses felizes quando criança. Antes era formado por encantadoras clareiras gramadas; agora estava se tornando coberto de moitas desagradáveis, pois os coelhos que antigamente mantinham tal crescimento sob controle tinham sucumbido em grande escala devido a uma doença, *myxomatosis*, que foi introduzida deliberadamente pelos fazendeiros locais para reduzir a destruição das colheitas pelos coelhos. Sendo um pouco indelicado, eu não poderia manter o silêncio, até mesmo no interesse de uma grande retórica. Eu o interrompi para mencionar que o próprio coelho tinha sido trazido como um animal doméstico para a Inglaterra em 1176, presumivelmente para melhorar a dieta de proteína dos camponeses.

Todas as formas de vida modificam seus contextos. O exemplo mais espetacular e benigno é indubitavelmente o pólipó de coral. Servindo seus próprios fins, ele tem criado um vasto mundo submarino favorável para milhares de outros

tipos de animais e plantas. Desde o momento que o homem se tornou uma espécie numerosa, ele tem afetado seu próprio meio ambiente notavelmente. A hipótese de que seu método de caçar utilizando fogo criou os grandes gramados do mundo e ajudou a exterminar os monstros mamíferos do Pleistoceno de muitas partes do globo é plausível, ainda que não provada. Durante seis milênios pelo menos, as margens do baixo Nilo foram mais um artefato humano do que uma selva africana pantanosa a qual a natureza, sem o homem, teria feito. A barragem Aswan, inundando 5.000 milhas quadradas (13.000 km²), é apenas a fase mais recente de um longo processo. Em muitas regiões a terraplenagem ou irrigação, pastoreio demasiado, o derrubamento de florestas por romanos a fim de construir navios para lutar contra os cartagineses ou por cruzados para resolver os problemas logísticos das suas expedições têm mudado profundamente algumas ecologias. A observação que a paisagem francesa se classifica em dois tipos básicos, os campos abertos do norte e o *bocage* do sul e ocidental, inspiraram Marc Bloch a empreender seu estudo clássico de métodos agrícolas medievais. Bastante não intencionalmente, mudanças de modos humanos afetam freqüentemente a natureza não-humana. Foi observado, por exemplo, que o advento do automóvel eliminou grandes bandos de pardais que se alimentavam do estrume de cavalo em cada rua.

A história da mudança ecológica é ainda tão rudimentar que nós sabemos pouco sobre o que realmente aconteceu, ou quais foram os resultados. A extinção do auroque europeu por volta de 1627 poderia parecer ter sido um caso simples de caça demasiado entusiástica. Em assuntos mais intrincados é freqüente encontrar impossível encontrar informação sólida. Durante mil anos ou mais os frísios e os holandeses foram empurrados de volta para o Mar do Norte, e o processo está

culminando em nossos dias na reivindicação do Zuider Zee. E se, por acaso, algumas espécies de animais, pássaros, peixes, vida litorânea ou plantas desapareceram no processo? Em seu combate épico com Netuno, será que os holandeses negligenciaram valores ecológicos de tal maneira que a qualidade de vida humana nos Países Baixos sofreu? Eu não consigo descobrir se as perguntas alguma vez foram feitas, muito menos se foram respondidas.

As pessoas, então, tem sido freqüentemente um elemento dinâmico no próprio ambiente delas, mas, no estado presente de erudição histórica, nós normalmente não sabemos exatamente quando, onde, ou com que efeitos as mudanças induzi das pelo homem vieram. Ao entrarmos no último terço do século 20, contudo, o interesse para o problema do retorno ecológico está aumentando rapidamente. A ciência natural, concebida como o esforço para compreender a natureza das coisas, tinha florescido em várias eras e entre vários povos. Semelhantemente, tinha havido um acúmulo antigo de habilidades tecnológicas, às vezes crescendo rapidamente, às vezes lentamente. Mas, não foi até aproximadamente quatro gerações que a Europa Ocidental e a América do Norte organizaram um casamento entre a ciência e a tecnologia, uma união de abordagens teóricas e empíricas do nosso ambiente natural. O aparecimento da difundida prática do credo baconiano de que o conhecimento científico significa poder tecnológico sobre a natureza dificilmente pode ser datado de antes de cerca de 1850, salvo nas indústrias químicas, onde foi antecipado no século 18. Sua aceitação como um padrão normal de ação pode marcar o maior evento na história humana desde a invenção da agricultura, e talvez na história terrestre não-humana também.

Quase imediatamente a nova situação forçou a cristalização do conceito recente de ecologia; na verdade, a palavra *ecologia* apareceu pela primeira vez na língua inglesa em 1873. Hoje, menos de um século depois, o impacto de nossa raça no meio ambiente aumentou tanto em força que mudou em essência. Quando os primeiros canhões foram acionados, no início do século 14, eles afetaram a ecologia ao enviar trabalhadores para explorar as florestas e montanhas para mais potássio, enxofre, minério de ferro e carvão, com alguma erosão e desmatamento resultantes. Bombas de hidrogênio são de uma ordem diferente: uma guerra feita com elas poderia alterar a genética de toda a vida neste planeta. Por volta de 1285 surgia em Londres um problema de fumaça da queima de carvão, mas nossa combustão presente de combustíveis fósseis ameaça modificar a química da atmosfera do globo como um todo, com consequências que apenas estamos começando a adivinhar. Com a explosão de população, o câncer do urbanismo sem planejamento, os atuais depósitos geológicos de esgoto e lixo, seguramente nenhuma outra criatura além do homem alguma vez conseguiu emporcalhar tanto seu ninho num tempo tão curto.

Há muitos chamados à ação, mas propostas específicas, por mais merecedoras que sejam como ações individuais, parecem muito parciais, paliativas, negativas: proíba a bomba, arranquem os *outdoors*, dêem aos hindus anticoncepcionais e digam a eles que comam suas vacas sagradas. Naturalmente, a solução mais simples para qualquer mudança suspeita é pará-la, ou, melhor ainda, revertê-la para um passado romantizado: faça esses postos de gasolina feios parecerem como a cabana de Anne Hathaway ou (no velho Oeste) como bares de cidades fantasmas. A mentalidade da "área selvagem" invariavelmente defende o

congelamento de uma ecologia, quer San Gimignano ou a High Sierra, como era antes que o primeiro lenço de papel fosse jogado ao chão. Mas nem atavismo nem embelezamento enfrentarão em igualdade de condições a crise ecológica do nosso tempo.

O que nós faremos? Ninguém sabe ainda. A menos que pensemos em coisas fundamentais, nossas medidas específicas podem produzir revoltas novas mais sérias que aquelas as quais são projetadas para curar.

Como um começo, nós devemos tentar esclarecer nosso pensamento por meio da observação, em alguma profundidade histórica, das pressuposições que estão por baixo da tecnologia e da ciência moderna. A ciência era tradicionalmente aristocrática, especulativa, o intelectual em intenção; a tecnologia era de categoria inferior, empírica, orientada à ação. A fusão súbita destas duas, em meados do século 19, seguramente é relacionada à um pouco anterior e contemporânea revolução democrática que, reduzindo barreiras sociais, tendeu a afirmar uma unidade funcional de cérebro e mão. Nossa crise ecológica é o produto de uma emergente e totalmente moderna cultura democrática. A questão é se um mundo democratizado pode sobreviver às suas próprias implicações. Presumivelmente nós não podemos, a menos que repensemos nossos axiomas.

As Tradições Ocidentais de Tecnologia e Ciência

Uma coisa é tão óbvia que parece estúpido verbalizá-la: tanto a tecnologia quanto a ciência moderna são distintamente *ocidentais*. Nossa tecnologia absorveu elementos do mundo inteiro, notavelmente da China; contudo, em todos lugares

hoje, quer no Japão quer na Nigéria, a tecnologia próspera é ocidental. Nossa ciência é herdeira de todas as ciências do passado, especialmente talvez do trabalho dos grandes cientistas islâmicos da Idade Média que tão freqüentemente excederam os gregos antigos em habilidade e perspicácia: al-Razi na Medicina, por exemplo; ou ibnal-Haytham na Óptica; ou Ornar Khayyam na Matemática. Deveras, não poucos trabalhos de tais gênios parecem ter desaparecido no árabe original e sobrevivido somente em traduções latinas medievais, que' ajudaram a colocar os alicerces para desenvolvimentos ocidentais posteriores. Hoje, ao redor do globo, toda ciência significativa é ocidental em estilo e método, qualquer que seja a pigmentação ou idioma dos cientistas.

Um segundo par de fatos é menos bem reconhecido, porque eles são o resultado de erudição histórica bem recente. A liderança do Ocidente, tanto em tecnologia como em ciência, é de longe mais antiga que a assim chamada Revolução Científica do século 17 ou a assim chamada Revolução Industrial do século 18. Estes termos estão na realidade antiquados e obscurecem a verdadeira natureza do que eles tentam descrever - etapas significativas em dois desenvolvimentos longos e separados. Por volta de 1000 d.C. no máximo - e talvez, debilmente, até 200 anos mais cedo - o Ocidente começou a aplicar a força da água a processos industriais além do moer de grãos. Isto foi seguido no final do século 12 pelo trabalho por meio da força do vento. De começos simples, mas com notável consistência de estilo, o Ocidente ampliou rapidamente suas habilidades no desenvolvimento de maquinaria de força, aparelhos poupadores de trabalho e automatização. Aqueles que duvidam deveriam contemplar a mais monumental realização na história da automatização: o relógio mecânico movido por peso que

apareceu em duas formas no início do século 14. Não em habilidade, mas em capacidade tecnológica básica, o Ocidente latino da Alta Idade Média ultrapassou suas culturas inl1ãs elaboradas, sofisticadas, e esteticamente magníficas, de Bizâncio e do Islã. Em 1444 um grande eclesiástico grego, Bessarion, que tinha ido para a Itália, escreveu uma carta a um príncipe na Grécia. Ele estava impressionado com a superioridade de navios, armas, tecidos, vidros ocidentais. Mas acima de tudo ele estava pasmo pelo espetáculo da roda d'água serrando madeiras e bombeando os foles de fornos. Claramente, ele não havia visto nada parecido no Oriente Próximo.

Ao final do século 15, a superioridade tecnológica da Europa era tal que suas nações pequenas, mutuamente hostis, podiam partir para cima de todo o resto do mundo, conquistando, pilhando e colonizando. O símbolo desta superioridade tecnológica é o fato de que Portugal, um dos mais fracos estados do Ocidente, pôde se tornar, e penl1anecer durante um século, soberano da Índia. E temos de nos lembrar que a tecnologia de Vasco da Gama e Albuquerque foi construída por puro empirismo, tirando notavelmente pouco apoio ou inspiração da ciência.

Na compreensão vernácula atual, a ciência moderna supostamente começou em 1543, quando tanto Copérnico quanto Vesalius publicaram as suas obras mais importantes. Não é diminuição das suas realizações, de forma alguma, salientar que estruturas tais como *De Fabrica* e *De Revolutionibus* não surgem da noite para o dia. A tradição ocidental distinta da ciência, na realidade, iniciou-se no final do século II com um volumoso movimento de traduções de obras científicas árabes e gregas para o latim. Alguns livros notáveis - Theophrastus, por exemplo, escaparam do novo apetite ávido do Ocidente pela ciência, mas, em menos de 200 anos o

corpo inteiro da ciência grega e muçulmana estava disponível em latim, e estava sendo avidamente estudado e criticado nas novas universidades européias. Da crítica surgiram novas observações, especulações e desconfiança crescente de autoridades antigas. Por volta do final do século 13, a Europa tinha tomado a liderança científica global das mãos trêmulas do Islã. Seria tão absurdo negar a profunda originalidade de Newton, Galileu e Copérnico quanto negar aquela dos cientistas escolásticos do século 14 como Buridan ou Oresme sobre cujos trabalhos eles construíram. Antes do século II, a ciência mal existia no Ocidente latino, até mesmo em tempos romanos. Do século II em diante, o setor científico da cultura ocidental cresceu num ritmo constante.

Visto que nossos movimentos tanto tecnológicos quanto científicos conseguiram seu começo, adquiriram seu caráter, e alcançaram domínio mundial na Idade Média, pareceria que nós não podemos compreender a sua natureza ou o seu impacto presente na ecologia sem examinar suposições e desenvolvimentos medievais fundamentais.

A Visão Medieval do Homem e da Natureza

Até recentemente, a agricultura tem sido a ocupação principal mesmo em sociedades "avançadas"; conseqüentemente, qualquer mudança em métodos de lavoura tem muita importância. Arados antigos, puxados por dois bois, normalmente não viravam o terreno, mas apenas o deixavam riscado. Conseqüentemente, o lavrar cruzado foi necessário e campos tenderam a ser mais ou menos quadrados. Nas terras bastante leves e climas semi-áridos do Oriente Próximo e do

Mediterrâneo, isto funcionou bem. Mas um arado deste tipo era impróprio ao clima úmido e terras freqüentemente baixas do norte da Europa. Por volta do final do século 7 d.C., porém, seguindo começos obscuros, alguns camponeses do norte estavam usando um tipo completamente novo de arado, equipado com uma faca vertical para cortar a linha do sulco, uma lâmina de arado horizontal para fatiar debaixo do gramado, e uma aiveca para virá-lo. A fricção deste arado com a terra era tão grande que geralmente necessitava não de dois, mas de oito bois. Atingia a terra com tanta violência que arar a terra de forma cruzada não era necessário, e campos tenderam a ser amoldados em tiras longas.

Na época do arado de arranhar, campos eram distribuídos geralmente em unidades capazes de apoiar uma única família. Agricultura de subsistência era a pressuposição. Mas nenhum camponês possuía oito bois: para usar o arado novo e mais eficiente, os camponeses agrupavam os seus bois para formar equipes de arado grandes, recebendo originalmente (como poderia parecer) trechos arados em proporção à contribuição deles. Assim, a distribuição de terra não era mais baseada nas necessidades de uma família, mas antes na capacidade de uma máquina motora para cultivar a terra. A relação do homem para com a terra ficou profundamente modificada. Antigamente o homem fazia parte da natureza; agora ele era o explorador da natureza. Em nenhuma outra parte do mundo os fazendeiros desenvolveram qualquer instrumento agrícola análogo. Será que é coincidência que a tecnologia moderna, com sua falta de piedade em relação à natureza, tenha sido produzida tão grandemente por descendentes destes camponeses do norte da Europa?

Esta mesma atitude exploradora aparece ligeiramente antes de 830 d.C. nos

calendários ilustrados ocidentais. Em calendários mais antigos, os meses eram mostrados como personificações passivas. Os novos calendários frâncicos, que estabelecem o estilo durante a Idade Média, são bem diferentes: mostram homens coagindo o mundo ao redor deles - lavrando, fazendo colheita, cortando árvores, abatendo porcos. O homem e a natureza são duas coisas, e o homem é o senhor.

Estas novidades parecem estar em harmonia com padrões intelectuais maiores. O que as pessoas fazem sobre a ecologia delas depende do que pensam em relação a coisas ao redor delas. A ecologia humana é profundamente condicionada por meio de convicções sobre a nossa natureza e destino - isto é, pela religião. Aos olhos ocidentais isto é bastante evidente, digamos, na Índia ou no Ceilão. É igualmente verdadeiro de nós mesmos e dos nossos antepassados medievais.

A vitória do Cristianismo sobre o paganismo foi a maior revolução psíquica na história de nossa cultura. Tem se tomado moda hoje dizer que, para melhor ou para pior, nós vivemos na "era pós-cristã". Certamente as formas do nosso pensamento e linguagem deixaram em grande medida de ser cristãs, mas a meu ver a substância muitas vezes permanece incrivelmente semelhante àquela do passado. Por exemplo, nossos hábitos diários de agir são dominados por uma fé cega em um progresso perpétuo que era desconhecido para a antigüidade greco-romana ou para o Oriente. Está arraigado na, e é indefensável à parte da teleologia judaico-cristã. O fato de que os comunistas compartilham disto somente ajuda a mostrar o que pode ser demonstrado em muitas outras áreas: que O Marxismo, como o Islã, é uma heresia judaico-cristã. Nós continuamos hoje a viver, como nós vivemos durante aproximadamente 1700 anos, grande mente num contexto de axiomas cristãos.

O que o Cristianismo disse para as pessoas sobre as suas relações com o meio ambiente?

Enquanto muitas das mitologias do mundo provêm histórias de criação, a mitologia greco-romana era singularmente incoerente neste respeito. Como Aristóteles, os intelectuais do antigo Ocidente negaram que o mundo visível tivesse tido um começo. Realmente, a idéia de um começo era impossível na estrutura da noção cíclica deles sobre o tempo. Em contraste agudo, o Cristianismo herdou do Judaísmo não somente um conceito de tempo como não repetitivo e linear, mas também uma história notável de criação. Em etapas graduais, um Deus amável e todo-poderoso havia criado luz e escuridão, os corpos celestes, a terra e todas suas plantas, animais, pássaros e peixes. Finalmente, Deus havia criado Adão e, mais tarde, Eva, para impedir o homem de estar só. O homem deu nome a todos os animais, desta forma estabelecendo seu domínio sobre eles. Deus planejou tudo isto explicitamente para o governo e benefício do homem: nenhum item na criação física tinha qualquer propósito a não ser de servir os propósitos do homem. E, embora o corpo do homem tenha sido feito de barro, ele não faz simplesmente parte da natureza: ele foi feito à imagem de Deus.

Especialmente em sua forma ocidental, o Cristianismo é a religião mais antropocêntrica que o mundo já viu. Já no século segundo, tanto Tertuliano quanto São Irineu de Lyons, estavam insistindo que, quando Deus formou Adão, ele estava pressagiando a imagem do Cristo encarnado, o Segundo Adão. O homem compartilha, em grande medida, a transcendência de Deus sobre a natureza. O Cristianismo, em contraste absoluto ao paganismo antigo e as religiões da Ásia (exceto, talvez, o Zoroastrismo), não apenas estabeleceu um dualismo do homem e

da natureza, mas também insistiu que é a vontade de Deus que o homem explore a natureza para seus próprios fins.

Ao nível das pessoas comuns, isto funcionou de uma maneira interessante. Na Antigüidade cada árvore, cada fonte, cada ribeiro, cada colina tinha seu próprio *genius loci*, seu espírito guardião. Estes espíritos eram acessíveis aos homens, mas eram muito distintos dos homens; centauros, faunos e sereias mostram a ambivalência deles. Antes de se cortar uma árvore, minar uma montanha, ou represar um riacho, era importante conciliar o espírito encarregado daquela situação em particular, e mantê-la aplacado. Destruindo o animismo pagão, o Cristianismo tornou possível a exploração da natureza em uma disposição de indiferença para com os sentimentos de objetos naturais.

É dito freqüentemente que a Igreja substituiu o animismo pelo culto de santos. Verdadeiro; mas o culto de santos é funcionalmente bastante diferente do animismo. O santo não está em objetos naturais; ele pode ter santuários especiais, mas a cidadania dele é no céu. Além disso, um santo é completamente um homem; ele pode ser abordado em condições humanas. Além dos santos, o Cristianismo naturalmente tinha também anjos e demônios herdados de Judaísmo e talvez, em uma transferência, do Zoroastrismo. Mas estes eram todos tão móveis quanto os próprios santos. Os espíritos em objetos naturais que antigamente mantinham a natureza protegida do homem evaporaram. O monopólio efetivo do homem sobre o espírito neste mundo foi confinado, e as velhas inibições em relação à exploração da natureza foi esmigalhada.

Quando se fala em termos assim extensos, uma nota de precaução é necessária. O Cristianismo é uma fé complexa, e suas conseqüências diferem em

contextos discrepantes. O que eu disse pode bem se aplicar ao Ocidente medieval, onde de fato a tecnologia fez avanços espetaculares. Mas o Oriente grego, um campo altamente civilizado de devoção cristã semelhante, parece não ter produzido nenhuma inovação tecnológica distinta depois do final do século sétimo, quando o fogo grego foi inventado. A chave para o contraste pode ser encontrada talvez numa diferença na tonalidade de devoção e pensamento que os estudiosos de teologia comparativa encontram entre as Igrejas, grega e latina. Os gregos acreditavam que o pecado era cegueira intelectual, e que a salvação era encontrada na iluminação, ortodoxia - isso é, no pensamento claro. Por outro lado, os latinos achavam que o pecado era maldade moral, e que a salvação seria encontrada na conduta apropriada. A teologia oriental tem sido intelectualista. A teologia ocidental tem sido voluntarista. O santo grego contempla; os santos ocidentais agem. As implicações do Cristianismo para a conquista da natureza emergiriam mais facilmente na atmosfera ocidental.

O dogma cristão da criação, que é encontrado na primeira cláusula de todos os Credos, tem outro significado para nossa compreensão da crise ecológica de hoje. Pela revelação, Deus deu ao homem a Bíblia, o Livro da Escritura. Mas visto que Deus criou a natureza, a natureza também tem de revelar a mentalidade divina. O estudo religioso da natureza para uma compreensão melhor de Deus era conhecido como teologia natural. Na Igreja Primitiva, e sempre no Oriente grego, a natureza era concebida principalmente como um sistema simbólico pelo qual Deus fala com os homens: a formiga é um sermão à pessoa preguiçosa; chamuscas ascendentes são o símbolo da aspiração da alma. Esta visão da natureza era essencialmente artística ao invés de científica. Enquanto o bizantino preservou e

copiou grande número de textos gregos antigos científicos, a ciência como nós concebemos dificilmente poderia florescer num ambiente deste tipo.

Porém, no Ocidente latino, por volta do início do século 13, a teologia natural estava seguindo uma curva muito diferente. Estava deixando de ser a decodificação dos símbolos físicos da comunicação de Deus com o homem e estava se tornando o esforço para compreender a mente de Deus por meio da descoberta de como funciona sua criação. O arco-íris não era mais simplesmente um símbolo de esperança enviado primeiro a Noé após o Dilúvio: Robert Grosseteste, o frade Roger Bacon, e Theodoric de Freiberg produziram obras de modo surpreendente sofisticadas na óptica do arco-íris, mas eles fizeram isto como uma aventura na compreensão religiosa. Do século 13 em diante, até (e incluindo) Leibnitz e Newton, todo grande cientista, com efeito, explicou suas motivações em termos religiosos. De fato, se Galileu não tivesse sido um tão especialista teólogo amador ele não teria tido tantos problemas: os profissionais se ressentiram de sua intrusão. E Newton parece ter se considerado mais como um teólogo que como um cientista. Não foi até o final século 18 que a hipótese de Deus se tomou desnecessária a muitos cientistas.

É muitas vezes difícil para o historiador julgar, quando os homens explicam por que estão fazendo o que eles querem fazer, quer seja oferecendo razões concretas ou meras razões culturalmente aceitáveis. A consistência com que os cientistas durante os longos séculos formativos da ciência ocidental diziam que a tarefa e a recompensa do cientista eram de "pensar os pensamentos de Deus lhe seguindo" conduz à crença de que esta era a motivação verdadeira deles. Nesse caso, então, a ciência ocidental moderna foi lançada numa matriz de teologia cristã.

O dinamismo de devoção religiosa, amoldado pelo dogma de criação judaico-cristão, deu ímpeto a ela.

Uma Visão Cristã Alternativa

Nós pareceríamos ser conduzidos a conclusões intragáveis a muitos cristãos. Considerando que tanto ciência quanto tecnologia são palavras consagradas em nosso vocabulário contemporâneo, alguns podem estar contentes com as noções, primeiro, que, vista historicamente, a ciência moderna é uma extrapolação da teologia natural e, segundo, que a tecnologia moderna pode pelo menos em parte ser explicada como uma voluntarista realização ocidental do dogma cristão em relação à transcendência, e domínio legítimo, do homem sobre a natureza. Mas, como agora reconhecemos, há pouco mais de um século a ciência e a tecnologia - até aqui atividades bastante separadas - se uniram para dar ao homem poder que, julgando muitos dos efeitos, é descontrolado. Nesse caso, o Cristianismo carrega um fardo enorme de culpa.

Eu pessoalmente duvido que a reação ecológica desastrosa possa ser evitada simplesmente aplicando a nossos problemas mais ciência e mais tecnologia. Nossa ciência e tecnologia cresceram por causa das atitudes cristãs concernentes à relação do homem para com a natureza, as quais são quase mantidas universalmente não apenas pelos cristãos e neocristãos, mas também por aqueles que piamente se referem a si mesmos como pós-cristãos. Apesar de Copérnico, todo o cosmo gira em torno do nosso pequeno globo. Apesar de Darwin, nós *não* somos, em nossos corações, parte do processo natural. Nós somos superiores à na-

tureza, desdenhosos a ela, prontos para usá-la para nosso mais leve capricho. O governador recentemente eleito da Califórnia, um homem de Igreja como eu, mas menos preocupado, falou pela tradição cristã quando disse (como é alegado) que "quando você vê uma sequóia, você vê todas". Para um cristão, uma árvore pode ser não mais que um fato físico. Todo o conceito de bosque sagrado é estranho ao Cristianismo e para as crenças do Ocidente. Por quase dois milênios, missionários cristãos têm derrubado bosques sagrados, que são idólatras porque eles assumem espírito na natureza.

O que nós fazemos sobre ecologia depende de nossas idéias sobre a relação do homem com a natureza. Mais ciência e mais tecnologia não vão nos tirar da crise ecológica atual até que nós encontremos uma religião nova, ou repensemos nossa antiga. Os *beatniks*, que são os revolucionários básicos do nosso tempo, demonstram um instinto firme na sua afinidade pelo Zen Budismo, o qual concebe a relação do homem com a natureza bem aproximadamente como a imagem espelhada da visão cristã. Porém, o Zen está tão profundamente condicionado pela história asiática quanto o Cristianismo está pela experiência do Ocidente, e eu sou duvidoso da sua viabilidade entre nós.

Possivelmente nós deveríamos ponderar o maior radical na História cristã desde Cristo: São Francisco de Assis. O milagre principal de São Francisco é o fato de que ele não terminou na estaca, como muitos dos seus seguidores de esquerda fizeram. Ele era tão claramente herético que um general da ordem franciscana, São Boaventura, um grande e perceptivo cristão, tentou suprimir os primeiros relatos do franciscanismo. A chave para uma compreensão de Francisco é a sua convicção na virtude da humildade - não somente para o indivíduo, mas para o homem como uma

espécie. Francisco tentou depor o homem da sua monarquia acima da criação e estabelecer uma democracia de todas as criaturas de Deus. Com ele, a formiga não é mais simplesmente um sermão para o preguiçoso, e as chamas um sinal do confiança da alma em relação à união com Deus; agora eles são Irmã Formiga e Irmão Fogo, louvando ao Criador em suas próprias maneiras como o Irmão Homem faz na sua.

Comentaristas posteriores disseram que Francisco pregava para os pássaros como uma repreensão para os homens que não escutavam. Os registros não ensinam assim: ele estimulou os pequenos pássaros a elogiarem a Deus, e em êxtase espiritual eles agitaram as suas asas e gorjearam, em regozijo. Lendas de santos, especialmente os santos irlandeses, há muito tempo contavam dos procedimentos deles com animais, mas sempre, eu acredito, para salientar seu domínio humano sobre as criaturas. Com Francisco é diferente. A terra ao redor de Gubbio nos Apeninos estava sendo saqueada por um lobo feroz. São Francisco, diz a lenda, conversou com o lobo e o persuadiu do seu caminho errado. O lobo se arrependeu, morreu na sombra da santidade, e foi enterrado em solo consagrado.

O que Sir Steven Runciman chama de "doutrina franciscana da alma animal" foi rapidamente erradicada. Bem possivelmente era em parte inspirada, consciente ou inconscientemente, pela convicção em reencarnação mantida pelos hereges de Catar que naquele momento abundavam na Itália e na França sulista, e que presumivelmente havia se originado na Índia. É significativo que naquele mesmo momento, aproximadamente no ano 1.200, rastros de metempsicose são encontrados também no Judaísmo ocidental, na *Cabala* provençal. Mas Francisco não se prendeu nem a transmigração de almas nem ao panteísmo. A sua visão da

natureza e do homem baseou-se num tipo sem igual de *pan-psiquismo* de todas as coisas animadas e inanimadas, projetadas para a glorificação do seu Criador transcendente que, no último gesto de humildade cósmica, assumiu a forma de carne, se deitou desamparado em uma manjedoura, e morreu pendurado num madeiro.

Eu não estou sugerindo que muitos americanos contemporâneos que se preocupam com a nossa crise ecológica serão capazes ou aptos a se conciliar com lobos ou a exortar pássaros. Contudo, o atual rompimento crescente do ambiente global é o produto de tecnologia e ciência dinâmicas que se originaram no mundo medieval Ocidental e contra as quais São Francisco estava se rebelando de maneira tão original. O crescimento delas não pode ser entendido historicamente à parte de atitudes distintas para com a natureza, fundamentadas profundamente em dogmas cristãos. O fato de que a maioria das pessoas não pensa nestas atitudes como cristãs é irrelevante. Nenhum novo conjunto de valores básicos foi aceito em nossa sociedade para substituir aqueles do Cristianismo. Conseqüentemente, nós continuaremos a ter uma crise ecológica piorando até que rejeitemos o axioma cristão de que a natureza não tem nenhuma razão para sua existência, salvo servir o homem.

O maior revolucionário espiritual na história ocidental, São Francisco, propôs o que ele pensou ser uma visão cristã alternativa da natureza e da relação do homem para com ela: ele tentou substituir a idéia do governo ilimitado do homem em relação à criação pela idéia da igualdade de todas as criaturas, inclusive o homem. Ele falhou. Tanto nossa ciência atual quanto nossa tecnologia presente são tão impregnadas com tal arrogância cristã ortodoxa em relação à natureza que nenhuma

solução para nossa crise ecológica pode ser esperada delas apenas. Visto que as raízes da nossa dificuldade são tão largamente religiosas, o remédio também deve ser essencialmente religioso, quer o chamemos assim ou não. Nós temos de repensar e ter uma nova percepção de nossa natureza e destino. O sentido dos franciscanos primitivos, profundamente religioso, porém herético, para a autonomia espiritual de todas as partes da natureza pode indicar uma direção. Eu proponho Francisco como um padroeiro para os ecólogos⁴⁶.

⁴⁶ Texto extraído do livro “Poluição e a morte do homem” de Francis Schaeffer, anexo A, das páginas 65 a 77.

Anexo 2

A carta da terra

Preâmbulo

Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro. À medida que o mundo torna-se cada vez mais interdependente e frágil, o futuro enfrenta, ao mesmo tempo, grandes perigos e grandes promessas. Para seguir adiante, temos que reconhecer que no meio da uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz. Para chegar a este propósito, é imperativo que, nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade da vida, e com as futuras gerações.

A Terra, Nosso Lar

A humanidade é parte de um vasto universo em evolução. A Terra, nosso lar, está viva com uma comunidade de vida única. As forças da natureza fazem da existência uma aventura exigente e incerta, mas a Terra providenciou as condições essenciais para a evolução da vida. A capacidade de recuperação da comunidade da vida e o bem-estar da humanidade dependem da preservação de uma biosfera saudável com

seus sistemas ecológicos, uma rica variedade de plantas e animais, solos férteis, águas puras e ar limpo. O meio ambiente global com seus recursos finitos é uma preocupação comum de todas as pessoas. A proteção da vitalidade, diversidade e beleza da Terra é um dever sagrado.

A Situação Global

Os padrões dominantes de produção e consumo estão causando devastação ambiental, redução dos recursos e uma massiva extinção de espécies. Comunidades estão sendo arruinadas. Os benefícios do desenvolvimento não estão sendo divididos equitativamente e o fosso entre ricos e pobres está aumentando. A injustiça, a pobreza, a ignorância e os conflitos violentos têm aumentado e é causa de grande sofrimento. O crescimento sem precedentes da população humana tem sobrecarregado os sistemas ecológico e social. As bases da segurança global estão ameaçadas. Essas tendências são perigosas, mas não inevitáveis.

Desafios Para o Futuro

A escolha é nossa: formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros, ou arriscar a nossa destruição e a da diversidade da vida. São necessárias mudanças fundamentais dos nossos valores, instituições e modos de vida. Devemos entender que quando as necessidades básicas forem atingidas, o desenvolvimento humano é primariamente ser mais, não, ter mais. Temos o conhecimento e a tecnologia para abastecer a todos e reduzir nossos impactos ao meio ambiente. O

aparecimento de uma sociedade civil global está criando novas oportunidades para construir um mundo democrático e humano. Nossos desafios, ambientais, econômicos, políticos, sociais e espirituais estão interligados, e juntos podemos forjar soluções includentes.

Responsabilidade Universal

Para realizar estas aspirações devemos decidir viver com um sentido de responsabilidade universal, identificando-nos com toda a comunidade terrestre bem como com nossa comunidade local. Somos ao mesmo tempo cidadãos de nações diferentes e de um mundo no qual, a dimensão local e global estão ligadas. Cada um comparte responsabilidade pelo presente e pelo futuro, pelo bem estar da família humana e do grande mundo dos seres vivos. O espírito de solidariedade humana e de parentesco com toda a vida é fortalecido quando vivemos com reverência o mistério da existência, com gratidão pelo presente da vida, e com humildade considerando o lugar que ocupa o ser humano na natureza.

Necessitamos com urgência de uma visão de valores básicos para proporcionar um fundamento ético à emergente comunidade mundial. Portanto, juntos na esperança, afirmamos os seguintes princípios, todos interdependentes, visando um modo de vida sustentável como critério comum, através dos quais a conduta de todos os indivíduos, organizações, empresas de negócios, governos, e instituições transnacionais será guiada e avaliada.

PRINCÍPIOS:**I. RESPEITAR E CUIDAR DA COMUNIDADE DE VIDA****1. Respeitar a Terra e a vida em toda sua diversidade.**

- a. Reconhecer que todos os seres são interligados e cada forma de vida tem valor, independentemente do uso humano.
- b. Afirmar a fé na dignidade inerente de todos os seres e no potencial intelectual, artístico, ético e espiritual da humanidade.

2. Cuidar da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor.

- a. Aceitar que com o direito de possuir, administrar e usar os recursos naturais vem o dever de impedir o dano causado ao meio ambiente e de proteger o direito das pessoas.
- b. Afirmar que, o aumento da liberdade, dos conhecimentos e do poder comporta responsabilidade na promoção do bem comum.

3. Construir sociedades democráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas.

- a. Assegurar que as comunidades em todos níveis garantam os direitos humanos e as liberdades fundamentais e dar a cada a oportunidade de realizar seu pleno potencial.
- b. Promover a justiça econômica propiciando a todos a consecução de uma subsistência significativa e segura, que seja ecologicamente responsável.

4. Garantir a generosidade e a beleza da Terra para as atuais e as futuras gerações.

- a. Reconhecer que a liberdade de ação de cada geração com referência ao meio ambiente é condicionada pelas necessidades das gerações futuras.
- b. Transmitir às futuras gerações valores, tradições e instituições que apoiem, a longo termo, a prosperidade das comunidades humanas e ecológicas da Terra.

II. INTEGRIDADE ECOLÓGICA

5. Proteger e restaurar a integridade dos sistemas ecológicos da Terra, com especial preocupação pela diversidade biológica e pelos processos naturais que sustentam a vida.

- a. Adotar planos e regulações de desenvolvimento sustentável em todos os níveis que façam com que a conservação ambiental e a reabilitação integral sejam parte de todas as iniciativas de desenvolvimento.
- b. Estabelecer e proteger uma natureza viável e as reservas da biosfera, incluindo terras selvagens e áreas marinhas, para proteger os sistemas de apoio à vida da Terra, manter a biodiversidade e preservar nossa herança natural.
- c. Promover a recuperação de espécies e ecossistemas em perigo.
- d. Controlar e erradicar organismos não-nativos ou modificados geneticamente que causem dano às espécies nativas, ao meio ambiente, e prevenir a introdução desses organismos daninhos.

- e. Manejar o uso de recursos renováveis como a água, solo, produtos florestais e a vida marinha com maneiras que não excedam as taxas de regeneração e que protejam a sanidade dos ecossistemas.
- f. Manejar a extração e uso de recursos não renováveis como minerais e combustíveis fósseis de forma que diminua a exaustão e não cause sério dano ambiental.

6. Prevenir o dano ao ambiente como o melhor método de proteção ambiental e quando o conhecimento for limitado, tomar o caminho da prudência.

- a. Orientar ações para evitar a possibilidade de sérios ou irreversíveis danos ambientais mesmo quando a informação científica seja incompleta ou não conclusiva.
- b. Impor o ônus da prova àqueles que afirmam que a atividade proposta não causará dano significativo e fazer com que os grupos sejam responsabilizados pelo dano ambiental.
- c. Garantir que a decisão a ser tomada se oriente pelas conseqüências humanas globais, cumulativas, de longo termo, indiretas e de longa distância.
- d. Impedir a poluição de qualquer parte do meio ambiente e não permitir o aumento de substâncias radioativas, tóxicas ou perigosas.
- e. Evitar que atividades militares causem dano ao meio ambiente.

7. Adotar padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário.

- a. Reduzir, reutilizar e reciclar materiais usados nos sistemas de produção e consumo e garantir que os resíduos possam ser assimilados pelos sistemas ecológicos.
- b. Atuar com restrição e eficiência no uso de energia e confiar-se de forma crescente nos recursos energéticos renováveis como a energia solar e o vento.
- c. Promover o desenvolvimento, a adoção e a transferência equitativa de tecnologias ambientais saudáveis.
- d. Incluir totalmente os custos ambientais e sociais de bens e serviços no preço de venda e permitir aos consumidores identificar produtos que satisfaçam as mais altas normas sociais e ambientais.
- e. Garantir acesso universal ao cuidado sanitário que fomente a saúde reprodutiva e a reprodução responsável.
- f. Adotar estilos de vida que acentuem a qualidade de vida e o suficiente material num mundo finito.

8. Aprofundar o estudo da sustentabilidade ecológica e promover a troca aberta e uma ampla aplicação do conhecimento adquirido.

- a. Apoiar a cooperação científica e técnica internacional com respeito à sustentabilidade, com especial atenção às necessidades das nações em desenvolvimento.
- b. Reconhecer e preservar os conhecimentos tradicionais e a sabedoria espiritual em todas as culturas que contribuem para a proteção ambiental e o bem-estar humano.

- c. Garantir que informações de vital importância para a saúde humana e para a proteção ambiental, incluindo informação genética, estejam disponíveis ao domínio público.

III. JUSTIÇA SOCIAL E ECONÔMICA

9. Erradicar a pobreza como um imperativo ético, social, econômico e ambiental.

- a. Garantir o direito à água potável, ao ar puro, à segurança alimentar, aos solos não contaminados, ao abrigo e à higiene segura, distribuindo os recursos nacionais e internacionais requeridos.
- b. Prover cada ser humano de educação e recursos para assegurar uma subsistência sustentável, e dar seguro médico e segurança coletiva a todos aqueles que não são capazes de manter-se a si mesmos.
- c. Reconhecer o não instruído, proteger o vulnerável, servir àqueles que sofrem, e permitir-lhes desenvolver suas capacidades e alcançar suas aspirações.

10. Garantir que as atividades econômicas e instituições em todos os níveis promovam o desenvolvimento humano de forma eqüitativa e sustentável.

- a. Promover a distribuição eqüitativa da riqueza dentro e entre nações.
- b. Incrementar os recursos intelectuais, financeiros, técnicos e sociais das nações em desenvolvimento e aliviar as dívidas internacionais onerosas.
- c. Garantir que todas as transações comerciais apóiem o uso de recursos sustentáveis, a proteção ambiental e normas laborais progressistas.

d. Exigir que corporações multinacionais e organizações financeiras internacionais atuem com transparência em benefício da população e responsabilizá-las pelas consequências de suas atividades.

11. Afirmar a igualdade e a equidade de gênero como pré-requisitos para o desenvolvimento sustentável e assegurar o acesso universal à educação, ao cuidado da saúde e às oportunidades econômicas.

- a. Assegurar os direitos humanos das mulheres e das meninas e acabar com a violência contra elas.
- b. Estabelecer a participação ativa das mulheres em todos os aspectos da vida econômica, política, civil, social e cultural como parceiros plenos e paritários, formadores de opinião, líderes e beneficiários.
- c. Reforçar as famílias e garantir a segurança e a amorosa criação de todos os membros da família.

12. Apoiar, sem discriminação, os direitos de todas as pessoas a um ambiente natural e social, capaz de assegurar a dignidade humana, a saúde corporal e o bem-estar espiritual, dando especial atenção aos povos indígenas e minorias.

- a. Eliminar a discriminação em todas suas formas, como as baseadas na raça, cor, sexo, orientação sexual, religião, idioma e origem nacional, étnica ou social.
- b. Afirmar o direito dos povos indígenas à sua espiritualidade, conhecimentos, terras e recursos, assim como às suas práticas relacionadas a formas sustentáveis de vida.

- c. Honrar e apoiar os jovens das nossas comunidades, habilitando-os para cumprir seu papel essencial na criação de sociedades sustentáveis.
- d. Proteger e restaurar lugares notáveis, de significado cultural e espiritual.

IV. DEMOCRACIA, NÃO VIOLÊNCIA E PAZ

13. Reforçar as instituições democráticas em todos os níveis e garantir-lhes transparência e credibilidade no exercício do governo, a participação inclusiva na tomada de decisões e no acesso à justiça.

- a. Garantir o direito a todas as pessoas de receber informação clara e em tempo hábil sobre assuntos ambientais e desenvolvimento de todos os planos e atividades que poderiam afetá-las ou nos quais tivessem interesse.
- b. Apoiar sociedades locais, regionais e globais e promover a participação ativa de todos os indivíduos e organizações na toma de decisões.
- c. Proteger os direitos à liberdade de opinião, de expressão, de assembléia pacífica, de associação e de oposição.
- d. Instituir o acesso efetivo e eficiente a procedimentos administrativos e judiciais independentes, incluindo mediação e retificação dos danos ambientais e da ameaça de tais danos.
- e. Eliminar a corrupção em todas as instituições públicas e privadas.
- f. Fortalecer as comunidades locais, habilitando-as a cuidar dos seus próprios ambientes e definir responsabilidades ambientais a nível governamental onde possam ser cumpridas mais efetivamente.

14. Integrar na educação formal e aprendizagem ao longo da vida, os conhecimentos, valores e habilidades necessárias para um modo de vida sustentável.

- a. Oferecer a todos, especialmente a crianças e a jovens, oportunidades educativas que os empodere a contribuir ativamente para o desenvolvimento sustentável.
- b. Promover a contribuição das artes e humanidades assim como das ciências na educação sustentável.
- c. Maximizar o papel dos meios de comunicação de massas no sentido de aumentar a conscientização dos desafios ecológicos e sociais.
- d. Reconhecer a importância da educação moral e espiritual para uma subsistência sustentável.

15. Tratar todos os seres vivos com respeito e consideração.

- a. Impedir crueldades aos animais mantidos em sociedades humanas e diminuir seus sofrimentos.
- b. Proteger animais selvagens de métodos de caça, armadilhas e pesca que causem sofrimento externo, prolongado o evitável.
- c. Evitar ou eliminar ao máximo possível a captura ou destruição de espécies ameaçadas.

16. Tratar todos os seres vivos com respeito e consideração.

- a. Estimular e apoiar os entendimentos mútuos, a solidariedade e a cooperação entre todas as pessoas, dentro e entre nações.

- b. Implementar estratégias combinadas para prevenir conflitos violentos e animar a colaboração de todos para manejar e resolver conflitos ambientais e outras disputas.
- c. Desmilitarizar os sistemas de segurança nacional até chegar ao nível de uma postura não provocativa da defesa e converter os recursos militares em propósitos pacíficos, incluindo restauração ecológica.
- d. Eliminar armas nucleares, biológicas e tóxicas e outras armas de destruição de massa.
- e. Afirmar que o uso de espaços orbitais e exteriores apoiam a proteção ambiental e a paz.
- f. Reconhecer que a paz é a integridade criada por relações corretas consigo mesmo, com outras pessoas, outras culturas, outras vidas, com a Terra e com o grande Todo do qual somos parte⁴⁷.

⁴⁷ Texto extraído do site www.mma.gov.br.

Anexo 3

A nova gênese da humanidade

Robert Muller

E Deus viu que todas as nações da Terra, negras e brancas, pobres e ricas, do norte e do sul, do oriente e do ocidente, de todos os credos enviavam os seus emissários a um grande edifício de cristal, nas margens do rio do sol nascente, na ilha de Manhattan, na ONU, para juntos estudar, juntos pensar, juntos cuidarem do mundo e de todas as suas tribos.

E Deus disse: isso é bom.

E esse foi o primeiro dia da Nova Era da Terra.

E Deus viu que os soldados de paz separavam os combatentes de nações em guerra, que as diferenças eram resolvidas pela negociação e pela razão e não pelas armas, e que os líderes das nações se encontravam, trocavam idéias, uniam os seus corações, as suas mentes, as suas forças para benefício de toda a Humanidade.

E Deus disse: isso é bom.

E esse foi o segundo dia do Planeta da Paz.

E Deus viu que os seres humanos amavam a totalidade da Criação, as estrelas e o sol, o dia e a noite, o ar e os oceanos, a terra e as águas, os peixes e as aves, as flores e as plantas, chamando-os a todos irmãos e irmãs.

E Deus disse: isso é bom.

E esse foi o terceiro dia do Planeta da Felicidade.

E Deus viu que os seres humanos eliminavam a fome, a doença, a ignorância, o sofrimento em toda a Terra, proporcionando a cada pessoa humana uma vida decente, reduzindo a avidez, a força e a riqueza de uns poucos.

E Deus disse: isso é bom.

E esse foi o quarto dia do Planeta da Justiça.

E Deus viu que os seres humanos viviam em harmonia com o seu planeta e paz com os outros, gerindo os seus recursos com sabedoria, evitando o desperdício, refreando os excessos, substituindo o ódio pelo amor, a avidez pelo contentamento, a arrogância pela unidade, a suspeita pela compreensão.

E Deus disse: isso é bom.

E esse foi o quinto dia do Planeta do Ouro.

E Deus viu que as nações destruíam as suas armas, as suas bombas, os seus mísseis, os seus navios e aviões de guerra, desativando as suas bases, desmobilizando os seus exércitos, mantendo apenas polícias para proteger os bons dos malévolos.

E Deus disse: isso é bom.

E esse foi o sexto dia do Planeta da Razão.

E Deus viu que os seres humanos restauravam Deus e a Pessoa Humana como princípio e fim de tudo, reduzindo instituições, crenças políticas, governos e todas as entidades humanas a simples servidores de Deus e dos Povos. E Deus viu adotar como lei suprema: “Amarás ao Deus do Universo com todo o teu coração, com toda a tua alma, com toda a tua mente, com todas as tuas forças e amarás os teus irmãos e irmãs humanos como amas a ti mesmo. Não há mandamento maior que este.”

E Deus disse: isso é muito bom.

E esse foi o sétimo dia do Planeta de Deus⁴⁸.

⁴⁸ Texto extraído do livro “O nascimento de uma civilização global”, de Robert Muller, das páginas 294 a 299.

Anexo 4

O discurso do cacique Seattle

O grande Chefe de Washington mandou dizer que deseja comprar nossa terra. O grande Chefe assegurou-nos também de sua amizade e benevolência. Isto é gentil de sua parte, pois bem sabemos que ele não precisa de nossa amizade.

Vamos, porém, pensar em sua oferta, pois sabemos que se não o fizermos, o homem branco virá com armas e tomará nossa terra. O grande Chefe de Washington pode confiar no que o Chefe Seattle diz, com a mesma certeza com que nossos irmãos brancos podem confiar na alteração das estações do ano. Minha palavra é como as estrelas. Elas não empalidecem.

Como podes comprar ou vender o céu e o calor da Terra? Tal idéia é estranha para nós. Se não somos donos da pureza do ar ou do resplendor da água, como então podes comprá-los?

Cada torrão desta terra é sagrado para o meu povo. Cada folha reluzente de pinheiro, cada praia arenosa, cada véu de neblina na floresta escura, cada clareira e inseto a zumbir são sagrados nas tradições e na consciência do meu povo. A seiva que circula nas árvores carrega consigo as recordações do homem vermelho.

O homem branco esquece a sua terra natal, quando, depois de morto, vai vagar por entre as estrelas. Os nossos mortos nunca esquecem esta formosa Terra, pois ela é mãe do homem vermelho. Somos parte da Terra e ela é parte de nós. As flores perfumadas são nossas irmãs. O veado, o cavalo e a grande águia são nossos irmãos. As cristas rochosas, as campinas verdejantes, o calor dos *ponys* e do ser humano, todos pertencem à mesma família.

Portanto, quando o grande Chefe de Washington manda dizer que deseja comprar nossa terra, ele exige muito de nós. O grande Chefe manda dizer que irá reservar para nós um lugar em que possamos viver confortavelmente. Ele será nosso pai e nós seremos seus filhos. Portanto, vamos considerar a tua oferta de compra de nossa terra. Mas não vai ser fácil, porque esta terra é para nós sagrada.

Esta água brilhante que corre nos rios e regatos não é apenas água, mas sim o sangue de nossos ancestrais. Se te vendermos a terra, terás de lembrar que ela é sagrada e terás de ensinar a teus filhos que é sagrada e que cada reflexo no espelho da água límpida dos lagos conta as histórias e as recordações da vida de meu povo. O rumorejar da água é a voz do pai de meu pai. Os rios são nossos irmãos. Eles saciam nossa sede. Os rios transportam nossas canoas e alimentam nossos filhos. Se te vendermos nossa terra, terás de te lembrar e ensinar a teus filhos que os rios são irmãos nossos e teus e terás de dispensar aos rios a mesma afabilidade que darias a um irmão.

Sabemos que o homem branco não compreende o nosso modo de viver. Para ele um lote de terra é igual ao outro, porque ele é um forasteiro que chega na calada da noite e tira da terra tudo o que necessita. A Terra não é sua irmã, mas sim sua inimiga. E depois que a conquista ele vai embora. Deixa para trás os túmulos de seus antepassados e nem se importa. Arrebata a terra das mãos de seus filhos e nem se importa. Esquece a sepultura de seus pais e o direito de seus filhos à herança. Ele trata sua mãe, a Terra, e seu irmão, o Céu, como coisas que podem ser compradas, saqueadas, vendidas como ovelhas ou quinquilharias brilhantes. Sua voracidade arruinará a Terra, deixando para trás apenas um deserto.

Não sei. Nossos modos diferem dos teus. A vista de tuas cidades causa

tormento aos olhos do homem vermelho. Mas talvez isto seja assim por ser o homem vermelho um selvagem que de nada entende.

Não há sequer um lugar calmo nas cidades do homem branco. Não há um lugar onde se possa ouvir o desabrochar da folhagem na primavera ou o farfalhar das asas de um inseto. Mas talvez assim seja por ser eu um selvagem que nada entende.

O barulho serve apenas para insultar os ouvidos. E que vida é essa quando um homem não pode ouvir a voz solitária de um curiango, a conversa dos sapos em volta de um brejo? Sou um homem vermelho e nada entendo. O índio prefere o suave sussurro do vento acariciando a superfície de um lago e o cheiro do próprio vento, purificado por uma chuva do meio-dia ou recendendo a pinheiro.

O ar é precioso para o homem vermelho, porque todas as criaturas participam da mesma respiração, os animais, as árvores e o ser humano. Todos participam da mesma respiração. O homem branco não parece perceber o ar que respira. Como um moribundo em prolongada agonia, ele é insensível ao ar fétido. Mas se te vendermos nossa terra, terás de te lembrar que o ar é precioso para nós, que o ar reparte o espírito com toda a vida que ele sustenta. O vento que deu ao nosso bisavô o seu primeiro sopro de vida também recebe seu último suspiro. E se te vendermos nossa terra, deverás mantê-la reservada, feita santuário, como um lugar em que o próprio homem branco possa ir saborear o vento, adoçado com a fragrância das flores campestres.

Assim, pois, vamos considerar tua oferta de compra de nossa terra. Se decidirmos aceitar, farei uma condição: o homem branco deve tratar os animais desta terra como se fossem seus irmãos.

Sou um selvagem e não consigo pensar de outro modo. Tenho visto milhares de bisões apodrecendo na pradaria, abandonados pelo homem branco que os abatia a tiros disparados do trem em movimento. Sou um selvagem e não entendo como um fumegante cavalo de ferro possa ser mais importante que o bisão que nós, os índios, matamos apenas para o sustento de nossa vida.

O que é o homem sem os animais? Se todos os animais se acabassem, o homem morreria de solidão de espírito. Porque tudo o que acontece aos animais, logo acontece também ao homem. Tudo está relacionado entre si.

Deveis ensinar a vossos filhos que a terra onde pisam simboliza as cinzas de nossos ancestrais. Para que tenham respeito aos pais, conta a teus filhos que a riqueza da terra são as vidas de nossa parentela. Ensina a teus filhos o que temos ensinado aos nossos: que a Terra é nossa mãe. Tudo quanto fere a Terra, fere os filhos e filhas da Terra. Se os homens cospem no chão, cospem sobre eles próprios.

De uma coisa sabemos: a Terra não pertence ao homem. É o homem que pertence à Terra. Disto temos certeza. Todas as coisas estão interligadas como o sangue que une uma família. Tudo está relacionado entre si. O que fere a Terra fere também os filhos e filhas da Terra. Não foi o homem que teceu a trama da vida: ele é meramente um fio da mesma. Tudo o que fizer à trama, a si mesmo fará.

Os nossos filhos viram seus pais humilhados na derrota. Os nossos guerreiros sucumbem sob o peso da vergonha. E depois da derrota passam o tempo sem fazer nada, envenenando seu corpo com alimentos adocicados e bebidas fortes. Não tem muita importância onde passaremos nossos últimos dias. Eles não são muitos. Mais algumas horas, mesmo alguns invernos, e nenhum dos filhos das grandes tribos que viveram nesta terra ou que têm vagueado em bandos pelos

bosques sobrar  para chorar sobre os túmulos, um povo que um dia foi tão poderoso e cheio de confiança como o nosso.

Nem o homem branco com seu Deus, com quem anda e com quem conversa de amigo para amigo, está fora do destino comum. Poderíamos ser irmãos, apesar de tudo. Vamos ver. De uma coisa sabemos que o homem branco venha talvez, um dia, a descobrir: o nosso Deus é o mesmo Deus. Talvez julgues que O podes possuir do mesmo jeito como desejas possuir nossa terra. Mas não o podes. Ele   Deus da humanidade inteira. Ele tem a mesma piedade para com o homem vermelho e para com o homem branco. Esta Terra   preciosa para Ele. Causar dano à Terra   desprezar o seu Criador.

Os brancos também vão acabar um dia. Talvez mais cedo do que todas as demais raças. Continuem! Poluam sua cama! Numa noite, irão morrer sufocados nos próprios dejetos!

Contudo, ao desaparecerem, brilhar o fulgorosamente, abrasados pela fôrça de Deus que os trouxe a este país e que os destinou dominar esta terra e o homem vermelho. Este destino   para nós um enigma. Não conseguimos imaginar como será quando os bisões forem massacrados, os cavalos selvagens domesticados, os recantos mais reclusos da floresta infestados pelo cheiro de muita gente e as colinas ondulantes cortadas por fios que falam.

Onde ficou a floresta densa e fechada? Acabou. Onde estará a  guia? Foi embora. Que significa dizer adeus ao *pony* ligeiro e   caça? É o fim da vida e o começo da sobrevida.

Deus vos deu, por algum desígnio especial, o domínio sobre os animais, as florestas e sobre o homem vermelho. Mas este desígnio   para nós um enigma. Nós

o compreenderíamos talvez se conhecêssemos os sonhos do homem branco, se soubéssemos quais as esperanças que transmite a seus filhos e filhas nas longas noites de inverno e quais as visões de futuro que oferece às suas mentes para que se possam formular desejos para o dia de amanhã.

Somos, porém, selvagens,. Os sonhos do homem branco são para nós ocultos. E por serem ocultos, temos de andar, sozinhos, por nosso próprio caminho. Pois, acima de tudo, apreciamos o direito de cada um viver conforme deseja. Por isso, se o homem branco consentir, queremos ver garantidas as reservas que nos prometeu. Lá, talvez, possamos viver nossos últimos dias conforme desejamos.

Depois que o último homem vermelho tiver partido e a sua lembrança não passar de sombra de uma nuvem pairando sobre as pradarias, a alma do meu povo continuará vivendo nestas florestas e praias, porque nós as amamos como um recém-nascido ama o pulsar do coração de sua mãe.

Se te vendermos nossa Terra, ama-a como nós a amávamos. Protege-a como nós a protegíamos. Nunca esqueças de como era esta Terra quando dela tomaste posse. E com toda a tua força, o teu poder e todo o teu coração conserva-a para teus filhos e filhas e ama-a como Deus nos ama a todos.

De uma coisa sabemos: o nosso Deus é o mesmo Deus. Esta Terra Ihe é sagrada. Nem mesmo o homem branco pode esquivar-se do destino comum a todos nós⁴⁹.

⁴⁹ Texto extraído do livro “Ecologia: grito da terra, grito dos pobres”, de Leonardo Boff, das páginas 294 a 299.